Reconhecido
CGADB-CEC

CETADEB

CENTRO EDUCACIONAL TEOLÓGICO
DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS
NO BRASIL



PSICOLOGIA PASTORAL

Pr Jamiel de Oliveira Lopes

PSICOLOGIA PASTORAL

Pr Jamiel de Oliveira Lopes

Copyright © 2010 by Jamiel de Oliveira Lopes

Capa e Designer: Márcio Rochinski
Diagramação: Hércules Carvalho Denobi

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados a Denobi e Acioli Empreendimentos Educacionais.

O conteúdo dessa obra é de inteira responsabilidade do autor.

Todas as citações foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação entre parêntesis ao lado do texto indicando outra fonte.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica Lex Ltda

1ª Edição – Jun/2010

DIRETORIAS E CONSELHOS

Diretor
Pr Hércules Carvalho Denobi

Vice-Diretora
Eliane Pagani Acioli Denobi

Conselho Consultivo
Pr Daniel Sales Acioli – Apucarana-PR
Pr Perci Fontoura – Umuarama-PR
Pr José Polini – Ponta Grossa-PR
Pr Valter Ignácio – Guaíra-PR

Coordenação Pedagógica
Dagma Matildes de Sousa dos Santos – Apucarana-PR

Coordenação Teológica
Pr Genildo Simplício – São Paulo-SP
Dc Márcio de Souza Jardim – Guaíra-PR

Assessoria Jurídica
Dr Mauro José Araújo dos Santos – Apucarana-PR
Dr Carlos Eduardo Neres Lourenço – Curitiba-PR
Dr Altenar Aparecido Alves – Umuarama-PR
Dr Wilson Roberto Penharbel – Apucarana-PR

Autores dos Materiais Didáticos

Pr José Polini
Pr Ciro Sanches Zibordi
Pr Genildo Simplício
Pr Jamiel de Oliveira Lopes
Pr Marcos Antonio Fornasieri
Pr Sérgio Aparecido Guimarães
Pr José Lima de Jesus
Pr José Mathias Acácio
Pr Reinaldo Pinheiro
Pr Edson Alves Agostinho
Rubeneide O. Lima Fernandes

NOSSO CREDO

- Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: O Pai, Filho e o Espírito Santo. (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).
- Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2Tm 3.14-17).
- Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9).
- Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19).
- Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).
- No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9).
- No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12).

- Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1Pe 1.15).
- No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).
- Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1Co 12.1-12).
- Na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatar a sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16. 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14).
- Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2Co 5.10).
- No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).
- E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil - CGADB

ABREVIAÇÕES

a.C. – antes de Cristo.
ARA – Almeida Revista e Atualizada
ARC – Almeida Revista e Corrigida
AT – Antigo Testamento
BV – Bíblia Viva
BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
c. – Cerca de, aproximadamente.
cap. – capítulo; caps. – capítulos.
cf. – confere, compare.
d.C. – depois de Cristo.
e.g. – por exemplo.
Fig. – Figurado.
fig. – figurado; figuradamente.
gr. – grego
hb. – hebraico
i.e. – isto é.
IBB – Imprensa Bíblica Brasileira
Km – Símbolo de quilometro
lit. – literal, literalmente.
LXX – Septuaginta (versão grega do AT)
m – Símbolo de metro.
MSS – manuscritos
NT – Novo Testamento
NVI – Nova Versão Internacional
p. – página.
ref. – referência; refs. – referências
ss. – e os seguintes (isto é, os versículos consecutivos de um capítulo até o seu final. Por exemplo: 1Pe 2.1ss, significa 1Pe 2.1-25).
séc. – século (s).
v. – versículo;
vv. – versículos.
ver - veja

SUMÁRIO

LIÇÃO I – INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA PSICOLOGIA 11
ATIVIDADES - LIÇÃO I 30

LIÇÃO II – A PSICOLOGIA E NOSSAS EMOÇÕES 31
ATIVIDADES – LIÇÃO II 60

LIÇÃO III – O DESENVOLVIMENTO HUMANO 61
ATIVIDADES – LIÇÃO III 93

LIÇÃO IV – A PSICOLOGIA NO ENSINO E NO ACONSELHAMENTO 123
ATIVIDADES – LIÇÃO IV 128

LIÇÃO V – A PSICOLOGIA NO MINISTÉRIO DO ACONSELHAMENTO 125
ATIVIDADES – LIÇÃO V 155

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 157

Lição I

Introdução ao Estudo da Psicologia

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA PSICOLOGIA

Psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano e seus processos mentais. A palavra "psicologia" deriva-se da junção de duas palavras gregas: **psichê** (alma) e **logos** – (razão: estudo, ciência).

O termo "alma" considerada neste texto não deve ser tomado no seu sentido religioso/metafísico (enquanto entidade espiritual), mas como a "psique" (estrutura biopsicossocial que anima o indivíduo).

O aspecto biopsicossocial trata da inter-relação entre os aspectos biológicos, psicodinâmicos e sociais que constituem o ser humano.

- ***Bio*** – biologia (aspectos anatômicos e fisiológicos)
- ***Psico*** – psicodinâmica (particularidades de cada indivíduo: necessidades, desejos, emoções, cognição, motivação, etc.)
- ***Social*** - relações com as pessoas (interpessoais) e instituições, produção de valores sociais, cultura, etc.

Partindo desse princípio, pode-se concluir que a Psicologia estuda o que motiva o comportamento humano – o que o sustenta, o que o finaliza e seus processos mentais, que passam pela sensação, emoção, percepção, aprendizagem, inteligência etc., desde a concepção do indivíduo (vida intra-uterina) até sua morte.

Telles (2003), diz:

O homem é um animal essencialmente diferente de todos os outros. Não apenas porque raciocina, fala, ri, chora, opõe o polegar aos outros dedos, cria, faz cultura, tem autoconsciência, e consciência de morte.

É também diferente porque o meio social é seu meio específico. Ele deverá conviver com outros homens, numa sociedade que já encontra, ao nascer, dotada de uma complexidade de valores, filosofias, religiões, línguas, tecnologias.

I - Objeto De Estudo Da Psicologia

A Psicologia é a Ciência que se concentra no comportamento e nos processos mentais – de todos os animais.

Palavras essenciais:

1) **Ciência** – investigação válida

2) **Comportamento -** As atividades que são diretamente observáveis e registráveis nos seres humanos e animais: a **comunicação** (falar, emitir sons, usar mímica, etc.), os **movimentos** (correr, andar, pular, etc.) e outras.

Os processos fisiológicos dentro do organismo – os batimentos cardíacos, respiração, alteração Eletroquímica que tem lugar nos nervos, etc.

Os processos conscientes de sensação, sentimentos e pensamentos – A sensação dolorosa de um choque elétrico, a identificação correta de uma palavra projetada numa tela, etc.

3) **Processos Mentais** – O termo processo mental inclui formas de cognição ou formas de conhecimento: perceber, participar, lembrar, raciocinar e resolver problemas. Sonhar, fantasiar, desejar, ter esperança e provar também são processos mentais.

II - História e Evolução Da Psicologia

A história da Psicologia se confunde com a da Filosofia até meados do século XIX. As primeiras tentativas de se sistematizar um conhecimento sobre a "alma" humana surgiram com os antigos filósofos gregos, por volta de 700 a.C.

Os primórdios da psicologia já se encontravam nos mitos da alma. Os gregos derivavam a alma (o anímico) de substâncias primitivas (água, fogo e ar), que significavam a base da vida.

Hipócrates, 400 a.C., liga características da personalidade a tipos de corpo e apresenta uma teoria fisiológica[1] (oposta a uma teoria demonológica[2]) de doença mental.

1) A Antiguidade

Sócrates, Platão e Aristóteles deram o pontapé inicial na instigante investigação da alma humana: Para Sócrates (469/ 399 a C.) a principal característica do ser humano era a razão – aspecto que permitiria ao homem deixar de ser um animal irracional. **Platão** (427/ 347 a C.) – discípulo de Sócrates, conclui que o lugar da razão no corpo humano era a cabeça, representando fisicamente a psichê, e a medula teria como função a ligação entre a mente e o corpo.

Já Aristóteles (387/322 a C.) – discípulo de Platão – entendia corpo e mente de forma integrada, e percebia a psichê como o princípio ativo da vida.

As teorias de Platão e Aristóteles se destacaram e tornaram-se a base usada pelas principais teorias da Psicologia no estudo do comportamento humano.

A teoria platônica postulava a imortalidade da alma e a concebia separada do corpo e a teoria aristotélica afirmava a mortalidade da alma e sua relação de pertencimento ao corpo.

Platão - (427-347 a.C.)

A teoria platônica, mais conhecida como "Idealismo platônico," defendia a existência de dois mundos: Mundo dos Sentidos e o Mundo das Idéias.

A Realidade – Mundo dos Sentidos – cinco sentidos
Mundo das Idéias – Razão

[1] Teoria que defende a existência de doenças mentais.
[2] Teoria que atribui as doenças mentais à possessão demoníaca.

Segundo Platão, só se pode obter um conhecimento seguro daquilo que se reconhece com a razão.

Platão se interessava pelas coisas que de um lado são **eternos** e **imutáveis**, e aquilo que de outro **flui.** Tudo que pertence ao mundo dos sentidos é feito de um material sujeito à corrosão do tempo. Ao mesmo tempo, tudo é formado a partir de uma forma imutável e eterna.

Platão achava que tudo o que se pode tocar e sentir na natureza, **"Flui"**. Não existe, portanto, um elemento básico que não se desintegre, porém existe um aspecto que **é imutável:** são os **modelos espirituais** ou abstratos, a partir dos quais os fenômenos são formados.

Ao se referir ao homem, Platão concluía ser este um ser dual que possui um corpo e uma alma. O corpo está ligado ao mundo dos sentidos e se deteriora, enquanto que a alma é imortal e pertence ao mundo das idéias.

Visão de Homem: Um ser dual - Corpo e Alma

Corpo – Flui – Ligado ao mundo dos sentidos

Alma Imortal – Morada da razão. A alma não é Material, ela pode ter acesso ao mundo das idéias.

Aristóteles (384-322 a.C.)

Aristóteles **é** considerado, hoje, o verdadeiro pai da Psicologia pela sua doutrina uniforme da alma. Sua teoria mais conhecida como o "Realismo Aristotélico"defende que todas as nossas idéias e pensamentos entram em nossa consciência, através do que vemos e ouvimos.

Para Aristóteles a realidade consiste em várias coisas isoladas, que representam uma unidade de forma e substância. A **"Substância"** é o material de que a coisa se compõe. **A "Forma"** são as características peculiares da coisa.

Uma ilustração prática para se compreender essa teoria é o exemplo da galinha. O ato de a galinha bater asas, cacarejar, pôr ovos Aristóteles chama de **FORMA.**

A **SUBSTÂNCIA** é parte material da galinha que reveste a forma. Quando a galinha morre a forma deixa de existir. Resta apenas a substância que se decompõe e se transforma, adquirindo outra Forma.

FORMA DA GALINHA – Bater asas, cacarejar, pôr ovos.

SUBSTÂNCIA DA GALINHA – Aquilo que se decompõe e se transforma.

Para Aristóteles a Forma (parte imaterial – alma) deixa de existir com a morte, apenas a substância deteriorada (parte material – corpo) continua existindo com outra forma, após a sua decomposição.

Todas as coisas vivas e mortas têm uma forma que diz alguma coisa sobre as possibilidades dessas coisas.

Outro aspecto importante da teoria aristotélica é a relação de causa e efeito na natureza. Para ele toda a ação resulta numa reação ou tudo existe por uma determinada causa.

Por exemplo: Uma vidraça se quebrou, porque um garoto atirou uma pedra. Um sapato passou a existir, porque o sapateiro costurou alguns pedaços de couro.

Aristóteles também defendia a existência de uma causa final ou finalidade, para explicar alguns processos vivos da natureza. Usando o exemplo anterior, pergunta-se: "Por que o garoto atirou a pedra?". Há uma razão maior que motivou a ação.

Vejamos o exemplo da chuva:

Por que chove? "o vapor da água esfria nas nuvens e se condensa na forma de gotas de chuva que, por causa da gravidade, caem no chão.

1) Causa Substancial ou Material – o fato de o vapor d'água (as nuvens) estar ali, bem na hora em que o ar esfriou.

2) Causa atuante ou eficiente – o fato de que o vapor d'água esfriou.

3) Causa formal – o fato de ser inerente à forma ou à natureza da água cair no chão.

4) Causa final ou finalidade – Chove porque as plantas e os animais precisam de água da chuva para crescer.

Aristóteles atribui às gotas de chuva uma espécie de tarefa vital, um propósito.

2) A Idade Média

A Idade Média caracteriza-se pela aceitação das concepções de Aristóteles e suas ligações com o pensamento cristão.

O império romano consolida a expansão do cristianismo e o conhecimento psicológico vincula-se à religião (Igreja Católica). Qualquer outra produção sobre o saber psicológico é considerada profana e seus criadores/seguidores ficam submetidos à repressão da Igreja (inquisição, inicialmente católica e, depois, também protestante).

Na Idade Média destacam-se obras de dois teólogos católicos: **Santo Agostinho e Santo Tomaz de Aquino**. Ambos afirmavam ter a "alma" uma essência divina.

Santo Agostinho (400 d.C), nas "Confissões", descreve seu desenvolvimento pessoal, introduzindo o "método autobiográfico de observação" e atribui a máxima certeza à experiência interior, o que torna o homem consciente de si mesmo e de sua individualidade.

Santo Tomás de Aquino (1225-1274) ocupou-se com o problema fundamental da natureza da alma e sua relação com o corpo.

Mestre Eckhart estabeleceu a diferença entre o mundo externo de conhecimentos naturais e o mundo interno de experiência religiosa, baseando-se nas faculdades afetivas.

Surgiram concepções como "a vontade", "a consciência" e "a liberdade", porém ainda presas à tradicional indissolubilidade entre o homem e Deus.

3) A Idade Moderna

Ocorre a ruptura entre a ciência e a religião. Ressurge o poder do conhecimento filosófico-científico.

P. Melanchthon (1497-1560), recorrendo a Aristóteles, usou pela primeira vez a palavra "Psicologia". Estudou os processos psíquicos sob o aspecto científico.

J. Huarte (1520-1589) ocupou-se com o problema do "Dom" (vocação) e abriu novos caminhos para o método de observação diferencial-psicológico na Idade Contemporânea.

René Descartes (1596-1650), com sua "teoria da interação", traz de volta a questão antiga da inter-relação corpo e alma. Concebe o homem como uma máquina pensante, concebendo o dualismo (separação mente-corpo).

Os filósofos ingleses consideravam a alma de uma criança recém-nascida uma tábua rasa, em que as experiências vividas iriam agravar as suas impressões, no decorrer do tempo. John Locke (1632-1704) abriu caminho para essa concepção, afirmando que as experiências se formam tanto por sensações (percepção de objetos exteriores), quanto por reflexão, que diz respeito à percepção da vida anímica, ou seja, interior.

David Hatley (1749) formaliza a doutrina do associacionismo, e sugere uma base neurológica para a memória.

Pierre Flourens (1821) realiza os primeiros experimentos significativos sobre localização de funções

4) A Idade Contemporânea

Nos fins do século XIX surgiram as escolas de Psicologia que nortearam todos os estudos das principais correntes de psicologia, defendidas na atualidade.

4.1) A Psicologia No Século XIX

A Psicologia rompe com a Filosofia e recebe o estatuto de ciência (produz um conhecimento sistematizado próprio).

Wilhelm Wundt (1832-1920), em Leipzig, abre o primeiro laboratório formal de psicologia em 1879.

Wundt fez muitos trabalhos para medir o tempo de processos mentais, através do estudo de tempo de reação. Tempo de reação é o tempo que transcorre entre um estímulo e a resposta a este.

Wundt também estudou a atenção, os processos emocionais e os processos associativos na memória.

A psicologia de Wundt era introspectiva (isto é, dependia muito da descrição que o sujeito fazia de suas experiências), mas ao mesmo tempo estava voltada para métodos de laboratório, onde incluía vários tipos de instrumentos de precisão.

4.2) Principais Escolas De Psicologia Do Século XX.

Ao fim do século IX surgiram várias escolas de Psicologia, dentre elas o Behaviorismo, uma escola fundada por John B. Watson, que parte do princípio que todo comportamento é decorrente de estímulos que o indivíduo recebe do meio social em que ele vive. De acordo com essa escola o indivíduo é fruto do meio social em que vive.

Outra escola que se destacou foi a Psicologia da Gestalt criada por Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Kofka.

Essa escola causou enorme impacto em todo o campo da psicologia na metade do século XX, por questionar um dos princípios básicos do Behaviorismo sobre a relação de causa e efeito ou estímulo – resposta. De acordo com a Gestalt nem todas as pessoas respondem de igual forma aos estímulos recebidos como defende o Behaviorismo. Entre o estímulo que o meio fornece e a resposta que o individuo dá existe o processo da percepção. A maneira como percebemos um estímulo é que desencadeará o nosso comportamento.

A terceira escola de psicologia que se destacou foi a Psicanálise, criada por Sigmund Freud. O pensamento de Freud foi explicitamente apresentado em principalmente três obras: "Interpretação dos Sonhos", a mais conhecida, que publicou, em

1900; "Psicopatologia da Vida Cotidiana", na qual apresenta os primeiros postulados da teoria psicanalítica, publicada em 1901, e "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade", que contem a exposição básica da sua teoria, de 1905.

Segundo a Psicanálise existem três sistemas ou instâncias psíquicas: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente.

a) O consciente corresponde a uma pequena parte da mente, onde está a consciência, incluindo todas as lembranças que podem ser acessadas imediatamente. "... é o espaço onde aparecem emoção, intelecto e vontade; é o campo onde pensamentos, sentimentos e vontade interagem..."[3]

b) O pré-consciente corresponde à parte da mente consciente menos exposta e explorada. Incluem todas as lembranças que não estão necessariamente conscientes, mas que podem ser evocadas.

c) O inconsciente é o resultado da soma dos traços que se recebe por herança mais as sínteses das experiências vividas.[4] No inconsciente estão elementos instintivos não acessíveis à consciência.

Segundo Freud todas as nossas experiências vividas durante a vida são armazenadas na mente. Apenas algumas destas experiências permanecem na nossa consciência. A maioria não será mais lembrada indo, portanto para a região do inconsciente. De acordo com essa teoria uma boa parte das condutas estáveis que determinam à personalidade do indivíduo está arraigada aos conteúdos inconscientes.

Dentre as teorias apresentadas por Freud, destaca-se a estrutura da personalidade. De acordo com essa teoria o aparelho psíquico é composto de três partes: Id, Ego e Superego.

O Id é a parte instintiva do indivíduo que o impulsiona a ação ou a busca do prazer. O Id busca a satisfação das necessidades sem medir as consequencias dos atos.

[3] Fabio Damasceno. Oficina de Cura Interior, 1997.
[4] Idem

O Superego tem uma função de frear o Id controlando o comportamento do indivíduo. Atua como uma censura que determina o que é certo e o que é errado.

O Ego é o resultado entre a luta do Id com o Superego. Ele atua como intermediário entre o Id e o mundo externo. Logo cedo o indivíduo começa a descobrir que existem normas e regras estabelecidas pelo meio social onde ele vive. Aos poucos estas normas vão sendo incorporadas à estrutura psíquica do indivíduo determinando o seu superego.

4.3) A Alma Ou Personalidade Na Visão Bíblica[5]

A alma é a sede da vida intelectual, emocional, volitiva e espiritual do homem (Hb 4.12; 4.7; Mt 22.37). Ela depende do corpo para se expressar e vice-versa. Esta interdependência é chamada na Bíblia de: *"homem exterior". "Por isso não desanimamos: pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo o nosso homem interior se renova de dia em dia"* (2 Co 4: 16).

A alma é formada por três elementos: intelecto, sentimento e vontade. Através desses elementos pensamos, sentimos e agimos. O expressar, conjunto destas três áreas, forma **a Personalidade do homem**.

INTELECTO – É a parte pensante da alma. "Faculdade ou atividade pensante inerente à condição humana, capaz de conferir sentido, limites, ordem e medida ao universo e aos seus múltiplos seres; inteligência, entendimento". É a faculdade cognitiva - processo ou faculdade de adquirir um conhecimento. Intelecto diz respeito ao entendimento, pensamento, raciocínio, decisão, julgamento e conhecimento. É a capacidade de compreender e julgar as coisas e fazer distinção entre o bem e o mal. Nessa parte da alma, também são peculiares as manifestações da imaginação, memória e razão.

[5] Coleção Teologia Sistemática Doutrina do Homem e dos Anjos - Jamiel de Oliveira Lopes, Idel. 2009

SENTIMENTO - O termo sentimento significa aptidão para sentir; disposição para se comover ou se impressionar; sensibilidade; disposição afetiva em relação a coisas de ordem moral ou intelectual, afeto, amor, tristeza, pesar, dor, prazer. Envolve afeições e desejos da alma. É o que faz do ser humano um ser emotivo e não insensível.

VONTADE – Volição, vontade própria; faculdade do querer, do desejo; poder de escolher ou determinar; arbítrio. A vontade não atua sozinha, mas age sob a influencia do intelecto e das forças emotivas da alma.

CONSCIÊNCIA – Muitos concordam que a consciência é uma das faculdades da alma e não do espírito, assim como defendem algumas correntes. Biblicamente, a consciência é a marca da criação de Deus (Rm 2.15). Ela não está sujeita à vontade e nem aos sentimentos humanos e é capaz de aprovar ou desaprovar as ações do homem. É a faculdade que capacita o ser humano a conhecer e seguir os padrões morais do Criador. Por meio da consciência, Deus revela a sua vontade ao homem, e quando o homem desobedece a esta vontade, a sua consciência o acusa.

A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

III – QUE É PERSONALIDADE?

Krech e Crutchfield (1963) mostram que o termo personalidade é muito abrangente.

> *Essa definição inclui os traços, as habilidades, as crenças, as atitudes, os valores, os motivos e as formas habituais de ajustamento do indivíduo. Inclui o que denominamos temperamento - as reações emocionais típicas, os estados de humor, as características de vigor da pessoa - assim como o que, numa terminologia mais antiga, se denominava caráter, isto é, a concepção moral e a conduta do indivíduo. E mais do que isso, a definição inclui a síntese de*

todos esses aspectos - a maneira peculiar pela qual os traços, as habilidades, os motivos e os valores se organizam na pessoa.

Existem centenas de definições de personalidade. Allport (1974), um dos mais conceituados teóricos do assunto, relaciona não menos de cinquenta dessas definições, obtidas na Filosofia, na Teologia, no Direito, na Sociologia etc. E, de maneira ampla, agrupa em três classes: definições de efeitos externos, de estrutura interna e positivista.

A) Efeito Externo

- A soma total do efeito provocado por um indivíduo na sociedade;
- Hábitos ou ação que conseguem influir em outras pessoas;
- Respostas apresentadas pelos outros ao indivíduo, considerado como estímulo;
- O que os outros pensam de você.

As definições, através de efeitos externos, apresentam uma visão social ou "externa" da personalidade. Apenas enfoca o aparente ou aspectos que causam a impressão em outras pessoas. Nesse caso, personalidade é confundida com reputação. "Evidentemente, a impressão no desenvolvimento de nossas personalidades".

B) Estrutura Interna

Personalidade é:

- A soma total de todas as disposições biológicas inatas, impulsos, tendências, apetites e instintos do indivíduo, bem como as disposições e tendências adquiridas por experiência.
- A organização mental total de um ser humano, em qualquer estágio de seu desenvolvimento. Abrange todos os aspectos do caráter humano, do intelecto, do pensamento, da habilidade, da moralidade e todas as atitudes constituídas durante a vida da pessoa.

- O conjunto organizado de processos e estados psicológicos que pertencem ao indivíduo.
- Um esquema unificado de experiência, uma organização de valores que são mutuamente consistentes.

As definições, através da Estrutura interna, prendem-se exclusivamente à organização interior. São definições mais estruturais, aceitas por quase todos os filósofos.

C) A Opinião Positivista

A personalidade é:

- A conceitualização mais adequada do comportamento de uma pessoa, considerada em todos os seus pormenores, e que um cientista pode dar em determinado momento.

Os teóricos da opinião positivista discordam das definições essencialistas. Segundo esses teóricos, a personalidade interior é um mito. Sustentam que é impossível conhecermos a "unidade dinâmica multiforme" que realmente "existe", e que apenas podemos ter opiniões a respeito, ou seja, quando muito, "conceitualizá-la".

Como acabamos de ver, um dos mais difíceis conceitos na Psicologia é a personalidade. Na verdade não existe uma definição correta ou incorreta. Algumas, apenas, estão mais completas que outras. Allport apresenta uma definição "essencialista" de personalidade, tratando-a como uma unidade "existente na pessoa", e que tem uma estrutura própria.

"A personalidade é a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seu pensamento característicos."

De acordo com a definição de Allport, a organização da personalidade supõe o funcionamento em unidades inseparáveis de "mente" e "corpo"; a personalidade é e faz algo, ou seja, existem tendências determinantes que exercem uma influencia diretamente em todos os aspectos expressivos e de ajustamento.

Através de sua personalidade, o indivíduo se ajusta ao ambiente e reflete a respeito dele. O comportamento e o pensamento permitem a sobrevivência e o crescimento.

Para facilitar a compreensão do assunto, abordaremos distintamente os termos personalidade, caráter e temperamentos.

IV - Personalidade e Caráter

O termo **personalidade** e sua raiz vêm do latim clássico *'persona'* que, segundo os eruditos, significa máscara. Personalidade é o resultado de um reduto inato de características básicas, acrescido de experiências vividas, que pressupõe a possibilidade de um indivíduo diferenciar-se de outro.

O termo **caráter** vem de um verbo grego que significa gravar. É usado muitas vezes como sinônimo de personalidade. Caráter é a marca de uma pessoa - seu padrão de traços ou seu estilo de vida.

É aquilo que guia nosso comportamento, de acordo com os valores e princípios adequados.

Os psicólogos europeus preferem usar a expressão **caráter**, enquanto os americanos preferem **personalidade**. Isso se torna visível, à medida que, na Europa, se usa frequentemente o termo caracterologia, mas isso ocorre raramente nos Estados Unidos. Os psicólogos americanos escreveram muitos livros com o título de personalidade, mas poucos com o título de caráter.

O termo persona, usado pelos americanos, significava originalmente máscara que tem muito a ver com o comportamento visível, qualidade superficial, o que é peculiar dos americanos, visto terem preferência por ambientalismo, tendo mais a Psicologia comportamentalista, levando a acentuar o movimento externo, a ação visível. Os europeus, por sua vez, usam a expressão grega caráter que significava gravar, enfatizando mais o que é inato na natureza do homem, o que está profundamente enraizado e é relativamente imutável.

Com o passar do tempo, o termo caráter foi adquirindo uma conotação específica diferente do seu sentido original de gravação.

Hoje, quando se fala em caráter, há uma tendência de se supor um padrão moral ou se fazer um julgamento de valor.

V - TEMPERAMENTOS

A partir do nascimento, vários níveis constitucionais, químicos, metabólicos e neurais estabelecem para o indivíduo recursos à formação de sua personalidade. Esses níveis são chamados pelos psicólogos de temperamento.

O termo **temperamento** vem do Latim "*temperamentum*", procedente de "*temperare*", que significa combinar em justas posições. O temperamento inclui o nosso modo de perceber as coisas, de fazer escolhas e de nos relacionarmos com outras pessoas.

Existem vários conceitos para o termo temperamento. Allport (1974) é o teórico que faz uma das descrições mais completas sobre o tema.

> *O temperamento refere-se aos fenômenos característicos da natureza emocional de um indivíduo, na qual se incluem sua suscetibilidade à estimulação de sua disposição predominante, e todas as peculiaridades de flutuação e intensidade de disposição, sendo que tais fenômenos são vistos como dependentes da organização constitucional, e, portanto, como, em grande parte, originários da hereditariedade.*

Segundo Allport, o temperamento **não é imutável** do nascimento à morte, ainda que a probabilidade de mudança seja mínima, ocorrendo algumas vezes por influencias médicas, cirúrgicas e de nutrição, bem como no decurso da aprendizagem e das experiências de vida.

1) A TEORIA DA EXISTÊNCIA DOS TEMPERAMENTOS

A teoria da existência dos temperamentos começa com Empédocles no século V a.C., quando este afirmava que toda a

natureza era composta de quatro elementos básicos: **ar, terra, fogo e água**.

Depois dele vem Hipócrates, no segundo estágio da teoria, acrescentando que a natureza, como um todo (o macrocosmo), deve refletir-se na constituição do homem (o microcosmo).

Segundo ele, esses elementos são representados no corpo humano sob a forma de quatro "humores": **sangue, bílis negra, bílis amarela e fleuma.**

Havendo a predominância de um desses humores, haveria, correspondentemente, a predominância de um temperamento, conforme exposição abaixo:

Elementos Cósmicos	Suas Propriedades	Humores Correspondentes	Temperamentos Correspondentes
Ar	Quente e Úmido	Sangue	Sanguíneo
Terra	Frio e Seco	Bílis Amarela	Melancólico
Fogo	Quente e Seco	Bílis Negra	Colérico
Água	Frio e Úmido	Fleuma	Fleumático

A denominação dos quatro tipos de temperamentos como: sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico foi elaborada pelo médico romano Galeano.

Cada um deles possui pontos fortes e pontos fracos. Vale ressaltar que nenhuma pessoa apresenta características de um só temperamento, ainda que sempre haja a predominância de um deles.

2) Variação Do Temperamento

O comportamento do indivíduo varia de acordo com o seu temperamento. Veja demonstração abaixo:

Variação do temperamento de acordo com a rapidez e a intensidade:

COLÉRICO	MELANCÓLICO	SANGUÍNEO	FLEUMÁTICO
Rápido e forte	Forte e lento	Rápido e fraco	Fraco e lento

Variação do temperamento de acordo com a amplitude e a profundidade:

COLÉRICO	MELANCÓLICO	SANGUÍNEO	FLEUMÁTICO
Profundo e amplo	Amplo e superficial	Profundo e limitado	Limitado e superficial

Variação do temperamento de acordo com a excitabilidade e o afeto:

COLÉRICO	MELANCÓLICO	SANGUÍNEO	FLEUMÁTICO
Excitável e desagradável	Desagradável e calmo	Excitado e agradável	Agradável e calmo

Variação do temperamento relacionado a muita atividade e pouca atividade e a uma tendência para aproximar-se ou afastar-se:

COLÉRICO	MELANCÓLICO	SANGUÍNEO	FLEUMÁTICO
Ativo e retraído	Retraído e inativo	Ativo e aproximativo	Aproximativo e inativo

Atualmente existem outras nomenclaturas usadas pelos teóricos modernos para definir os temperamentos. O psicólogo suíço Carl Gustav Jung em seus estudos, mais precisamente em sua obra "Tipos Psicológicos", denominou de INTROVERSÃO E EXTROVERSÃO as duas atitudes básicas no comportamento do homem que estão intrinsecamente ligadas ao temperamento. Outros estudos aprofundados sobre o comportamento das pessoas, na década de 80, pelos neurocientistas forneceram importantes explicações sobre os processos mentais de **percepção** e de análise e **tomada de decisão** (escolhas) que influenciam toda a nossa vida.

Há até mesmo teóricos que usam uma classificação de três partes em vez de quatro; no entanto a classificação aqui apresentada pode ser ajustada a alguns desses esquemas dimensionais.

ATIVIDADES – LIÇÃO I

- **Marque "C" para Certo e "E" para Errado:**

1) ☑ Psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano e seus processos mentais. C13

2) ☐ O aspecto biopsicossocial trata da inter-relação entre os aspectos biológicos, psicodinâmicos e sociais que constituem o ser humano. C13

3) ☐ Sócrates, Platão e Hirmeneo deram o pontapé inicial na instigante investigação da alma humana. E15

4) ☐ A Idade Média caracteriza-se pela aceitação das concepções de Aristóteles e suas ligações com o pensamento cristão. C18

5) ☐ Ao fim do século IX surgiram várias escolas de Psicologia, dentre elas o Behaviorismo, uma escola fundada por John B. Watson, que parte do princípio que todo comportamento é decorrente de estímulos que o indivíduo recebe do meio social em que ele vive. De acordo com essa escola o indivíduo é fruto do meio social em que vive. C20

6) ☐ O coração é a sede da vida intelectual, emocional, volitiva e espiritual do homem. E22

Lição II

A Psicologia e Nossas Emoções

A Psicologia e as Nossas Emoções

A vida sem emoção seria insípida. Se não houvesse alegrias e tristezas, esperanças e decepções, vibrações ou triunfos na experiência humana, não haveria entusiasmo nem cor. (Hilgard, 1976).

A emoção é uma força construtiva e estimuladora da atividade humana. É a emoção que impele os seres humanos à atividade. "Se as pessoas não se emocionassem, pouco poderiam realizar" (Hilgard, 1976). No entanto, pode tornar-se destrutiva e desintegradora da personalidade, quando é muito forte, quando ocorre com muita frequencia, quando é duradoura ou quando é reprimida.

As emoções aparecem muito cedo no desenvolvimento do indivíduo. As primeiras emoções são a alegria, a cólera, o medo e o pesar. Essas emoções são chamadas pelos psicólogos de emoções primárias. As situações capazes de provocá-las são basicamente simples.

I - Classificação Das Emoções

Estudos comprovam que o medo, a ira e o amor são emoções básicas, delas derivam-se todas as outras. Silva, M.A.D (2000) mostra algumas emoções que estão relacionadas as emoções primárias:

- ✓ **Ira** – ódio, vingança, ciúme, inveja, desprezo.
- ✓ **Medo** – espanto, ansiedade, aflição, pesar, intranquilidade.
- ✓ **Amor** – piedade, tristeza, afeição, alegria, entusiasmo, excitação sexual.

As emoções estão classificadas em: agradáveis: (alegria, amor) e desagradáveis (raiva e tristeza). Esta classificação sugere a primazia de prazer e desprazer, de aceitação e rejeição, de aproximação e afastamento, com base na emoção.

Há autores que preferem classificar as emoções como positivas e negativas. As emoções negativas são aquelas que proporcionam uma experiência agradável, como alegria, a felicidade ou o amor. As emoções negativas são aquelas que produzem uma experiência desagradável como a ansiedade, a raiva e a tristeza. As emoções positivas trazem benefícios à saúde, enquanto as emoções negativas tendem a comprometê-la.

Segundo Ballone, pessoas portadoras de alguns traços de personalidade, normalmente de natureza ansiosa, Personalidade Tipo A, por exemplo, são propensas a problemas coronarianos mais que pessoas sem esses traços.

II - A Expressão Emocional

As pessoas exprimem suas emoções com expressões faciais, gestos e ações. Geralmente pessoas com certo treino são capazes de reconhecer as emoções experimentadas por outros indivíduos, simplesmente observando-os.

Quando uma pessoa está muito enraivecida, ou com muito medo, ou alegre, podemos reconhecer essas emoções em sua maneira de comportar-se.

No entanto devemos observar os padrões de comportamento que distingue uma emoção da outra. Numa situação de medo, por exemplo, reagimos fechando os olhos e depois abrindo a boca; a cabeça e o pescoço se lançam para frente e o queixo se levanta; pernas e braços se dobram e os músculos do pescoço se salientam.

Nas emoções agradáveis, a boca e os olhos se voltam para cima, e nas desagradáveis para baixo. Na atenção a boca e os olhos se abrem e as narinas se movimentam. Na rejeição, olhos, lábios e narinas tendem a se contrair.

III - O Porque Das Nossas Emoções

Sabe-se hoje que as áreas relacionadas com os processos emocionais ocupam distintos territórios do cérebro, destacando-se entre elas o Hipotálamo, a área Pré-Frontal e o Sistema Límbico.

Para compreendermos melhor a origem das nossas emoções se faz necessário observarmos alguns aspectos da anatomia humana. O cérebro funciona como um elo entre a mente e o corpo. No córtex cerebral há um local específico chamado hipotálamo, considerado a sede das emoções.

O hipotálamo é responsável pela tomada de consciência das emoções. Quando tomamos consciência das nossas emoções nosso organismo manifesta alterações orgânicas compatíveis. Além do mais reconhece o hipotálamo a sede das emoções.

O sistema nervoso divide-se em: Sistema Nervoso Central (SNC), Sistema Nervoso Autônomo (SNA) e O sistema Nervoso Periférico (SNP).

O Sistema Nervoso Central é a sede das atividades nervosas que comandam as relações do organismo com o meio externo. O Sistema Nervoso Autônomo comanda o funcionamento dos órgãos de nutrição ou de vida vegetativa.

O Sistema Nervoso Periférico é constituído pelos nervos e gânglios nervosos e sua função é conectar o sistema nervoso central às diversas partes do corpo.

IV - Mecanismos Fisiológicos Na Emoção

As emoções, principalmente aquelas de maior intensidade, provocam mudanças profundas em todo o corpo. As numerosas mudanças corporais que ocorrem durante a emoção não são fenômenos desconexos; reúnem-se em padrões organizados, sob a influencia do sistema nervoso e das glândulas endócrinas. As mudanças fisiológicas mais comuns são:

- ***A aceleração do coração*** - não é por acaso que o coração, há muito, é um símbolo da emoção.
- ***Respiração*** - alteração do ritmo e profundidade da respiração.
- ***Resposta pupilar*** - a pupila tende a dilatar-se ou contrair-se dependendo do estado de excitação ou tranquilidade em que o indivíduo se encontra.
- ***Secreção de saliva*** - diminuição de saliva, provocando secura na boca.

- ***Resposta pilomotora*** - termo técnico utilizado para pele arrepiada.
- ***Motilidade gastristestinal*** - a excitação emocional pode levar a náusea ou a diarréia.
- ***Aumento da pressão arterial*** - enrubescimento ou palidez da pele. Ocorre devido ao processo de dilatação ou constrição dos vasos sanguíneos.
- ***Tremor e tensão dos músculos*** - os músculos tensos podem tremer, quando os músculos opostos são contraídos simultaneamente.

Os estados emocionais mais duradouros podem, sob certas condições, manter tensão interior e ter consequencias físicas prejudiciais, resultando em perturbações psicossomáticas.

Sentimentos e emoções são em grande número em nossas mentes; eles afetam nossos corpos, nosso comportamento, as nossas vidas. Segundo Ballone, pessoas portadoras de alguns traços de personalidade, normalmente de natureza ansiosa, Personalidade Tipo A, por exemplo, são propensas a problemas coronarianos mais que pessoas sem esses traços.

V - Perturbações Psicossomáticas

As emoções podem ser úteis e prejudiciais; podem atender aos objetivos de ajustamento suave e solução de problemas, mas podem, também, interferir nessas intenções.

Os estados emocionais mais duradouros, conhecidos como disposição ou temperamento, podem, sob certas condições, manter tensão interior e ter consequencias físicas prejudiciais. Tais dificuldades são estudadas como perturbações psicossomáticas.

Os estados emocionais sentidos na vida diária são complexos; mudanças amplas são comuns a todas as emoções intensas. As respostas ao medo, por exemplo, fazem com que ocorra a liberação de um hormônio chamado de adrenalina, que é lançado na corrente sanguínea.

As respostas à cólera (raiva) proporcionam a combinação entre a adrenalina e a noradrenalina. Cada uma dessas reações é regulada através da divisão simpática do sistema nervoso autônomo, que tem como efeito: "1) elevar a pressão do sangue; 2) aumentar o açúcar no sangue; 3) fazer com que a coagulação do sangue se dê mais rapidamente".

Portanto, numa situação de medo, ocorrem, entre outras, as seguintes mudanças fisiológicas:

1) cessam os movimentos digestivos do estômago;
2) aumenta a pressão do sangue;
3) acelera-se o ritmo do coração;
4) a adrenalina é lançada na corrente sanguínea.

"Hoje os médicos reconhecem um grupo de doenças que denominam de perturbações psicossomáticas; embora os seus sintomas sejam somáticos, isto é, sintomas de perturbação em órgãos ou tecidos do corpo, as circunstâncias parecem residir na vida emocional da pessoa".[6]

Estudos comprovam que mais de 85% das doenças são de causas emocionais. A úlcera no estômago, por exemplo, é uma das doenças mais comuns, que geralmente se inicia com uma gastrite causada por mudança na tensão muscular e na distribuição de sangue nas paredes do estômago, resultante de estados emocionais frequentemente repetidos e de longa duração.

Excessivas secreções digestivas, despertadas por emoção intensa, podem ter efeitos químicos que acentuem o ferimento.

A intensidade emocional influi no papel da emoção. As emoções leves são estimulantes, mas as emoções intensas são, às vezes, perturbadoras podendo levar a doenças renais.

VI - Lidando Com Sentimentos e Emoções Desagradáveis

1) As Fobias

Fobia é uma espécie de medo mórbido. O medo é um sentimento desagradável que exerce grande influencia entre os

[6] Davidoff, L. L. (1983). *Introdução à psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill.

seres humanos. "*É sempre uma emoção de afastamento que envolve fuga do perigo. É a resposta emocional a uma ameaça ou perigo. Surge medo quando percebemos algo perigoso ou uma situação ameaçadora, onde não possuímos capacidade de domínio da ameaça. É um sentimento de impotência*".

Em geral o medo é adquirido. A criança, por exemplo, que ouve constantemente que se não se comportar bem, o "bicho papão" vai lhe pegar, ou que em dado momento é deixada em um quarto escuro e alguém diz ter um velho que vai agarrá-la, poderá desencadear nela um medo de ambientes escuros, de pessoas idosas, etc.

O medo, no entanto, poderá ser útil e de certa forma necessário, quando ocorre como uma reação emocional ao perigo.

Entretanto, a partir do momento em que esse medo passa a ser excessivo, prolongado e incomum, afirmamos ser um medo mórbido.

Hoje o medo passou a ser uma constante na vida das pessoas. Quase todos os seres humanos já tiveram, alguma vez na vida, a sensação de que iam morrer ou ficar loucos, gerando nesses: desaponto, preocupação, pânico, timidez, ansiedade, etc.

Entre as fobias comuns incluem-se: a Fobia Social que "é caracterizada pelo medo persistente de contatos sociais ou de atuações em público, por temer que essas situações resultem embaraçosas"; agorafobia – medo de locais amplos e abertos; claustrofobia – medo de ambientes fechados; acrofobia – medo de altura; xenofobia – medo de estrangeiros; hidrofobia – medo de água; clinofobia – medo do vazio; aracnofobia – medo de aranhas; cinofobia – medo de cães; mugofobia – medo de ratos; nosofobia – medo de doenças; logofobia – medo de falar e zoofobia – medo de animais.

Os sintomas mais comuns das fobias são: dificuldade respiratória, reação de sufocamento, sudorese, náuseas, parestesia, rubor e calafrios.

Os tratamentos mais indicados para as fobias são a psicoterapia e, mais recentemente, a dessensibilação, condicionamento operante e terapia comportamental.

No âmbito espiritual "é importante reconhecer que é a confiança em Deus que nos permitirá reconhecer o perigo e enfrentá-lo, não permitindo que o medo tenha qualquer controle sobre nós".

A primeira menção na Bíblia do termo medo está em Gênesis 3.10. Sentimento que começou no jardim do Éden, levando nossos primeiros pais a correrem e fugirem de Deus, após a queda.

O medo está relacionado com a nossa pecaminosidade, por isso não deve exercer domínio sobre nós. A Bíblia é enfática quando nos faz entender que o medo é algo que pode ser regulado pela vontade do homem.

Por três vezes Jesus ordena aos crentes: "não temais". Mt. 10.26,28,31. Paulo escreve: "Porque não recebeste o espírito da escravidão para viverdes outra vez atemorizados..." Rm. 8.15.

Alguns aspectos devem ser considerados para vencer as fobias:

- Reconheça que o seu temor é real;
- O medo, na verdade, não é do objeto causador; mas de algo que foi associado àquele objeto;
- O objeto causador não produz essas experiências. As mesmas são produzidas pessoalmente pelo indivíduo, podendo assim ser controladas ou deixadas de ser produzidas;
- O que o indivíduo teme, são alguns sentimentos físicos normais de antecipação ao objeto do medo.

O temor dessas sensações antecipatórias só pode gerar mais temor, o que, por sua vez, produz sentimentos físicos mais intensos, contribuindo para disparar o medo ainda mais. Logo, a pessoa passa a ter medo do que poderá sentir.

Portanto, em vez de ser temido, o medo deve ser compreendido e usado em sua justa finalidade, a fim de que, diante

de algum perigo possível, o indivíduo possa estar preparado para uma ação corajosa.

Às vezes o medo parece derivar-se do que Deus ou o homem possam fazer. Nesse caso, o cristão pode vencer o motivo do medo pelo motivo do amor. "No amor não existe o medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo; Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor". I Jo 4.18. Muito acima do motivo do medo, a fé que opera no amor surge como centro vital da conduta cristã.

O amor deve está relacionado a Deus e ao próximo.

"O amor para com Deus significa como o homem pode esforçar-se para confiar em Deus, adorá-lo e servi-lo; e o amor ao próximo, por igual modo, gira em torno de como entrar numa relação dadivosa para com ele".

2) A Ansiedade

A ansiedade é um termo utilizado para se descrever a experiência subjetiva de uma tensão desagradável e de inquietação que acompanham o conflito ou ameaça psíquica.

A tensão e ansiedade físicas produzem uma variedade de sensações corpóreas, provenientes de uma excessiva preocupação pessoal. Sobrecarrega o organismo, provocando uma somatização, gerando sintomas como: palpitações, dores precordiais, cefaléias (dores de cabeça crônica), nervosismo, irritabilidade, insônia ou sonolência, depressão, etc.

"A ansiedade apesar de ser considerada uma reação emocional normal e que surge como resposta do organismo diante de determinadas situações, quando sua frequencia, intensidade ou duração forem excessivas, falamos de ansiedade patológica. Psiquiatricamente a presença de forte estado ansioso, não somente pode ser a base dos denominados Transtornos de Ansiedade, mas também estar associada frequentemente à depressão." [7]

[7] Ballone GJ in. PsiqWeb, - disponível em www.psiqweb.med.br, revisto em 2007.

Não há dúvida de que a situação de crise que enfrenta o mundo atual e especificamente o nosso país, tenha sido um fator desencadeante do problema da ansiedade na atualidade. Muitos autores definem a era moderna como a Idade da Ansiedade, associando a este fenômeno psíquico a agitada dinâmica existencial da sociedade industrial moderna, a competitividade, o consumismo desenfreado entre outros aspectos. É bastante lermos os jornais para ficarmos convencidos de que vivemos numa época de ansiedade, uma era de angústia.

A geração atual é considerada como "uma geração atormentada". Segundo noticiou a Revista Veja de 05 de abril de 1989, a Escola de Saúde Pública do Rio de Janeiro revelou, numa pesquisa, que só no ano anterior foram consumidos, no país, 13 milhões de caixinhas de antidistônicos, o que correspondia a 74% dos tranquilizantes consumidos.

"Faz parte da natureza humana certos sentimentos determinados pelo perigo, pela ameaça, pelo desconhecido e pela perspectiva de sofrimento. A Ansiedade passou a ser objeto de distúrbios quando o ser humano colocou-a não a serviço de sua sobrevivência, como fazia antes, mas a serviço de sua existência, com o amplo leque de circunstâncias quantitativas e qualitativas desta existência. Assim, o estresse passou a ser o representante emocional da Ansiedade, a correspondência psíquica de toda movimentação que o estresse causa na pessoa".[8]

É a ansiedade angustiosa, ela tira o sossego, bloqueia o ânimo e escurece o futuro da pessoa. Rouba a fé do crente, que chega ao ponto de pensar que Deus o abandonou. Entretanto a Bíblia revela preciosas promessas para nós, dentre elas a que Jesus deixou:

"Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28.20). Além do mais no sermão da montanha Jesus frisou: *"...não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que*

[8] Idem

as vestes?... Não andeis, pois, inquietos dizendo: que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos? De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas; mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt. 6.25-34) Paulo, por sua vez, em Filipenses 4.19, enfatizou: "*O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória por Cristo Jesus* ".

No mesmo capítulo ele diz: "*Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças"* (v. 6). Diante de tais promessas, resta ao crente confiar mais em Deus e vencer este terrível mal, a ansiedade

VII – Fatores Que Contribuem Para A Formação Da Personalidade

1) Fatores Hereditários

Existem provas evidentes do papel da constituição genética na determinação da personalidade, principalmente quando se refere aos aspectos temperamentais da personalidade.

Gesell (1977) e seus companheiros fizeram um estudo com crianças, observando as características emocionais e a sua duração. Após a observação sistemática de um grande número de crianças, desde a mais tenra infância, constatou-se que havia fortes indicações de que características temperamentais, tais como dispêndio de energia e expressão emocional, permaneciam razoavelmente constantes, confirmando-se a hipótese de que há aspectos da personalidade que são inatos, ou seja, o indivíduo traz consigo ao nascer.

2) Fatores Somáticos

Como vimos no tópico anterior, não existe dúvida alguma de que as diferenças quanto à constituição física bem como funcionamento fisiológico, podem ter efeitos na personalidade.

Sheldon[9] realizou um trabalho na Universidade de Harvard na tentativa de mostrar a relação físico e temperamento. Depois de ter estudado e medido fotografias de corpos de homens nus, concluiu que toda constituição física pode ser identificada em função das respectivas quantidades de três componentes:

- ✓ **Endomorfia** - o componente gorduroso e visceral; (firmes e obesos)
- ✓ **Mesomorfia** - componentes ósseos e musculares; (dominância de musculatura desenvolvida)
- ✓ **Ectomorfia** - componente cutâneo (pele – fragilidade estrutural).

Para Sheldon, a constituição física do indivíduo estava diretamente relacionada com o temperamento. Para comprovar sua teoria, isolou três grupos fundamentais de traços que considerou como satisfatórios, para dar conta de todas as diferenças individuais quanto ao temperamento.

Esses grupos foram chamados por ele de viscerotonia, somatotonia e cerebrotonia.

Na sua correlação, ele afirmava existir uma tipologia temperamental na qual se incluem três componentes:

- ✓ **Viscerotonia** - gregaridade, expressão fácil de sentimentos, dependência de aprovação social;
- ✓ **Somatotonia** - assertividade, energia física, ansiedade baixa, coragem, indiferença à dor, necessidade de poder)
- ✓ **Cerebrotonia** - contenção, autoconsciência, introversão, retirada social, solidão.

Alguns críticos acharam que as correlações de Sheldon eram demasiadamente altas para serem verdadeiras. Comprovou-se, também, que algumas mudanças significativas no tipo somático do indivíduo aconteciam, devido às diferenças quanto à alimentação, à má saúde, etc.

[9] SHELDON, W. G., apud ANASTASI, A. Psicologia Diferencial. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, da Universidade de São Paulo, 1972.

Além do mais, o problema da interpretação das correlações encontradas entre os traços da personalidade e a constituição física sofre a interferência do fator e reações sociais. Entretanto sabe-se que, de alguma forma, a personalidade pode ser influenciada pelos fatores somáticos.

3) Fatores Sócio-Culturais

3.1) A influencia cultural

A cultura é um fator preponderante na formação da personalidade. Alguns autores chegam até mesmo a considerá-la como fator decisivo. Nos primeiros anos de vida ocorre o processo de adoção dos modelos culturais.

A mãe transmite ao filho costumes culturais, ao entender as necessidades da criança. *"A situação no lar, a linguagem que aprender, a escola, as práticas econômicas e as prescrições para alimento, sono, excreção - tudo é imposto por exigências culturais".*

A criança aprende os valores culturais em casa, na escola, na igreja, através dos jornais, revistas em quadrinhos, rádio, televisão etc.

Na adolescência acontece um processo de reação contra esse modelo cultural que foi imposto. Após esse estágio, ocorre uma aceitação do modelo agora revisto e adequado à personalidade madura.

3.2) Influencias sociais

As situações sociais, até certo ponto, contribuem para a formação da personalidade. Existem vários aspectos que poderiam ser abordados em relação às influencias sociais, no entanto procuramos destacar aquele que consideramos como o fator principal: o ambiente familiar.

O ambiente familiar, quando não é sadio, pode provocar sentimentos de insegurança e angústia na criança. Pesquisas confirmam a teoria freudiana de que a experiência da primeira infância é um fator determinante eficiente do comportamento adulto.

Um dos determinantes básicos na formação da personalidade pode ser as atitudes dos pais com relação à criança. Algumas dessas atitudes podem ser positivas, contribuindo para um melhor desenvolvimento da personalidade do filho, porém outras são negativas, prejudicando esse desenvolvimento.

3.3) Atitudes negativas e suas consequencias

- ✓ **Rejeição da criança por parte dos pais** - a criança rejeitada poderá sentir-se insegura e com dificuldade de se auto-afirmar, passando a ter um comportamento hostil, negativista e rebelde; poderá, mais tarde, ter dificuldade em suas relações interpessoais, dar e receber afeição;
- ✓ **Superproteção dos pais** - a criança superprotegida poderá tornar-se egoísta, egocêntrica, irresponsável ou, ao contrário, será submissa, obediente, excessivamente sem iniciativa, passiva e dependente dos outros;
- ✓ **Uso abusivo de autoridade sobre o filho** - a disciplina excessiva pode levar a criança a fortes necessidades de aprovação social ou mesmo a um padrão moral extremamente rigoroso. Pode ainda desenvolver uma personalidade rígida e uma tendência ao sentimento de culpa e conflitos.
- ✓ **Falta de uma hierarquia de valores estabelecidos** - quando não existe uma hierarquia de valores ou mesmo quando a disciplina é insuficiente, a criança terá um desenvolvimento inadequado, podendo tornar-se sem autocontrole e indecisa, ao fazer escolhas ou enfrentar problemas.

VIII – Teoria De Traços Comuns

A personalidade pode ser descrita através de traços comuns. Dizemos que tal pessoa é ríspida, acanhada, mais trabalhadora. Uma pessoa pode descrever um conhecido seu de quieto, acanhado, cooperador, otimista, pontual e inteligente. Podemos afirmar que tal mulher é impertinente, faladeira e mesquinha. Esses termos representam as generalizações feitas a partir de

observações do comportamento da outra pessoa em diferentes situações. São as percepções que temos dos traços da outra pessoa.

Na formação da personalidade de um indivíduo, existe, além de uma parte variável, uma parte constante. É essa parte constante que procuramos designar com o conceito de traço.

David Krech e Richard Crutchfield descrevem traços como "uma característica duradoura do indivíduo, e que se manifesta na maneira consistente de comportar-se em uma ampla variedade de situações".

Existem muitos tipos ou grupos de traços. Allport e Odbert (1936) reuniram cerca de 17.953 adjetivos usados para descrever formas diferentes e pessoais do comportamento das pessoas; ainda que foram usados métodos de redução. Alguns se referem a características de temperamento; alguns outros, a maneira típica de ajustamento; outros, a habilidade, interesses, valores; outros, ainda, a relações sociais. "Alguns traços são limitados quanto ao alcance, outros são amplos, alguns são superficiais, outros estão profundamente fixados".

A) Os Traços E Outras Tendências Determinantes

Existem, na estrutura neuropsíquica, outras disposições do mesmo tipo dos traços: hábitos, impultos, necessidades, traços de memórias, complexos inconscientes, sentimentos predisposições mentais e outros sistemas.

Fazemos agora uma relação entre traços e algumas dessas tendências determinantes:

Traço E Hábito

O termo hábito aplica-se a um tipo limitado e restrito de tendências de determinante. Um traço é mais generalizado do que um hábito.

Um traço pode surgir, à medida que ocorre um processo de integração de numerosos hábitos específicos com a mesma significação geral de adaptação para a pessoa. Uma criança, por

exemplo, que é ensinada a escovar seus dentinhos pela manhã e à noite, durante algum tempo, despertada pelas ordens adequadas dos pais, adquirirá o hábito de escovar os dentinhos pela manhã e à noite. No entanto, com a passagem dos anos, escovar os dentes combina com um sistema mais amplo de hábitos, criando um traço de limpeza pessoal.

Traço E Atitude

Distinguir traços de atitude nem sempre é possível. Em muitas situações é indiferente o termo que empregamos. Qualquer uma das designações é aceitável, visto que uma atitude pode ter uma amplitude tão grande que pode ser idêntica a um traço. Por exemplo, "*um homem que gosta de ação, mas não de outras criaturas, tem uma atitude; mas, se tem uma atitude solícita e de afetividade com relação a homens e animais, tem, ao mesmo tempo, um traço de bondade*".

A diferença básica entre traços e atitudes está no fato de a atitude ter sempre um objeto de referência, enquanto o traço é provocado por tantos objetos, que não temos como especificá-los. Um traço é considerado por um nível mais elevado de integração do que uma atitude.

B) Os Traços E Outras Formas De Prontidão

Já frisamos anteriormente que existem outras disposições do mesmo tipo dos traços na estrutura neuropsíquica, denominadas de "variável intervenientes", tais como impulso, instinto, necessidade, sentimentos, etc. que em virtude de serem úteis para comparar indivíduos, podem ser colocados sob nossa concepção de traço comum.

Allport nos dá uma definição resumida de traços comuns: "Um traço comum é uma categoria para classificar formas de comportamento funcionalmente equivalente em uma população geral. Embora influenciado por considerações nominais e artificiais, um traço comum reflete até certo ponto, disposições verídicas e comparáveis em muitas personalidades que, dadas uma natureza

humana comum e uma cultura comum, desenvolvem, embora em graus diferentes, modos semelhantes de ajustamento aos seus ambientes".

C) Argumento Contra Os Traços

A teoria de traços é bastante discutível. Dificilmente os traços comuns podem ser vistos como unidades fundamentais da personalidade. "Nenhuma teoria de traços pode ser verdadeira se não admitir e não explicar a variabilidade de comportamento de uma pessoa".

De modo algum podemos ignorar o aspecto "situacionista", ou seja, a conduta que esperamos adquirir de uma pessoa, a partir dos seus traços, podendo ser de forma inibida, odiada, aumentada, através das pressões do ambiente, das companhias e das reações do indivíduo. Qualquer teoria que pense na personalidade como estável, fixa e invariável é errada.

IX - Tipos De Personalidade

Desde os primórdios da história documental viu-se o homem diante da diversidade e da complexidade desnorteante das características individuais, procurando "resolver" o problema descrevendo as personalidades através de simples tipos.

Aproximadamente 400 a.C. Hipócrates, o "pai da Medicina", deu início à teoria. Ele supôs a existência de quatro tipos de temperamentos, ligados a quatro tipos fundamentais de fluidos, ou "humores" do corpo, assunto que comentamos anteriormente. Apesar de os "humores" específicos supostos por Hipócrates não estarem de acordo com o nosso conhecimento moderno de fisiologia, os seus tipos de temperamentos ainda são aceitos em nosso pensamento.

A teoria de Kretschmer, que apresentou provas da existência de um tipo físico característico para cada uma das principais formas de doença mental: esquizofrenia e psicose maníaco-depressiva

tornaram-se a mais influente de todas as teorias modernas que relacionam físico e personalidade.

Numerosas tipologias foram criadas a partir da noção de que as pessoas podem ser classificadas em tipos de valores independentes.

A) Tipos Empíricos

A doutrina de tipos empíricos supõe que uma personalidade é inteiramente colocada em um tipo. O tipo é visto como um traço comum superior. Para esta teoria, algumas pessoas pertencem a um tipo, outras a outro tipo; enquanto outras estão inteiramente fora de classificação. A grande questão é que não existem divisões dessa forma na população humana.

Allport faz a seguinte conclusão em relação à doutrina de tipo empírico: "a doutrina de tipo empírico não auxilia efetivamente na representação da estrutura da personalidade humana. Supõe uma descontinuidade. O que existe de verdadeiro nos tipos empíricos já está inteiramente reconhecido em nosso conceito de traços comuns. Vale dizer: aceitamos, integralmente, que alguns traços comuns e mensuráveis sejam amplos, sobretudo os que, como introversão e somatotonia, referem-se a uma grande parte da visão que o homem tem da vida. Outros são mais "limitados" (tais como pontualidade, delicadeza ou ascendência). Não existe qualquer vantagem em denominar "tipo" os traços mais amplos".

B) Tipos Ideais

À doutrina de tipos ideais supõe que cada pessoa tenha uma forma de Filosofia de vida; um valor **dominante**, que conforma e estrutura toda a sua personalidade. Edward Spranger faz uma análise a priori desses valores humanos fundamentais, classificando todas as pessoas em seis tipos "ideais" de valores.

- **O Teórico** - O homem teórico "ideal" caracteriza-se por seu interesse dominante pela descoberta da verdade. Ordenar e sistematizar seu conhecimento são seus objetivos fundamentais.

- **O Econômico** - O homem econômico "ideal" é caracterizado pelo interesse no que é útil. É inteiramente prático dando mais valor à utilidade que à estética. Sua preocupação básica está na produção de riquezas. Em alguns casos chega a cultuar a riqueza.
- **O Estético** - O homem estético "ideal" caracteriza-se por seu interesse dominante na forma e na harmonia. Para ele, a maior verdade está na beleza, e cada experiência deve ser julgada quanto aos seus méritos estéticos.
- **O Social** - O homem social "ideal" caracteriza-se pelo interesse elevado no amor às pessoas. Aprecia as outras pessoas como fins e, portanto, é amável, simpático e altruísta. Tem uma visão afetiva e humana.
- **O Político** - O homem político "ideal" caracteriza-se pelo seu interesse elevado pelo poder. Obter influencia e controle sobre pessoas é o seu objetivo primordial.
- **O Religioso** - O homem religioso "ideal" é caracterizado pelo seu interesse dominante em compreender a unidade do universo. Encontra sua experiência religiosa na afirmação de vida e na ativa participação nessa vida.

A teoria de Spranger, de modo algum, confirma que uma pessoa pertença inteiramente a qualquer tipo; no entanto, diz que uma pessoa terá uma combinação de tais valores, com um ou vários primários e outros secundários. Ou seja, podemos compreender uma pessoa ao examinar, com a ajuda desses títulos, os seus valores.

C) Tipos Constitucionais

Uma das teorias influentes foi aquela que concebia que a constituição da personalidade estava intimamente relacionada ao físico e à constituição do corpo.

- **A teoria de Kretschmer** - Kretschmer, psiquiatra alemão que estudou várias classes de doenças mentais, apresentava provas da existência de um tipo físico característico para cada uma das principais formas de doenças mentais: esquizofrenia e psicose

maníaco depressiva. "O esquizofrênico tenderia a ter um corpo fino, membros longos, tórax estreito" denominado por ele de astênico. "O maníaco-depressivo tenderia a ser baixo, gordo, tórax arredondado", denominado por ele de pícnico.

A teoria de Sheldon - Sheldon inventou um método promissor conhecido como somatotipia onde o mesmo apresenta três tipos de constituição física conforme citamos abaixo:

a) ***O endomórfico (pícnico de Kretschmer)*** tem grandes vísceras digestivas e grandes cavidades no corpo, uma constituição "redonda", mas é relativamente fraco quanto ao desenvolvimento ósseo e muscular;

b) ***O mesomórfico (atlético)*** tem ossos e músculos grandes, e uma constituição "quadrada";

c) ***O ectomórfico (astênio)*** tem extremidades longas e delicadas, mas pequenas cavidades no corpo e pouco desenvolvimento muscular - uma constituição "linear".

Sheldon também faz menção à existência de alguns aspectos específicos da constituição física:

- ✓ *Ginandromorfia* - quando um homem pode ser avaliado quanto à semelhança física com o corpo feminino, e uma mulher pode ser avaliada quanto à "masculinidade".
- ✓ *Displásticos* - quando diferentes regiões do corpo mostram diferentes somatotipos. Por exemplo, uma pessoa possuir um busto endomórfico e ter pernas ectomórficas. Sheldon distinguiu mais de 70 tipos de constituição física.

Sheldon sustenta que cada somatotipo básico corresponde a padrão de temperamento básico, conforme descrição abaixo:

- ✓ *O viscerotônico* (normalmente ligado à constituição endomórfica): relaxamento, amor ao conforto, reação lenta, gostar de alimento, sociabilidade, amistosidade, complacência, sono profundo, precisa de pessoas quando está em dificuldade.
- ✓ *O somatotônico* (normalmente ligado à constituição mesomórfica): gosta de impor-se, gosta de aventura física, é

ativo, necessita de exercício, gosta de dominar, de riscos e de perigos, maneira direta, corajoso, e barulhento, precisa de ação quando está em dificuldade.

É inegável a existência de uma relação entre a constituição física e o temperamento, no entanto ainda é muito pouco para afirmarmos precisamente, qual o paralelo que existe.

D) Diversidade De Tipos

A doutrina de tipos, apesar de contribuir para se chegar a informações úteis a respeito de traços complexos, e nada mais do que isso, tem servido expressivamente como objeto de pesquisa.

Além dos tipos culturais, a pesquisa tem sido estimulada pela suposição de tipos constitucionais, tipos perceptuais e cognitivos, tipos de maturidade e imaturidade.

E) Avaliação Das Teorias De Tipos

Allport faz a seguinte avaliação das teorias tipológicas: "toda tipologia se baseia na abstração de algum segmento da personalidade total, e da imposição desse segmento em relevo não-natural. Todas as tipologias colocam fronteiras onde elas existem; são categorias artificiais.

Esse severo julgamento é inevitável diante das pretensões conflituais das várias tipologias. Muitos pretendem abranger a personalidade total e seguir as disposições que ocorrem na natureza.

Mas as tipologias supostamente "básicas" se contradizem. Comparem-se, por exemplo, os tipos fundamentais de Kretschmer, Spranger e Jaensch.

Certamente nenhuma dessas tipologias, tão diferentes quanto à concepção e ao objetivo, pode ser considerada definitivamente, pois nenhuma se sobrepõe às outras. Cada teórico recorta a natureza de determinada forma, simplesmente porque assim o deseja, e verifica que apenas os seus recortes merecem admiração".

X - Distúrbios Da Personalidade

Os primeiros anos de vida são decisivos para a formação da estrutura da personalidade básica da pessoa. Segundo Freud, a personalidade é formada por três sistemas principais chamados por ele de Id, ego e superego.

Esses sistemas estão muitas vezes tão relacionados, que não sabemos determinar qual deles está desempenhando o papel predominante na conduta. O Id é o sistema original da personalidade; o ego é a porção executiva da personalidade; o superego é o representante interiorizado daquilo que o indivíduo considera ser basicamente certo ou errado, é a porção moral da personalidade.

Quando existem padrões de conduta crônicos ou mal adaptados ou patológicos, arraigados na estrutura da personalidade, afirmamos que existem alterações de personalidade. As causas podem ser em parte, genéticas ou constitucionais e, em parte, emocionais ou devidas ao desenvolvimento.

Este é um assunto muito abrangente. Existem hoje grandes compêndios que tratam exclusivamente do tema. Como a nossa finalidade é apenas dar uma introdução ao estudo da personalidade, procuramos mostrar, em linhas gerais, os distúrbios psicopatológicos.

A Psicopatologia Clínica caracteriza-se principalmente pelos seguintes sintomas: ansiedade, depressão, pesar, ideação paranóide, delírios, alucinações e alterações do pensamento.

Geralmente, as pessoas normais possuem os quatro primeiros em algumas ocasiões, de forma leve. Os neuróticos apresentam-nos de maneira severa e os psicóticos apresentam as demais alterações.

Os principais estados psicopatológicos são: distúrbios neuróticos (neurose), distúrbios psicóticos (psicose) e disposições psíquicas anormais.

1) Distúrbios Neuróticos (Neurose)

A neurose não é considerada como um processo mórbido. São reações psíquicas anormais caracterizadas pela dificuldade de relacionamento interpessoal e sentimento profundo de doença. As causas compreendem conflitos, frequentemente inconscientes, profundamente localizados e com raízes na infância.

A personalidade não é alterada na neurose, embora esteja intimamente relacionada com a vida psíquica do indivíduo. O neurótico permanece em contato com a realidade. O núcleo dos distúrbios neuróticos é a ansiedade.

Os distúrbios estão assim classificados: neurose de ansiedade, neurose histérica, neurose fóbica, neurose obsessivo-compulsiva, neurose depressiva, neurose neurastênica (neurastenia), neurose de despersonalização, neurose hipocondríaca etc.

2) Distúrbios Psicóticos (Psicose)

A psicose é um processo mórbido, de causas diversas (desde psíquicas a sociais), caracterizadas pela perda de contato com a realidade. O indivíduo se desliga do seu meio externo e volta-se para o seu "eu", criando o seu próprio mundo. Mundo irreal, imaginário, mundo dos seus delírios e alucinações. Isola-se, não fala, perde a vontade, não manifesta emoções etc.

As psicoses estão assim agrupadas: psicoses endógenas, psicoses exógenas e psicoses psicógenas.

a) Psicoses endógenas

As psicoses endógenas são aquelas de causas internas ou intrapsíquicas. Ocorre uma alteração interna a nível de neurotransmissores que ocasiona um distúrbio psicótico. As principais são:

- ✓ **Esquizofrenia** - são processos mórbidos de causa ainda desconhecida, considerados como os mais comuns dos distúrbios psicopatológicos, caracterizados pela distorção do senso de realidade, frequentemente, alucinações e idéias

delirantes. Os principais tipos são assim classificados: simples (apático, regressivo), hebefrenio (frívolo, infantil, isolado), catatônico (mundo, estuporoso, bizarro, excitado, delirante, paranóide (perseguido).

- ✓ **Psicose afetiva** (psicose maníaco-depressiva) - constitui um grupo de "doenças afetivas principais" caracterizado por distúrbios severos de humor. Ocorre uma excitação ou uma depressão muito além da normal, com variação das mudanças de humor. Existem os tipos: maníaco, depressivo e circular.
- ✓ **Epilepsias** - são alterações psíquicas com manifestações ocasionais, súbitas e rápidas, principalmente convulsões e distúrbios da consciência, que estão classificadas em: centroencefálicas que se dividem em grande mal; focais que se dividem em frontal, parietal, occipital e temporal; e síndrome de West.

As epilepsias ocasionam as seguintes alterações: aura epilética, alterações do caráter, demência, estado crepuscular e disforia.

b) Psicoses exógenas

São as psicoses de causas externas. O agente causal dessa psicose está no meio-ambiente, entra no indivíduo e se desenvolve. As principais são:

- ✓ **Tóxicas** - álcool, cocaína, heroína, anfetaminas, LSD, chumbo, mercúrio, gás carbônico, ópio, morfina.
- ✓ **Infecciosas** - febre tifóide, meningite, encefalite, infecção generalizada, meningoencefalite, etc.
- ✓ **Traumáticas** - traumatismo crânio-encefálicos (pancada, queda, fratura do osso do crânio, tumor do cérebro, aneurisma, acidente vascular-cerebral, anoxia, cicatriz cirúrgico-cerebral.
- ✓ **Organocerebral** - processos degenerativos do sistema nervoso central - Arteriosclerose cerebral, doenças senis, pré-senis.

c) Psicose psicógenas

São as psicoses de causas psicológicas, que provocam uma reação vivencial anormal.

3) Disposições Psíquicas Anormais

Inúmeras pessoas apresentam alterações na sua personalidade, que variam desde os problemas que as mesmas têm em sua vida de relação, provocado por dificuldades sociais e stress do nosso tempo, até as chamadas doenças de caráter.

3.1) Variação do existir humano

Entre as disposições psíquicas anormais, está a variação do existir humano. Existe um comportamento anormal, mas não é suficientemente anormal para ser patológico. Não é considerado como um processo mórbido. São alterações de personalidade que não passam de uma manifestação de sérios desequilíbrios sociais.

São perturbações da interação social ou cultural em situações específicas de relacionamento. O indivíduo apresenta discretas variações como se relacionar com o meio. Oferece uma resistência quanto à adoção e ao cumprimento de normas.

"Algumas alterações de caráter tais como o passivo-dependente, passivo-agressivo e o anti-social, podem ser devidas não somente a tensões familiares, como também a problemas sociais amplos durante os anos de desenvolvimento do paciente ou durante sua vida atual".

3.2) Personalidade propriamente mórbida

São alterações da personalidade provocadas por determinados processos orgânicos.

a) Demência por processos orgânicos cerebrais

Existem alguns fatores responsáveis por esse tipo de demência: tumor cerebral, alcoolismo, esclerose múltipla, paralisia progressiva cerebral etc.

b) Demência epiléptica

As pessoas com demência epiléptica apresentam uma lentidão nos processos psíquicos, tais como: perceber, raciocinar, pensar etc. Perdem a espontaneidade, diminuem suas atividades e manifestam um descontrole nos seus impulsos. Tornam-se pegajosas, vazio-afetivas, arrogantes, pedantes.

c) Demência esquizofrênica

A demência esquizofrênica é o resultado da cronificação da epilepsia. Existem vários graus. O que caracteriza é a limitação da compreensão podendo chegar a uma total limitação da compreensão.

A pessoa com essa demência apresenta um embotamento afetivo e uma falta de unidade do pensamento, do sentimento e da vontade.

3.3) Personalidades anormais propriamente ditas

São alterações caracterológicas, ou seja, são manifestações de certas anomalias na personalidade.

a) Caráter anti-social (personalidade psicopática ou Sociopatia)

As pessoas que apresentam essas alterações são caracterizadas por atos sem controle e não bloqueados. Possuem defeitos na construção do caráter (personalidade). Possuem, em geral, uma frieza, encobrindo uma afetividade maciça. "*A angústia não pode emergir, pois ela é terrificante, será evitada a qualquer preço: este é o sentido do ato psicopático*".

Não possuem culpa, nem conflito interno. Não conseguem elaborar a situação diante da emergência da pulsão. Sua relação com o objeto é de incorporação ou de destruição. "*Se eu não posso obtê-lo, é porque ele é mau e eu vou destruí-lo*".

São, em geral, criminosos natos, que possuem uma frieza calculista. Defendem uma causa única para latrocidade. Usam a sedução. São altamente sedutoras, aparentemente pacifistas. Confundem fantasias e realidade, recusam qualquer frustração do

desejo. São empurradas para uma supercompensação narcisista perpétua, na qual vive sua neurose e perversão.

Existem formas diferentes de serem encaradas as condutas psicopáticas. Os franceses descrevem quatro tipos: ciclotímicos, paranóicos, mitomaníacos e perversos (perversão sexual). Kurt Schneider apresenta dez tipos: hipertímicos, depressivos, inquietos, fanáticos, os que têm necessidades de valorizarem-se, instáveis, apáticos, abúlicos e astênicos. Os americanos destacam geralmente três tipos: psicopatas com sexualidade patológica, com emotividade patológica, com tendências amorais e associais.

b) Caráter histérico

As pessoas que apresentam um caráter histérico se preocupam com a sexualidade e tendem a serem emotivas, frequentemente irresponsáveis, bombásticas e teatrais. Sentem necessidade de chamar a atenção e de parecer vivenciar mais do que são capazes (mentir-mitomania). Mulheres jovens que possuem essas alterações queixam-se frequentemente de uma dificuldade de relacionamento com os homens. Apresentam uma insatisfação consigo mesmas e com o mundo.

c) Caráter hipocondríaco

O que caracteriza o hipocondríaco é a preocupação excessiva com seu funcionamento. Geralmente a pessoa passa a observá-lo continuamente e perceber alterações, gerando variedades de padecimentos somáticos que não são palpáveis, mas fruto da reflexão. Existe no hipocondríaco um desejo inconsciente de adoecer.

d) Outros tipos de alterações do caráter

Existe uma infinidade de alterações de caráter. Apresentamos abaixo algumas dessas alterações.

- ✓ **Neurastênico** - caracterizado pela fraqueza excitável. Sensibilidade e excitabilidade extraordinária.
- ✓ **Psicastênico** - diminuição da energia psíquica, deixando o indivíduo psiquicamente cansado.

- ✓ **Paranóide** - semelhante, de alguma forma, ao esquizofrênico.
- ✓ **Ciclotímico** - semelhante aos casos leves da doença maníaco-depressiva.
- ✓ **Masoquista** - caracterizado pela habilidade que o indivíduo tem para conseguir sofrer.

XI - Por Que Compreender A Personalidade?

O líder precisa conhecer melhor a si próprio e aos outros para alcançar êxito no seu trabalho. Se não formos capazes de entender as nossas ações e o comportamento das outras pessoas, estaremos fadados ao fracasso.

Não é possível conhecermos o funcionamento de uma máquina, sem saber alguma coisa acerca de sua estrutura e da inter-relação entre suas diferentes partes. O mesmo princípio se aplica à compreensão da personalidade.

Cada pessoa é um ser ímpar. Uma mesma circunstância, por força dessa condição singular, jamais se reflete de forma igual em cada indivíduo. Para entendermos uma pessoa, precisamos conhecer sua realidade de vida, suas vivências, suas crenças e os seus valores.

Não podemos usar uma medida uniforme para medir as pessoas. Como já foi visto anteriormente, somos o resultado das disposições hereditárias, combinadas com as influencias que adquirimos no ambiente em que fomos criados. O que somos hoje é um reflexo desses fatores. Das impressões individuais retiradas desse meio, cria-se então cada indivíduo, com suas próprias características.

Compreender o indivíduo é um fator preponderante para um bom relacionamento e, consequentemente, para o sucesso no trabalho que estamos realizando.

ATIVIDADES – LIÇÃO II

- **Marque "C" para Certo e "E" para Errado:**

1) ☑ A emoção é uma força construtiva e estimuladora da atividade humana. É a emoção que impele os seres humanos à atividade. C33

2) ☑ Quando uma pessoa está muito enraivecida, ou com muito medo, ou alegre, podemos reconhecer essas emoções em sua maneira de comportar-se. C34

3) ☑ O Sistema Nervoso Autônomo é responsável pela tomada de consciência das emoções. Quando tomamos consciência das nossas emoções nosso organismo manifesta alterações orgânicas compatíveis. E35

4) ☑ Estudos comprovam que mais de 85% das doenças são de causas emocionais. C37

5) ☑ A ansiedade é um termo utilizado para se descrever a experiência subjetiva de uma tensão desagradável e de inquietação que acompanham o conflito ou ameaça psíquica. C40

6) ☑ A criança aprende os valores culturais em casa, na escola, na igreja, através dos jornais, revistas em quadrinhos, rádio, televisão etc. C44

Lição III

O Desenvolvimento Humano

O Desenvolvimento Humano: A Infância

O indivíduo, ao nascer, não traz consigo um conjunto de habilidades inteiramente desenvolvidas. À medida que cresce, passa a desenvolver sua inteligência e suas aptidões do organismo que estão em contínua mudança, com as demandas do meio.

Para facilitar a compreensão do leitor, delineamos algumas das principais tarefas evolutivas da primeira infância, que vai do nascimento até aproximadamente os três anos de idade.

I – A Primeira Infância –

1) Desenvolvimento Motor

Durante as primeiras semanas de vida pós-uterina, ocorre um rápido aprimoramento da capacidade motora. Merval Rosa (1986) salienta que há habilidades motoras fundamentais que se desenvolvem durante a primeira infância: a postura ereta, a locomoção e a capacidade de preensão[10] e manipulação.

O controle motor do recém-nascido é muito precário. Sua cabeça precisa ser apoiada, quando carregado no colo; ele nem consegue levantar a cabeça, quando de bruços. Com um mês, a criança é capaz de mover braços e pernas, porém sem deslocar o corpo e tem apenas o reflexo de preensão.

10 O reflexo de preensão é definido por KOUPERNIK (1965) como sendo qualquer estímulo dado na palma da mão ou na face palmar dos dedos, provocando o fechamento da mão. Presente em praticamente todos os bebês recém-nascidos, ele fica mais forte aproximadamente aos 30 dias de idade. Tende a diminuir e desaparecer após os primeiros meses (entre 3 e 4 meses de idade).

Com dois meses e meio, a criança é capaz de rastejar de bruços, através de um padrão cruzado de movimentos de braços e pernas. Com sete meses, a criança é capaz de engatinhar. Aprende a erguer-se sobre as mãos e joelhos, movendo-se pelo chão. A apreensão já é voluntária. Com doze meses, a criança é capaz de andar, utilizando os braços na função primária de equilíbrio. Algumas crianças alcançam esses padrões mais precocemente; outras, mais tardiamente.

2) Capacidades Perceptivas

2.1) Visão

O recém-nascido não dispõe de uma capacidade visual bem desenvolvida, só enxerga se colocar um objeto perto dos seus olhos, mas aprimora-se rapidamente. "Aos 2 meses, ele começa a fixar os olhos nos objetos e pisca quando vê algo que causa ameaça se aproximando. Aos 3 meses, olha para as próprias mãos e, finalmente, aos 6 já tem uma visão bastante desenvolvida"[11]

2.2) Audição

O bebê apresenta apenas um reflexo de estremecimento. Aos dois meses e meio é capaz de dar respostas vitais a sons ameaçadores. Aos sete meses é capaz de apreciar sons significativos.

2.3) Olfato

Após o nascimento, a criança já é capaz de reagir fortemente a alguns odores; nos primeiros meses percebe os cheiros mais fortes e ao final do primeiro ano já identifica os odores mais suaves.

2.4) Paladar

O recém-nascido é capaz de perceber a diferença entre salgado e doce e prefere o gosto doce. Também pode perceber a diferença entre o azedo e o amargo.

11 Revista "Mãe, você e seu filho", edição 29 - Dr. Mário Santoro Jr.: consultor pediátrico.

2.5) Tato

A criança, nas primeiras semanas de vida, já consegue responder a toques em quase todo o corpo, especialmente nas mãos e boca.

3) Desenvolvimento Cognitivo

O desenvolvimento intelectual ou cognitivo na primeira infância é fundamental no processo do desenvolvimento humano. Jean Piaget, quem mais se sobressaiu no assunto, por apresentar mais clareza e profundidade, destacou, em seu trabalho, os estádios de desenvolvimento intelectual: período sensório- motor que vai de 0 – 2 anos, período pré-operatório 2-7 anos, operatório concreto 7-11 anos e o pós-operatório abstrato que vai dos 11 anos em diante.

3.1) Período Sensório-Motor

Esse estágio, que dura do nascimento ao 18º mês de vida aproximadamente, se chama sensório-motor, pois o bebê adquire o conhecimento por meio de suas próprias ações que são controladas por informações sensoriais imediatas. Esta é uma das razões pelas quais o ambiente preparado para o berçário, na Escola Dominical, precisa ser composto de bastantes estímulos visuais e auditivos.

Nesse estágio, a criança busca adquirir controle motor e aprende sobre os objetos físicos que a rodeiam, conquistando, através da percepção dos movimentos, todo o universo que a cerca.

Nesta fase "o bebê se diferencia dos objetos, procura estimulação e faz os espetáculos interessantes durarem mais; antes da linguagem, os objetos são definidos por manipulação, de forma que o objeto "permanece o mesmo objeto", com mudanças de localização e ponto de vista."

Piaget observa que, nesse período, o bebê é capaz de tomar consciência de um objeto visto de diferentes ângulos, como algo duradouro, apesar de o objeto ser o mesmo de antes; daí, uma mamadeira que ele receba, apresentada no sentido contrário, fará com que ele chupe o fundo da garrafa. O mesmo acontece, quando o bebê é capaz de afastar um pano que esconde um objeto e passa

a procurá-lo. É através dessas e de outras observações que Piaget denomina esse período de estágio senso motor.

A comunicação é feita inicialmente pelo choro e expressões corporais, até o início da repetição de sílabas, chegando até a palavra-frase. Como a criança não aprendeu ainda a reprimir suas emoções, expressa-as conforme o atendimento ou não de suas necessidades básicas. A forma pela qual ela expressa suas emoções é chorando, contorcendo-se, agitando-se, esperneando e debatendo-se.

4) Desenvolvimento Psicossocial

O processo de socialização é gradativo, desenvolvendo-se de acordo com cada fase evolutiva. Hilgard e Atkinson (1976) apresentam um quadro demonstrativo de oito estádios de desenvolvimento psicossocial, proposto por Erikson: do nascimento ao fim do primeiro ano, os raios de relações significativas são a pessoa materna; durante o segundo ano, os pais; do terceiro ao quinto ano, a família básica; do sexto ano até o início da puberdade, a "vizinhança" e a escola; na adolescência, grupos de colegas e grupos estranhos, modelos de liderança; no início da vida adulta, companheiros de amizade, sexo, competição, cooperação; quando adulto jovem e de meia idade, trabalho e realização; no fim da vida adulta, "humanidade", "minha classe".

Na primeira infância, o desenvolvimento psicossocial é caracterizado pelos seguintes elementos:

4.1) Aquisição da linguagem

A aquisição da Linguagem ocorre através da capacidade que a criança tem de repetir os sons que ouve das pessoas que a cercam, desenvolvendo, assim, a capacidade de falar, balbuciando as primeiras palavras a partir dos seis ou sete meses.

4.2) Desenvolvimento Emocional

Como a criança não aprendeu ainda a reprimir suas emoções, expressa-as conforme o atendimento ou não de suas necessidades básicas.

A forma pela qual ela expressa suas emoções é chorando, contorcendo-se, agitando-se, esperneando e debatendo-se.

4.3) A Formação Dos Valores Morais

Nesta fase ocorre o início da formação do senso moral, dos conceitos do certo e do errado. Ninguém nasce com esses conceitos formados; os mesmos se desenvolvem através de um processo de aprendizagem no nosso contexto social.

A criança nasce desprovida de juízo moral, o que Freud chama de censura ou superego; no entanto, adquire-o através de um relacionamento entre o que passa a ser determinado por outros, no ambiente em que vive e a descoberta a respeito de si mesma como pessoa.

II – A Idade Pré-Escolar

A criança, ao chegar à idade pré-escolar, dá um importante passo para o seu crescimento interior. A vida escolar contribui para um afastamento radical do seu modo de vida anterior. Essa nova fase de sua existência se caracteriza por mudanças abruptas. Ir à escola torna-se para a criança um dos seus maiores desafios. Deixar o lar e ficar sob a custódia de alguém desconhecido gera, em muitas delas, uma forte tensão. As reações são as mais ávidas possíveis. Apegar-se aos pais, chorar, criar situações nos primeiros dias de aula é muito frequente.

A idade pré-escolar é considerada como um dos momentos mais importantes no desenvolvimento humano.

Rosa (1986) faz a seguinte consideração:

> *Em termos da Psicologia evolutiva, a fase pré-escolar é considerada a idade áurea da vida, pois é nesse período que o organismo se forma estruturalmente, capacitado para o exercício de atividades psicológicas mais complexas como, por exemplo, o uso da linguagem articular. Quase todas as teorias do desenvolvimento humano admitem*

que a idade pré-escolar seja de fundamental importância na vida humana, por ser esse o período em que, por assim dizer, os fundamentos da personalidade do indivíduo lançados na primeira infância começam a tomar formas claras e definidas.

1) Desenvolvimento Motor

Durante a primeira infância, o processo de excitação, no sistema nervoso superior, não tem plena dominância sobre o da inibição, por isso a criança precisa ser treinada, até mesmo para adquirir os hábitos alimentares e higiênicos. Geralmente os pais exercem certa pressão para que ela tenha controle sobre a evacuação e a micção. Na idade pré-escolar, a criança torna-se ativa, há uma melhor coordenação no gasto de energia e um equilíbrio nas suas atividades sensoriais e motoras. Ela corre, pula, joga, sobe e desce em árvores, portões, cadeiras, janelas, etc., gosta de competições, trabalhos manuais.

Hilgard (1976) demonstra, nos seus estudos, algumas das atividades que revelam o grau de amadurecimento motor na infância:

- **3 anos -** Mostra maior interesse no ato de despir-se. É capaz de desabotoar os botões da roupa. Ao vestir-se, não distingue a frente das costas no vestuário. Procura amarrar os sapatos, mas geralmente o faz com incorreções. Pode copiar um círculo; observa as ilustrações e a escrita de um livro; descalça os sapatos; é capaz de fazer castelos com cubos; observa o trabalho de homens e máquinas.

- **4 anos** - É capaz de vestir-se e despir-se com pouca assistência. Distingue a frente das costas nas roupas e é capaz de colocá-las corretamente. Desenha (anotando algumas minúcias) uma casa; seus desenhos são ainda rudimentares; procura copiar seu nome e reconhece algumas letras e números. Veste-se e despe-se com cuidado. Pode ser capaz de amarrar os cordões do sapato, embora só aos 6 ou 7 os amarre sem dificuldade. Aproxima-se de um objeto com decisão e o toma nas mãos com precisão. Brincadeiras na areia chamam a atenção dos

meninos; as meninas brincam de casinha; meninos e meninas, nesta idade, gostam de colorir desenhos e recortar figuras de revistas. Se colocados ante um piano, sabem manejar os dedos de modo a tocar em várias teclas.

Quando a criança chega aos 10 anos, segundo Hilgard, alcança a idade de ouro do equilíbrio, do controle dos movimentos, sendo capaz de escrever e desenhar com desenvoltura.

2) Desenvolvimento Cognitivo

2.1) Período pré-operatório

Piaget (1974) chama este período de pré-operatório, que vai dos 2 aos 7 anos, e se subdivide em pensamento egocêntrico, que vai dos dois aos quatro anos, e pensamento intuitivo, que vai dos quatro aos sete anos.

Nesta fase a criança desenvolve a capacidade simbólica; "já não depende unicamente de suas sensações, de seus movimentos, mas já distingue um significador (imagem, palavra ou símbolo) daquilo que ele significa (o objeto ausente), o significado".

O professor deve, nessa fase, trabalhar com bastantes recursos audiovisuais, explorando a capacidade lúdica da criança. É nesta etapa que ocorre o surgimento da linguagem, desenho, dramatização.

Essa simbolização acontece mais precisamente no primeiro estágio do período pré-operacional, quando a criança pensa de acordo com suas percepções.

Por exemplo, se alguém, brincando, afirmar que é um monstro, ela pode se apavorar, pensando ser essa pessoa realmente um monstro. Nesta fase, a criança tende também a dar vida aos objetos e atribuir-lhes características cabíveis aos seres humanos.

Se sua boneca, por exemplo, for machucada, ela pode pensar que a mesma esteja triste ou zangada. No estágio intuitivo ocorre de forma gradativa. O professor deve ter cuidado na maneira de

falar sobre temas como o inferno, guerras, violência, a morte e o sofrimento de Cristo etc.

A criança agora se encontra numa fase de transição para um nível de desenvolvimento intelectual mais elevado.

"Aparentemente, na medida em que a criança desenvolve maior capacidade de representação mental e esquemas mais equilibrados e mais sofisticados, sua percepção dos objetos e das pessoas se torna mais complexa. Assim é que, ao invés de concentrar sua atenção num único atributo saliente dos objetos, a criança é capaz de variar seu foco de atenção e de considerar mais de um atributo de uma só vez."

Este período também se caracteriza pelo egocentrismo da criança – fase do "tudo é meu". A criança ainda não se mostra capaz de colocar-se na perspectiva do outro, vive isolada, mas está presente no coletivo.

É também conhecida como a "Idade dos Porques", fase da descoberta da sexualidade e de curiosidades. O professor deve explorar esta necessidade da criança, levantando questões bíblicas que despertem a curiosidade da criança.

Nesta fase ocorre o início da formação do senso moral, dos conceitos do certo e do errado. Ninguém nasce com esses conceitos formados; os mesmos se desenvolvem através de um processo de aprendizagem no nosso contexto social.

A criança nasce desprovida de juízo moral, o que Freud chama de censura ou superego; no entanto, adquire-o através de um relacionamento entre o que passa a ser determinado por outros, no ambiente em que vive e a descoberta a respeito de si mesma como pessoa.

O professor deve, neste período, aplicar conteúdos que contribuam para a formação dos valores morais e espirituais. Não devemos esquecer que a personalidade do individuo é formada até os sete anos de idade.

3) Desenvolvimento Psicossocial

Segundo a teoria freudiana, durante os primeiros meses de vida, a criança não consegue distinguir o seu "eu" do mundo exterior. A mãe passa a ser extensão sua, como se fosse uma só pessoa. O eu, segundo Jersild (1981), "é composto de tudo que entra na experiência individual. É o seu "mundo interior". É um conjunto de pensamentos e sentimentos, de lutas e esperanças, de temores e fantasias de uma pessoa, de sua maneira de ser tal como é, como já foi e como poderia vir a ser, e de suas atitudes a respeito de seu próprio valor."

Jersild (1981) admite que, aos três meses, as crianças já apresentam sinais de consciência social, quando param de chorar, à aproximação de alguém ou fazem movimentos de busca para localizar um adulto que se aproxima. Além do mais, são capazes de prestar atenção à voz de outra pessoa, bem como sorrir em resposta a um olhar ou choramingar, quando alguém se afasta de sua presença.

À medida que o tempo passa, a criança definidamente vai se tornando uma criatura social. Fortes laços vão sendo criados entre ela e outras pessoas. Na idade pré-escolar costuma brincar em grupos pequenos; com o passar dos anos, ela passa a concentrar-se menos no lar.

III – A Idade Escolar

A idade escolar propriamente dita ocorre a partir dos sete anos, quando a criança começa a ser alfabetizada. É uma fase que exige da criança produção e ordem. É o momento em que esta busca uma relação com as novas pessoas que representam autoridade e exercita adaptação, auto-afirmação.

Atualmente o deslocamento da criança para a "escolinha" (creche) começa muito cedo, podendo acarretar alguns problemas posteriores.

1) Desenvolvimento Motor

Durante esta fase a criança já tem desenvolvido fatores perceptivos, fatores de execução e coordenação motora. A atividade lúdica, neste período, é fundamental para a criança. Para ela, tudo é pretexto para jogar e brincar, servindo, simultaneamente, como um teste constante às suas capacidades.

Durante esta fase são frequentes as desarmonias entre o ritmo de crescimento físico e psíquico – aceleramento ou atraso. A escola não deve tornar-se para criança uma sobrecarga, de modo que venha a reagir com insegurança, rebeldia e ressentimento, mas sim um ambiente que ajude no seu desenvolvimento físico e mental.

2) Desenvolvimento Cognitivo

2.1) Período Das Operações Concretas

Esta fase vai aproximadamente dos 7 aos 11 anos. Piaget chama essa etapa da vida de "Período das operações concretas", momento em que se inicia a infância propriamente dita.

Agora a criança já possui uma organização mental integrada, os sistemas de ação reúnem-se de forma totalmente integrada. A criança adquire as conservações de número, substância etc. Piaget fala em operações de pensamento ao invés de ações. Começa nesta fase a compreensão de regras e a linguagem torna-se socializada. O professor que tem consciência disso reforça os princípios ensinados na Bíblia que servirão de base para a vida.

Nessa idade a criança está pronta para iniciar um processo de aprendizagem sistemática e adquire uma autonomia crescente em relação ao adulto, passando a organizar seus próprios valores morais. A grupalização com o sexo oposto diminui. A criança, que no início do período ainda considerava bastante as opiniões e idéias dos adultos, no final passa a enfrentá-los.

Nesta etapa a criança tende a se organizar em "bando", geralmente com pessoas do mesmo sexo. Há uma grande disputa

entre meninos e meninas nesse período, por isso não convém colocá-los juntos na mesma classe.

3) Desenvolvimento Psicossocial

Nesta etapa a criança identifica-se com os adultos fora do seu meio familiar (por exemplo, o professor). É um período em que se inicia a divisão de sexos (as meninas brincam com meninas e os meninos com meninos).

Há também um maior interesse nas relações afetivas e atividades sociais. As relações com os pares são instáveis, podendo utilizar, algumas vezes, a agressividade como forma de resolver problemas com outras crianças.

Gosta de participar de atividades em grupo e competir, porém quer sempre ganhar nas atividades em que participa, tentando modificar as regras para satisfazer as suas necessidades. O professor deve compreender a criança, observando cada fase do seu desenvolvimento, para aplicar da forma correta estratégias que alcancem cada faixa-etária, de forma satisfatória.

O Desenvolvimento Humano: A Adolescência

A adolescência é uma das fases mais lindas da vida do ser humano, porém a mais complexa. O adolescente começa a entrar no mundo dos adultos através do crescimento e das mudanças do seu corpo e, posteriormente, através de suas capacidades e de seus afetos.

I – O Desenvolvimento Na Adolescência

Um dos grandes segredos do sucesso de trabalho com adolescentes está na compreensão desta fase da vida. As mudanças são típicas da adolescência e é preciso entendê-las. A intensidade e a frequencia dos processos orgânicos, vivenciados pelo adolescente, podem obrigá-lo à realização de rápidas modificações no seu estado emocional.

1) Desenvolvimento motor

Dos dez aos doze anos a criança atinge a puberdade. A puberdade é o início da adolescência.[12] Nessa fase o crescimento anual é em torno de 10 cm, com acompanhamento no peso corporal de 9.5 kg em média. Depois desse período, o crescimento anual decresce e fica entre 1 cm e 2 cm ao ano, assim como o peso corporal se situa em torno de 5 kg. A última fase do desenvolvimento caracteriza-se por atingir a estatura máxima do indivíduo.

Durante a puberdade o indivíduo alcança a melhor idade para a aprendizagem motora, com melhorias nos níveis de força, rápida maturação morfológica e funcional, maturação labiríntica. A união destes elementos dá condições ao pleno desenvolvimento motor.

Dos doze aos quinze anos ocorre uma grande variação no comportamento psicológico, com intensa instabilidade emocional, apesar do alto nível intelectual. O crescimento é desproporcional, provocando problemas de coordenação motora.

A estabilidade só virá na pós-puberdade que vai dos quinze aos dezenove anos. Nesse período ocorre a harmonia das proporções corporais, acompanhada da melhoria da coordenação motora, com óbvios reflexos sobre a plasticidade esportiva. Há um aumento mais expressivo na força muscular, possivelmente provocado pela estabilidade e regularização hormonal e psíquica, culminando na treinabilidade máxima possível.

2) Desenvolvimento Cognitivo

O adolescente é capaz de lidar com conceitos como liberdade, justiça, etc. Também consegue tirar conclusões de puras hipóteses. O alvo de sua reflexão é a sociedade, sempre analisada como passível de reforma e transformação. Na adolescência o indivíduo atinge o ápice do seu desenvolvimento cognitivo.

[12] A palavra puberdade originalmente "púber" significava "pelos". Como nesta fase surgem os pelos na região pubiana (virilha), o termo puberdade passou ser usado para descrever a fase de mudanças corporais (crescimento, desarranjos na pele, amadurecimento dos órgãos sexuais) que acontecem a partir dos 11 ou 12 anos.

1.1) Período Operatório Abstrato

Piaget chama essa fase de Período Operatório Abstrato, fase iniciada a partir dos 11 anos em diante em que ocorre o desenvolvimento das operações de raciocínio abstrato. A criança se liberta inteiramente do objeto, inclusive o representado, operando agora com a forma (em contraposição a conteúdo), situando o real em um conjunto de transformações. É considerada fase de abertura a todas as possibilidades e a criança absorve o nível lógico-matemático. Em grupos estabelece relações de cooperação e reciprocidade.

O professor deve explorar o potencial intelectual do adolescente, levando-o ao uso do raciocínio, estimulando-o à descoberta de enigmas e à pesquisa de temas curiosos e atrativos do interesse dele.

3) Desenvolvimento Psicossocial

Na adolescência o indivíduo possui uma grande necessidade de vivência em grupo, assim como uma necessidade de autorrealização no grupo ao qual ele está inserido. É comum o adolescente querer participar de uma comunidade (grupo), assim como desenvolver trabalhos em grupo. É importante facultar-lhe esse direito.

A convivência num grupo é fator preponderante na definição da identidade do indivíduo. A identidade do adolescente se define em termos da realidade social ou ainda, através das respostas para as questões existenciais, tais como:

Quem sou eu? Qual o sentido da minha vida pessoal? Qual o meu destino? A resposta será, evidentemente, uma questão pessoal, idealmente caracterizada por carência de ambivalência e contradições internas.

II - Características Da Adolescência

O adolescente passa por uma série de mudanças significativas em sua vida. Apresentamos a seguir as principais características

desta fase da vida que precisam ser consideradas por aqueles que trabalham com o adolescente.

1) Aspectos Físicos

Durante a puberdade o adolescente passa por uma série de mudanças estruturais e fisiológicas de consequencia permanente na vida. Estas mudanças podem levá-lo a se sentir, muitas vezes, acanhado, complexado ou mesmo com medo de tudo o que está acontecendo.

Nessa fase cada parte do seu corpo se desenvolve com mais rapidez do que em qualquer outra fase da vida. Em um ano é possível ele aumentar 12 cm de altura e ganhar pelo menos 10 a 12 Kg. Há um desenvolvimento rápido do sistema circulatório, dos pulmões, ossos e músculos.

O crescimento nessa fase é desproporcional. Certas áreas atingem seu tamanho normal mais cedo do que outras. Crescem principalmente os pés, as mãos e o nariz. Isto resulta numa perda de parte da coordenação motora, tornando-o desajeitado ou desengonçado.

Como todo o resto do corpo, a pele também passa por importantes mudanças durante a puberdade. Uma das coisas que o deixa às vezes encabulado são aquelas espinhas e cravos que aparecem no seu rosto. Isto acontece, porque as glândulas sebáceas sofrem uma modificação e passam a produzir sebo e óleo para a pele. Quando os canais (poros) através dos quais o óleo é conduzido ao exterior da pele estão bloqueados, os canais se enchem, inflamam e estouram.

Outra dificuldade pela qual o adolescente passa é a mudança na voz. De quando em quando, sua voz o deixa embaraçado, transformando-o em fonte de divertimento para os outros, principalmente se este é do sexo masculino.

Outra mudança que ocorre na puberdade, talvez a mais importante delas, é o amadurecimento dos órgãos de reprodução.

Quando esses alcançam a capacidade de funcionamento adulto, a puberdade foi atingida.

Ao chegar a pré-adolescência, aproximadamente aos dez ou onze anos, as glândulas sexuais que são chamadas de gônadas (no menino, os testículos, e na menina, os ovários), produzem hormônios que são responsáveis pelas características sexuais secundárias, ou seja, pelo surgimento dos pêlos nas axilas, dos pelos pubianos, além da barba e do bigode no menino; e o crescimento das mamas, o alargamento do quadril. Nessa fase ocorre a **Semarca** (primeira ejaculação), relativa aos meninos, e a **Menarca** (primeira menstruação), relativa às meninas.

2) Aspectos Emocionais

Para alguns estudiosos, nessa etapa de "explosão" hormonal, a intensidade e a frequencia dos processos orgânicos que o adolescente vivencia, podem levá-lo a modificações no seu estado emocional. Nessa fase é normal certo nervosismo, momentos de impulsividade e ataque de mau humor, principalmente nos meninos, e certo grau de sensibilidade e romantismo nas meninas.

Nessa fase também é bastante comum a timidez, principalmente na pré-adolescência, provocada pelo medo de não serem aceitos, pelo medo da crítica (preocupam-se com o que os outros pensam a seu respeito) e pela dificuldade de adaptação a novas situações que os cercam. Muitos não conseguem alcançar um grau de ajustamento nessa fase, tornando-se cheios de complexos, principalmente pelo chamado complexo de inferioridade.

A timidez geralmente tende a diminuir com o tempo e a adaptação do adolescente às novas situações. Existem algumas maneiras de ajudar o adolescente a enfrentar a timidez:

- ✓ Aceitá-lo como ele é;
- ✓ Respeitar a sua maneira de ser;
- ✓ Não o expor a situações constrangedoras;
- ✓ Atribuir-lhe tarefas que o forcem a evoluir por si mesmo;
- ✓ Incentivá-lo a auto aceitar-se, gostar de si mesmo e a conviver de forma mais equilibrada com os outros.

3) Aspectos Sociais

Na adolescência há uma grande necessidade de o indivíduo conviver em grupo, visto que o processo de interrelação grupal é fator importante na definição da sua identidade. É comum o adolescente querer participar de uma comunidade (grupo), assim como desenvolver trabalhos em grupo. É importante facultar-lhe esse direito.

Os adolescentes querem conquistar seu espaço. Isso significa que eles precisam ser aceitos na sociedade à sua volta. Nesta fase, o grupo de iguais tem sobre eles muito mais influencia que a família.

Os líderes e professores, contudo, devem mostrar-lhe o perigo das más companhias e dos maus ambientes. Devem também proporcionar na igreja um ambiente acolhedor, para que se sintam seguros e tenham prazer de estar na igreja. Quando alguém prefere amizades com pessoas não-cristãs, acaba perdendo os bons princípios que aprendeu, caindo muitas vezes na armadilha do diabo. Isto não ocorre imediatamente, mas de uma forma tão sutil, que a pessoa não é capaz de perceber o abismo a sua frente.

Sua necessidade de emancipação o leva a se desvencilhar dos vínculos do lar. Os sentimentos anteriores de carinho e afeição para com os pais, durante a meninice, agora são prontamente dirigidos para as pessoas do seu grupo de convivência.

Eles não deixam de amar os pais, porém tendem a se tornarem emocional e socialmente distantes deles, fazendo muitas tentativas para obter e manter afeição, confiança e estima do seu grupo etário.

O adolescente começa a ignorar os modelos tomados pelos pais durante a infância, não querendo mais ser igual a ninguém; ele quer agir do seu modo e reage às obrigações impostas por tradição ou por autoridade. Desconfia da razão dos adultos, ainda que não tenha confiança nas suas próprias conclusões e quer ter o direito de manifestar suas opiniões.

Não podemos ser radicais, principalmente quando estamos lidando com adolescentes. Não devemos usar apenas a proibição; é mais eficaz dar e dividir responsabilidade para a vida (Efésios 6.4 e Colossenses 3.21) e conscientizá-los quanto ao permitido e ao conveniente, a repercussão de suas atitudes e decisões. A arte de conscientizar, observando pontos favoráveis e desfavoráveis, ajuda o adolescente a decidir sobre o que fazer (I Co 10.23). O adolescente tenderá a aceitar melhor a disciplina, quando essa for aplicada com razão, sempre com base nas características diferentes da criança, com filosofia de vida própria à sua idade.

4) Aspectos Espirituais

Os valores formados durante a infância passam a fazer parte da personalidade do indivíduo. Na adolescência, entretanto, o indivíduo passa por um processo de reorganização desses valores. Muitos conceitos, atitudes e práticas de natureza moral e religiosa passam a ser questionados. Por isso o adolescente sente-se cobrado, incompreendido e acha que os pais estão ultrapassados.

É fundamental, nessa fase, levá-lo a familiarizar-se com Bíblia, a Palavra de Deus, que é um manual prático de ensinos morais e espirituais. "*Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça*" (2Tm 3.16).

O líder e professor precisam, inicialmente, distinguir valores morais e espirituais das atitudes que fazem parte da adolescência. As mudanças de comportamento nem sempre estão relacionadas a um abandono dos valores ensinados.

Às vezes esperamos que o adolescente tenha as mesmas atitudes da infância, quando este é interpelado. A criança geralmente obedece. Mesmo não aceitando a imposição dos pais, chorando, resmungando, esta se rende e age de acordo com o que os pais desejam. O adolescente, ao contrário, se não concordar com o que está sendo determinado, é capaz de enfrentar os pais ou aqueles que estão impondo as exigências.

A Igreja deve pensar a respeito das questões relacionadas à formação de um caráter cristão. Há necessidade de um nível mais elevado de instrução da Palavra de Deus nas coisas básicas da vida cristã. É imprescindível que reconheçamos a necessidade de formar valores morais e espirituais. Há, pelo menos, três princípios básicos que devem ser desenvolvidos no lar e na Igreja que farão a diferença em suas vidas:

A) **Princípio do temor a Deus** - Temor é sinônimo de respeito e reverência a Deus. Quando conseguimos enxergar esse princípio, descobrimos uma maneira diferente de viver. O temor a Deus dá um significado diferente à vida cristã. O temor está ligado à obediência. A obediência é um princípio vital, indispensável à vida cristã, que está relacionada ao temor. A Bíblia afirma: "O temor ao Senhor é o princípio da sabedoria. Bom entendimento tem todos os que lhe obedecem..." (Sl 111.10).

B) **O** princípio **da responsabilidade** – A responsabilidade está ligada à formação do caráter. Ser responsável é aprender a subordinar seus desejos e inclinações à ordem moral e à vontade de Deus. Devemos ensinar o adolescente a assumir responsabilidade em todas as coisas e a pensar sempre, antes de agir, nas consequencias advindas das suas decisões.

C) **O** princípio **do compromisso com Deus e sua Palavra** – Precisamos ajudá-lo a descobrir o valor da Palavra de Deus, e a assumir o compromisso em cumpri-la no seu dia-a-dia.

III - Ajudando O Adolescente A Construir Relações Saudáveis

Durante a fase da adolescência nos definimos como pessoa, quanto à conduta, gostos, escolha profissional, etc. O grupo de convivência tem uma importância muito grande nessa definição.

Algumas vezes há circunstâncias que levam o adolescente à má formação de sua personalidade. Essas circunstâncias afetam, principalmente, a definição da sua identidade, levando-o a expressar-se:

1) Por meio de uma **identidade negativa** - Isso acontece, quando houve transtornos na aquisição da identidade infantil. A necessidade de adquirir uma identidade concreta leva a pessoa a recorrer a um tipo de identidade negativa. É como se a pessoa, inconscientemente, preferisse "ser alguém perverso, indesejável, a não ser nada";

2) Por meio de uma **pseudo-identidade** - São manifestações ou expressões de uma identidade falsa ou de um comportamento do que se queria ou poderia ser escondendo a verdadeira identidade. Isso é decorrente de uma não aceitação da sua própria identidade;

3) Por meio de uma **identidade transitória** - É aquela que se manifesta temporariamente, dependendo da circunstância. Por exemplo, a pessoa apresenta uma postura machista, enquanto está num determinado grupo; ao sair dali, sua postura passa a ser diferente. Alguns exemplos de identidades transitórias são: o jovem machista, o jovem infantil, o jovem muito sério, muito adulto, etc.

Existem outros tipos de identidades, tais como: identidade ocasional, identidade circunstancial, etc. Nosso intuito é mostrar como o professor da EBD pode ajudar o adolescente a adquirir uma identidade saudável, a partir do cultivo de bons relacionamentos.

1) A Importância Do Grupo Na Definição Da Identidade

A convivência em um grupo é fator fundamental na definição da identidade do indivíduo. Todo ser humano sente a necessidade de conviver em grupo. É aceitável querer ficar só temporariamente, para desligar-se de tudo, porém gostar de estar sozinho, não para relaxar, pode ser sinal de problemas emocionais.

A lealdade do grupo é algo cultivado nessa fase da vida. O adolescente passa a influenciar e ser influenciado diretamente por seu grupo de convivência, quanto ao uso de roupas, penteados, linguagem, ou até mesmo em determinadas escolhas ou decisões que venha a tomar.

A necessidade da convivência num grupo o expõe ao perigo das más companhias, pois, na maioria das vezes, quando alguém não faz parte de um grupo dentro da Igreja, será tentado a ingressar noutro lá fora.

É imprescindível a busca de um grupo saudável na Igreja para sua convivência. A Bíblia é explícita quando afirma: *"As más conversações corrompem os bons costumes".* (1 Co 15.33).

Quando alguém prefere amizades com pessoas não-cristãs, perde os bons princípios que aprendeu, caindo muitas vezes na armadilha do diabo. Isto não ocorre imediatamente, mas de uma forma tão sutil, que a pessoa não é capaz de perceber o abismo à sua frente.

Vejamos o que ocorre com o jovem cristão que se torna amigo íntimo de alguém não-crente: primeiro, começa a acompanhá-lo para festinhas, encontros, ou lugares diferentes do seu cotidiano.

Logo passa a confidenciar seus problemas a essa pessoa e em seguida deixa de estar na Igreja para estar com essa pessoa. Depois, já não consegue ceder às pressões dessa pessoa ou do seu grupo, passando a aceitar determinadas coisas erradas, apenas para não desagradar o "amigo" ou para não se tornar diferente dos demais no grupo.

Nesse momento, seus pais ou amigos da Igreja já são vistos como "ultrapassados", "caretas" ou "fanáticos". Como consequencia, ocorre uma perda do sentido da vida cristã, uma frieza espiritual e perda da comunhão com Deus. A pessoa abandona a Cristo e cai na armadilha do diabo, tornando-se muitas vezes escrava dos vícios, drogas, prostituição etc.

O adolescente se identifica e se sente aceito no grupo, por isso se estabelece nele. O professor pode canalizar essa necessidade gregária para grupos dentro da Igreja, como a EBD, Departamento de música, teatro, coreografia etc.

2) Construindo Relações Saudáveis

Ë necessário o professor fornecer os meios para o desenvolvimento de relações saudáveis entre os adolescentes. Utilizando alguns procedimentos simples, podemos conseguir ótimos resultados no relacionamento com eles. Apresentamos algumas sugestões que podem fazer a diferença na vida dos seus alunos:

2.1) Desenvolva Um Bom Relacionamento Com Os Seus Alunos

O líder precisa compreender o adolescente, procurando ouvi-lo, sendo cordial, tendo respeito e amor, sendo empático, colocando-se sempre no lugar dele, tornando-se um modelo e criando um vínculo afetivo. Assim, exercerá influencia sobre sua vida.

2.2) Não Reprima Ou Critique

Ouça-o antes de emitir os próprios conceitos, mesmo quando você percebe que ele está errado. Confronte com a verdade bíblica para que haja arrependimento. Apóie seu posicionamento sempre com a Palavra de Deus.

2.3) Leve-O A Participar Das Atividades Da Igreja

O líder pode ajudar o adolescente a entrosar-se nas atividades de grupo da sua Igreja, tais como: grupos musicais, jograis e representações, encontros, confraternizações, acampamentos, etc. O desenvolvimento de atividades extraclasse como festinhas, dinâmicas de grupo, aniversários, correio elegante, sorteios, etc. ajudam a melhorar o relacionamento interpessoal do grupo.

2.4) Mostre-Lhe Os Perigos Das Más Companhias

Alguns adolescentes cometem um erro fatal, ao acharem que nada de mal lhes acontecerá por possuírem amizades com pessoas não-crentes.

Veja o pensamento equivocado de alguns deles:

- Não me deixarei ser influenciado por coisa alguma.

- Ganharei os meus amigos não crentes para Cristo, se sair com eles.
- Os meus amigos não crentes só irão à Igreja comigo, se eu também sair com eles.
- Sou bastante forte para resistir à tentação.
- Meus amigos não crentes são muito bons.
- Meus amigos gostam de pessoas crentes.
- Meus amigos não crentes são melhores do que muitos jovens da Igreja.
- Os jovens da Igreja não se importam comigo
- Não existe espaço para mim na Igreja

3) A Formação De Um Caráter Cristão

Deus muda a identidade ou caráter. Mas, para isto, é necessária uma ação do Espírito Santo de Deus.

Um dos pré-requisitos básicos para que haja uma mudança de identidade é o cultivo do Fruto do Espírito. O Fruto do Espírito é formado de nove elementos que fazem parte do caráter de Deus que passa a ser implantado no nosso caráter. *"Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio"* (Gl 5.22).

Quando alguém cultiva o Fruto do Espírito, recebe uma mudança de caráter, tornando-se uma pessoa diferente *"Se alguém está em Cristo, nova criatura é, as coisas velhas se passaram e eis que tudo se fez novo."* (1 Co 5.17)

O professor deve, efetivamente, verificar as necessidades mais evidentes do seu grupo, conduzindo-o a Cristo, ajudando-o no desenvolvimento de relações saudáveis de uma vida cristã genuína.

Faça sua parte nesse profícuo ministério. Deixe o Espírito Santo guiá-lo e os resultados serão garantidos por Deus.

O Desenvolvimento Humano: Jovens, Adultos e a Terceira Idade

As teorias da Psicologia sobre o desenvolvimento humano referem-se mais predominantemente à criança e ao adolescente, não tendo estabelecido, na verdade, uma psicologia consistente para o adulto. Temos uma limitação considerável em relação a textos produzidos sobre os processos de construção e conhecimento e aprendizagem dos adultos.

A idade adulta tem sido tradicionalmente interpretada como um período de estabilidade e ausência de mudanças. Os autores consideram esta fase como uma etapa substantiva do desenvolvimento.

Os fatores culturais são preponderantes nesta fase, na definição das características da vida adulta:

> *Se cada período da vida é suscetível de se identificar com uma série de papéis, atividades e relações, não há dúvida de que a entrada no mundo do trabalho e a formação de uma unidade familiar própria são identificadas como papéis, atividades e relações da maior importância, a partir do final da adolescência. [...A forma como esses dois fenômenos ocorrem] e as expectativas sociais em torno deles são claramente dependentes em relação a fatores históricos, culturais e sociais. (Palacios, 1995).*

Segundo estudos da psicologia, o funcionamento intelectual das pessoas mantém um bom nível de competência cognitiva até a idade avançada. O que determina o nível de competência cognitiva das pessoas mais velhas não é tanto a idade em si mesma, quanto uma série de fatores de natureza diversa. Fatores como saúde, educação, experiência profissional e a motivação da pessoa são determinantes nesse processo. (Palacios, 1995)

I – O Adulto Jovem

Esta fase vai dos 20 aos 40 anos aproximadamente e é considerada a mais importante no que diz respeito ao indivíduo e à sociedade. Nessa faixa etária, o indivíduo começa a assumir plenamente as funções que a sociedade espera do ser adulto. É, portanto, uma fase de desenvolvimento caracterizada por uma série de mudanças significativas, bem como uma série de importantes ajustamentos pessoais e sociais.

1) O Jovem Solteiro

O jovem vive um momento decisivo em sua vida. Algumas decisões e escolhas importantes são realizadas nesta fase da vida, como: seguir uma carreira profissional; escolher alguém para se casar; decidir onde morar no futuro, etc. Essas escolhas começam na adolescência, mas, geralmente, são concretizadas no início da idade adulta.

Quando o ser humano chega à adolescência, sente necessidade de planejar o seu futuro. A sociedade fixa metas altas e ambiciosas, deixando-os embaraçados e inseguros. Essas escolhas e decisões são determinantes na vida futura do jovem; uma escolha errada poderá ser irreversível e trazer consequencias drásticas para o resto da sua vida. Por isso é fundamental a orientação divina nos momentos decisivos da vida.

Como professor da EBD, você tem um papel preponderante nesse processo. Suas aulas podem servir como um meio de orientação, capaz de ajudar o jovem a dirimir suas dúvidas acerca das difíceis escolhas que tenha de fazer. Assuntos como namoro, sexualidade, carreira profissional etc., devem ser discutidos abertamente.

2) O Jovem Adulto E O Casamento

A maioria das pessoas casa-se e tem filhos neste período da vida. O casamento exige a adoção de novos papéis, a aceitação do

outro e a adaptação a esse outro. É uma fase totalmente nova, fascinante e reprodutiva.

São comuns nessa fase da vida as dificuldades entre cônjuges, às vezes provocadas pela imaturidade ou decepção causada pelo fato de o (a) companheiro (a) não corresponder às esperanças que nele puseram.

Muitos conflitos no lar estão relacionados ao desempenho incorreto de papéis. Quando assumimos corretamente o nosso papel e aceitamos a vontade de Deus em nossas vidas, contribuímos para o ajustamento da nossa família. Há situações em que a mulher ou o homem assume dupla função, tornando mais árdua a sua tarefa. São os casos de viúvos, mãe ou pai solteiro e divorciados.

2.1) O Desempenho Correto De Papéis

O homem recebeu a responsabilidade de administrar a casa. De acordo com Efésios 5. 22-33, Deus deu ao homem a função de cabeça do lar. Ser cabeça não significa ser superior, mas ter maior responsabilidade. Cabe ao homem estruturar sua casa. Quando ele perde o autocontrole, prejudica toda a estrutura do lar.

A mulher recebeu a função de auxiliadora (Gn 2.18). O apóstolo Paulo ensina que esta seja submissa ao homem (Ef 5. 22-33). Observe que Paulo não diz que o homem deve subjugá-la ou tratá-la como serva, mas que ela, deliberadamente, aceite o seu papel como alguém que deve auxiliar o marido.

Os filhos são frutos da união dos pais e são também considerados como rebentos (Sl 128). Cabe a eles a obediência e a honra aos pais (Sl 128.3; Ef 6.1,2).

A Escola Dominical deve cumprir o seu papel, trabalhando as dificuldades de cada faixa etária, ensinando e edificando o aluno, levando-o a cultivar uma vida mais saudável, física, emocional, social e espiritual.

3) O Jovem Adulto E O Mundo Do Trabalho

O jovem adulto inicia-se no mundo do trabalho e das relações interpessoais. Começa nesse período a fase da ascensão profissional e social. Surgem, no entanto, conflitos de auto-afirmação e a adaptação nas relações com superiores e subordinados, a aceitação das normas competitivas, o desempenho simultâneo de papéis diversos (profissão, família, tempo livre, etc.). É o momento em que o indivíduo estabelece os padrões típicos de comportamento que, em condições normais, o acompanharão pelo resto da vida.

O adulto jovem é também caracterizado por certo isolamento social. Surge a necessidade de dar atenção à própria família. O indivíduo não tem muito tempo para a vida social fora do ambiente do lar. Em muitos casos, porém, esse isolamento social se deve a um curioso fator relacionado ao nível de ambição pessoal. Aqueles que desejam ardentemente subir os degraus sociais e alcançar postos na vida profissional econômica, via de regra, concentram todas as suas energias nessa direção e, consequentemente, não têm tempo para o convívio social, a não ser para as atividades que possam contribuir para sua promoção pessoal.

4) Mudanças No Sistema De Valores

Outra questão bastante relevante envolve as mudanças no sistema de valores pessoais. Liberais tornam-se mais conservadores nesse período. Adeptos teóricos do amor livre mudam de posição, quando suas filhas chegam à adolescência.

Ocorre ainda uma mudança significativa no campo dos interesses pessoais. Nesta fase o indivíduo atinge o período áureo de sua existência, caracterizado pela agilidade, rapidez e força. Até os 30 anos, o tônus muscular e a força atingem o ponto máximo. A partir daí o ser humano, gradativamente, começa a apresentar os primeiros sinais de envelhecimento. Pouco a pouco o tônus

muscular, a força, a agilidade, bem como o tamanho do corpo, vão diminuindo. O indivíduo tende à obesidade e ao excesso de gorduras.

II - A Meia Idade

A meia-idade é um período da vida que vai dos 40 aos 60 anos. Alguns teóricos consideram esta época da vida como a idade da maturidade. Durante esta fase, especialmente se atentarmos para o sentido psicológico do termo "maturidade", observamos que o indivíduo geralmente desenvolve uma visão realista de si mesmo, uma imagem ideal, e de como os outros o percebem.

A maturidade do indivíduo vai além do aspecto físico. Significa assumir uma atitude realista diante das mudanças que ocorrem interiormente, bem como a respeito dos ideais e objetivos da vida.

1) As Características Da Meia-Idade

Muitos fatores caracterizam a meia idade: comumente, após os 40 anos, a pessoa deixa de encarar a vida em termos da data em que nasceu, e passa a preocupar-se com o tempo que lhe resta para viver.

Para alguns, esta fase é bastante apavorante, principalmente por causa dos estereótipos criados em torno dela. Existe, por exemplo, a crença tradicional a respeito da deterioração física e mental que acompanha a cessação da capacidade reprodutiva.

A meia-idade é vista como uma fase de transição entre a juventude e a velhice. É considerada por Hurlock[13] "uma idade perigosa", pois, em virtude de a vida estar passando rapidamente, o homem pode querer aproveitá-la o máximo que puder. Há nesta fase maior incidência de infidelidade conjugal e o abuso do álcool.

[13] Hurlock, E.B. Psicologia Desenvolvimental. McGraw-Hill. 1975

Outra situação que justifica o pensamento de Hurlock é o esgotamento físico, resultante do excesso de trabalho, comida, bebida ou atividade sexual.

Esta fase também se caracteriza pela época das realizações. A sociedade moderna pode ser orientada pelos valores dos jovens, mas é, na verdade, controlada pelo adulto da meia-idade; é ele quem, de fato, manda na situação. Este também é o período em que a liderança da indústria, no comércio e na comunidade representa a recompensa pelas realizações individuais.

2) A Crise Da Meia Idade

Durante esta fase da vida, modificações internas e ambientais se combinam e deságuam num período de crise. Collins (1984) apresenta algumas dessas crises em sua obra "Aconselhamento Cristão".

2.1) Tédio

A rotina diária do trabalho, do lar ou igreja, as visitas obrigatórias a parentes maçantes, as constantes frustrações diárias (isto é, uma casa que sempre precisa de conserto, contas mensais a serem pagas, chefes que devem ser agradados), tudo isso contribui para estabelecer uma rotina tediosa.

2.2) Fadiga

Depois de duas décadas de trabalho, é fácil ficar cansado, especialmente quando se reflete sobre o quanto falta para chegar à aposentadoria. Alguns homens e mulheres não realizaram muito até então e por isso tentam esforçar-se, a fim de provar seu valor.

Tal esforço extra é exigido numa situação em que a vitalidade física começa a dar sinais de falha. Não é de se surpreender que alguns entrem em colapso físico ou emocional, enquanto outros começam a pensar em maneiras de escapar, para conseguir algum descanso.

2.3) Mudanças Físicas

Numa sociedade em que a juventude é supervalorizada, há certa resistência às modificações físicas da meia-idade, porque estas revelam que estamos envelhecendo, e isto de maneira bem visível a todos. Cabelos grisalhos, calvície, pele mais grossa, rugas em torno dos olhos, juntas endurecidas, menor flexibilidade nos movimentos e mudanças na estrutura corporal. A mulher, além de tudo isso, ainda enfrenta o problema da menopausa, assinalando a cessação das funções biológicas. Todas essas mudanças que ocorrem na meia-idade tornam-se fontes de conflito tanto para o homem como para a mulher.

2.4) Medo

À medida que a pessoa da meia-idade enfrenta transformações físicas, observa o envelhecimento dos pais e os esforços dos amigos da mesma idade, vários temores começam a aparecer. Para alguns, trata-se do primeiro encontro com medo da morte. Muitos temem perder seu poder de atração, manter a autoridade sobre os filhos ou continuar desejável aos olhos do cônjuge.

Outros receiam que pessoas mais jovens venham a substituí-los no trabalho ou que a vida perca o significado. Outros ainda ficam imaginando se irão tornar-se rígidos, incapazes ou desmotivados. Existe também o medo de perder a atividade e a atração sexual. Isto cria, às vezes, tensão nos momentos mais íntimos, e a temida incapacidade de consumar o ato sexual transforma-se em dura realidade.

Diante das crises enfrentadas na meia-idade, há uma tendência à manifestação de conflitos emocionais internos, revelados, muitas vezes, num comportamento explosivo, irritadiço, impaciente, em que a pessoa vive a queixar-se, preocupar-se com inúmeras pequenas coisas, além do trabalho ou família, inclinando-se a culpar os outros por seus próprios problemas etc.

III - A Velhice

A terceira idade inicia-se aos 60 anos. É provavelmente o estágio mais doloroso da vida humana. Muitos acreditam que velhice é sinônimo de doença e fraqueza. Naturalmente, com o avanço da idade, a memória começa a falhar e, em face disso, muitos passam a admitir que não consiga aprender mais nada e que suas habilidades intelectuais entraram em declínio inevitável. Por conta dessa imagem, o idoso acredita não mais ser criativo e priva-se de muitas atividades, temendo o fracasso e a censura. Essa atitude, quase sempre, leva o idoso ao isolamento e à sensação de ser rejeitado pelas gerações mais jovens.

Estar preparado física e espiritualmente para a velhice, removendo os obstáculos da vida, mantendo-se ativo e com a mente ocupada, permite um envelhecer sem sofrimento. Ser velho não deve significar ser inútil; mas, ao contrário, significa experiências acumuladas.

As pessoas que conseguem superar o medo de envelhecer encaram a terceira idade como qualquer outra fase da vida, cheia de desafios a enfrentar. Ao analisarmos a velhice na Bíblia, constatamos que o idoso não é abandonado ou rejeitado por Deus. No livro do profeta Isaías, lemos que Deus está com os seus até a velhice: *"Até a vossa velhice eu sou o mesmo, e ainda até as cãs eu vos carregarei; eu vos criei, e vos levarei; sim, eu vos carregarei e vos livrarei"* (Is 46.4).

O homem, mesmo na velhice, tem o seu valor na Bíblia: *"Na velhice ainda darão frutos, serão viçosos e florescentes"* (Sl 92.14). Lemos acerca de homens como Abraão, Moisés, Simeão e outros que, ainda na velhice, realizaram trabalhos magníficos que ainda hoje têm para nós um grande significado.

Para que ocorra um envelhecimento sem frustrações, faz-se necessário que o idoso continue desempenhando tarefas relativamente bem distribuídas, de forma a manter ocupada a mente e o físico, desfrutando das potencialidades que ainda lhe restam.

ATIVIDADES – LIÇÃO III

- **Marque "C" para Certo e "E" para Errado:**

1) ❑ Merval Rosa salienta que há habilidades motoras fundamentais que se desenvolvem durante a primeira infância: a postura ereta, a locomoção e a capacidade de preensão e manipulação. C63

2) ❑ A criança nasce desprovida de juízo moral, o que Freud chama de censura ou superego; no entanto, adquire-o através de um relacionamento entre o que passa a ser determinado por outros, no ambiente em que vive e a descoberta a respeito de si mesma como pessoa. C70

3) ❑ Na Idade Escolar a criança já tem desenvolvido fatores perceptivos, fatores de execução e coordenação motora. C72

4) ❑ O adolescente é capaz de lidar com conceitos como liberdade, justiça, etc C74

5) ❑ A timidez geralmente tende a diminuir com o tempo e a adaptação do adolescente às novas situações. C77

6) ❑ A convivência em um grupo é fator fundamental na definição da identidade do indivíduo. C81

Lição IV

A Psicologia no Ensino e no Aconselhamento

A PSICOLOGIA NO ENSINO: A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

Uma das finalidades básicas da educação é favorecer o desenvolvimento da personalidade do educando. O professor, para alcançar este alvo, precisa conhecer-se objetivamente, sendo capaz de ajudar os seus alunos a melhor se conhecerem e se aceitarem, dentro de suas possibilidades e limitações pessoais.

I - O RELACIONAMENTO PROFESSOR X ALUNO

O relacionamento do professor com o aluno pode influenciar positiva ou negativamente na aprendizagem e desenvolvimento do aluno. A figura do professor é muito importante nesse processo. Sem ele é impossível a escola alcançar os seus objetivos. O preparo e bom senso do professor é o elemento-chave para o seu sucesso com os seus alunos.

Se o professor deseja ter um bom relacionamento com os seus alunos, deve desenvolver habilidades como:

1) EMPATIA

Empatia é a capacidade de perceber e aceitar os sentimentos do outro (sem condená-lo), colocando-se no lugar deste. Adams (1994), fazendo uma comparação entre apoio e empatia, tece o seguinte comentário: "*Uma coisa é postar-se ao lado de alguém (apoio), enquanto esse alguém sofre e se debate, assegurando-lhe que estamos interessados; mas é algo inteiramente diferente enrolar as mangas da camisa e pôr-se a lutar ao seu lado*".

2) Saber Ouvir

Ouvir é uma arte que não se consegue sem um adestramento especial, e é absolutamente necessário em toda comunicação interpessoal. O professor precisa ser um bom ouvinte. Ouvir primeiro, antes de tirar as suas conclusões.

3) Congruencia

A congruencia é uma habilidade a ser cultivada. Ser congruente é ser verdadeiro e coerente. O professor congruente age de acordo com suas palavras É sincero com a classe e não decepciona os seus alunos.

4) Facilitar A Integração Do Grupo

Os conflitos são inevitáveis, mas um bom líder possui uma capacidade de percepção para distinguir entre o que é relevante numa situação e o que não é. É um bom mediador. Tem calma e age no momento certo.

Outras características indispensáveis são:

- Não ser intransigente ou repressor;
- Saber estabelecer limites para o grupo;
- Não marginalizar ou rejeitar alguém do grupo;
- Não usar o grupo para os seus interesses pessoais;
- Evitar descarregar os seus problemas no grupo.

II - A Psicologia Aplicada Ao Aluno

Conhecer o aluno é uma tarefa primordial para alcançá-lo; é desenvolver nele uma natureza espiritual e influenciar sua vida em direção a Deus. O êxito do professor ou líder depende da compreensão que este tem da realidade do aluno e a visão de mundo que esse possui.

Cada faixa etária exige uma atenção especial. Um método usado para um adulto, por exemplo, dificilmente servirá para a criança ou o adolescente. Vejamos como usar o potencial do aluno, de acordo com cada faixa etária.

1) A Criança

O desenvolvimento humano é basicamente o produto de uma ação recíproca entre a hereditariedade e o meio ambiente. O psicólogo suíço Jean Piaget considera que a criança está tentando compreender o seu mundo, através de um relacionamento ativo com pessoas e objetos. Deparando-se com acontecimentos, a criança vai se aproximando, num ritmo consistente do objetivo ideal, que é o raciocínio abstrato.

O crescimento mental da criança é bastante discutido. Há os que acreditam ser a mente uma tábua rasa, uma pedra em branco que será escrita através das vivências do indivíduo. Outros defendem a idéia de que, desde o nascimento, "a psique da criança é ricamente dotada de substâncias da experiência humana." Sabemos, porém, que ambas as opiniões são extremas, visto que o desenvolvimento cognitivo se dá de forma gradativa e o indivíduo soma conhecimentos, através de sua própria experiência de vida, contudo alguns aspectos ele traz consigo, ao nascer.

As atividades propostas às crianças devem ser graduadas conforme o seu nível mental, de acordo com sua etapa de desenvolvimento. O professor deve tomar por base o estágio em que se encontra a criança, tendo em vista sempre o estágio seguinte ao seu desenvolvimento genético. Para Piaget, a inteligência é o mecanismo de adaptação do organismo a uma situação nova e como tal, implica a construção contínua de novas estruturas.

O professor precisa ter cuidado para não subestimar a criança quanto a suas capacidades. É muito comum esperarmos que elas não sejam capazes de realizar determinadas tarefas e facilitarmos suas ações.

Não devemos fazer pela criança aquilo que ela pode fazer sozinha, mas sempre propor que ela resolva por si mesma. Quando muito, dar uma pequena ajuda, mas nunca substituir a ação da criança pela nossa.

É imprescindível o envolvimento da criança em atividades que a levem a uma experiência com a Palavra de Deus. Os conteúdos são fundamentais, mas não existem sem a atividade.

Ensinar falando pressupõe o esquecimento, ao passo que tudo que se aprende com a ação, pela experiência, fica para sempre.

Segundo Piaget, a criança não pensa melhor, quando incentivada a reproduzir o que o adulto faz ou fala.

Ela aprenderá a pensar logicamente ou a construir os significados, quando agir sobre os objetos, combinando-os, dissociando-os, subtraindo etc.

Para Piaget, a inteligência não é um dom, mas sim uma construção. Ao agir sobre os objetos e situações, a criança vai construindo esquemas cognitivos, reconstruindo o mundo, ao mesmo tempo em que constrói sua inteligencia.

2) O ADOLESCENTE

Quando se trata do adolescente, devem ser levados em consideração os seguintes aspectos:

Primeiro: a capacidade intelectual. O professor deve levar em conta o desenvolvimento mental do adolescente e sua faculdade para estabelecer relações e para resolver problemas de complexidade cada vez maior.

A neurociência[14] vem de uma forma revolucionária mostrar que na adolescência o cérebro não está ainda totalmente pronto como se imaginava. O adolescente não vive apenas à mercê dos seus hormônios. Nesta fase da vida ocorrem mudanças no córtex cerebral, necessárias para levar o adolescente a lidar de modo adulto com os novos impulsos. Estas mudanças levam cerca de dez anos para acontecerem.

A mente do adolescente é um poderoso instrumento que, muitas vezes, se torna para ele uma fonte de alegria, através da excitação, da curiosidade, da sensação da descoberta, da sensação de triunfo decorrente de ter solucionado um quebra-cabeça ou de ter resolvido um problema desafiante. O professor precisa aproveitar esse potencial e levar o seu aluno a adquirir uma visão significativa de suas experiências subjetivas.

Quem ensina adolescentes precisa ter consciência de que seu aluno não é mais uma criança, também não é um adulto, mas um ser que sofre as consequencias de um processo de transformação em relação ao corpo, a idéias, emoções e comportamentos.

Se o professor procurar chegar-se ao adolescente, compreendendo o seu processo de mutação, amando-o e dedicando-se a ele, sem dúvida, descobrirá que possui o melhor aluno do mundo.

O segundo aspecto importante que não pode ser esquecido pelo professor, é a capacidade que o adolescente tem, para lidar com abstrações. O adolescente é capaz de dominar uma proporção maior do saber, relacionado a símbolos e artes do que às coisas concretas. O professor deve desenvolver métodos e técnicas adequados para ensinar a Bíblia e os valores cristãos. Métodos e técnicas aplicados de forma adequada despertam a atenção do aluno e produzem um excelente resultado.

[14] A neurociência é o estudo da realização física do processo de informação no sistema nervoso humano animal e humano. O estudo da neurociência engloba três áreas principais: a neurofisiologia, a neuroanatomia e neuropsicologia.

2.1) Envolvendo O Adolescente Nas Atividades Educacionais

O adolescente, apesar da sua inquietação, é muito participativo. Se o professor conseguir explorar esse grande potencial, verá como será fácil envolvê-lo nas atividades da classe. Veja algumas regras que poderão tornar suas aulas mais atrativas: leve-o a pesquisar durante a semana sobre o assunto a ser estudado. Apresente algumas fontes para auxiliá-lo nas pesquisas. Abra discussões sobre temas atuais, use uma linguagem compreensível e realize na classe atividades como:

- ✓ Trabalhos com apresentação sobre determinados temas;
- ✓ Encenação;
- ✓ Dinâmicas de grupo;
- ✓ Batalhas bíblicas;
- ✓ Promoções com premiações.

2.2) O Professor, Um Conselheiro

O professor também desempenha o papel de conselheiro, ajudando o adolescente a lidar com os seus problemas e frustrações. Um professor que inspire confiança e se relacione bem com os seus alunos, torna-se um conselheiro em potencial. Um aluno que confia no seu professor, jamais deixará de procurá-lo. Ninguém melhor do que o professor para orientar o seu aluno.

Há muitas questões que precisam ser tratadas abertamente com os alunos, relacionadas a diversas áreas de suas vidas. Às vezes enxergamos apenas os problemas de ordem espiritual, ignorando outros aspectos importantes como: a vida sexual, emocional, familiar, financeira, saúde, etc.

O professor precisa pedir sabedoria a Deus para orientar o seu aluno da maneira correta, ajudando-o a dirimir suas dúvidas, fortalecendo a sua fé. Temas atuais podem ser tratados tais como: namoro, sexualidade, prostituição, homossexualismo, AIDS, drogas, violência, etc., como uma forma de despertá-los.

3) Jovens E Adultos

Cada etapa da vida exige aprendizagens peculiares à fase em que o indivíduo vive. Isto é perceptível na infância, adolescência e nas diferentes etapas adultas.

O jovem adulto, além de conquistar sua identidade profissional e alcançar sua independência pessoal tão sonhada, na infância e adolescência, atinge também seu desenvolvimento cognitivo máximo e o pleno vigor físico.

O professor ou líder de jovens e adultos não pode esquecer que os adultos continuam adquirindo novos conhecimentos e estão aptos para aprender. A diferença entre a educação de adultos e a infantil está na motivação de ambas as fases.

A criança e o adolescente muitas vezes veem a escola secular e/ou a EBD como uma obrigação, enquanto que o adulto está motivado para aprender. O preparo do professor desta faixa etária é fundamental, para que o aluno se mantenha sempre motivado.

Para facilitar o processo de aprendizagem adulta, é fundamental levarmos em consideração as experiências, conhecimentos e habilidades trazidos pelo aluno. O professor precisa ter um preparo intelectual que corresponda com o desenvolvimento cognitivo que o aluno possui. A inserção de novos conhecimentos e habilidades deve estar vinculada à realidade dessas pessoas.

A metodologia de ensino aplicada para jovens e adultos precisa integrar, quanto mais possível, as atividades de ver, ouvir, pensar, falar e fazer (atividades perceptivas, motoras e cognitivas). O professor deve usar estratégias de ensino adequadas aos adultos. Quanto mais estas atividades são introduzidas, maior e mais estável é a aprendizagem do aluno.

Esta dinâmica pode ser descrita como eminentemente participativa, favorecendo a permanência do processo de aprendizagem.

4) O Idoso

Ensinar pessoas da terceira idade é um grande desafio. Esta fase exige alguns cuidados especiais. O professor precisa ter consciência de que está lidando com uma faixa etária de pessoas que têm algumas limitações como: enfraquecimento da memória, retardo do pensamento, acentuação dos traços de caráter, tendência à rigidez mental e afetiva, dificuldade de mudar de hábitos, egocentrismo etc.

A prática educativa envolvendo pessoas da terceira idade deve considerar, além das limitações descritas, o contexto de vida do idoso e seu desenvolvimento pessoal e social.

A aprendizagem adulta tende a ser influenciada pelas condições nutricionais infantis e pela fadiga. Por esta razão, há necessidade de adequar as estratégias de ensino à realidade destes sujeitos.

O ensino na terceira idade é facilitado, quando oferecemos um ambiente que propicie ao indivíduo segurança pessoal e possibilite a prática de conhecimentos e habilidades significativas. A estratégia mais adequada à aprendizagem adulta é a dinâmica participativa, que consiste em integrar atividades perceptivas, motoras e cognitivas.

A EBD, além de promover o ensino bíblico, também poderá ajudar os alunos da terceira idade a terem uma velhice mais saudável, realizando atividades como: orientação sobre a saúde (alimentação, dietas e exercícios); dinâmicas de grupo que facilitem ao idoso um encontro de um sentido de vida e a aquisição de novos papéis sociais; exercícios que ajudem na melhora da autoestima, que despertem a criatividade, gerem esperança e tornem menos traumática a adaptação às condições de saúde e à aposentadoria.

A EBD E O PROCESSO DE INCLUSÃO

Fala-se muito, atualmente, em se construir uma sociedade inclusiva. Apesar de muitos esforços para não haver mais exclusão, muitas pessoas com deficiência ainda são tratadas com discriminação e preconceito em nossos dias.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), no Brasil existem cerca de 24,5 milhões de pessoas que têm algum tipo de incapacidade ou deficiência, física ou mental, número relativamente alto que corresponde a aproximadamente 15% da população. Infelizmente pouco se tem feito para facilitar a convivência social dessas pessoas e sua inclusão.

De acordo com o IBGE, a maioria dos portadores de necessidades especiais do Brasil tem problemas de visão; vêm em seguida os portadores de alguma deficiência motora; em terceiro está o grupo dos deficientes auditivos, depois os deficientes mentais. Entre essas classificações há também os que acumulam múltiplas deficiências.

I - O QUE SIGNIFICA INCLUSÃO?

A inclusão é um tema que vem sendo discutido no meio escolar. A nova LDB (Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional), Lei n.° 9394 de 20/12/96, determina a inclusão total e incondicional.

A forma de se pensar a inclusão vem mudando gradativamente. Antes era adotado o modelo de **integração** (integração do portador de deficiência), um modelo médico de deficiências. Atualmente adota-se o modelo de **inclusão.**

Proposta de uma inclusão total e incondicional de todas as pessoas, independente de cor, raça, sexo, idade ou religião.

De acordo com a Declaração de Salamanca – 1994[15]:

O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças deveriam aprender juntas, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter. As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parceiras com a comunidade (...) Dentro das escolas inclusivas, as crianças com necessidades educacionais especiais deveriam receber qualquer apoio extra que possam precisar, para que se lhes assegure uma educação efetiva ...

A inclusão deve ser vista de sob três aspectos:

1) Presença

Precisamos buscar as crianças que vivem marginalizadas, ou aquelas que têm problemas de conduta (agressividade, hiperatividade, etc.) ou mesmo as que possuem deficiências ou qualquer tipo de necessidade especial e levá-las à Escola Dominical.

2) Participação

Estar na escola não é o suficiente. O aluno pode estar presente, mas não necessariamente participando. O professor

[15] **A Declaração de Salamanca (1994)** - Resolução das Nações Unidas adotada em Assembléia Geral na Conferência Mundial realizada na Espanha, em que o governo espanhol e a UNESCO, enquanto agência educacional da ONU, reuniram várias organizações e dirigentes mundiais, tendo como objetivo definir a política e inspirar a ação de governos, organizações não-governamentais e outras instituições na implementação de Princípios, Política e Prática em Educação Especial. Princípios esses que visem contribuir para a equalização de oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências.

precisa dar condições para que o aluno realmente participe das atividades da EBD.

3) Aquisição De Conhecimento

O aluno precisa aprender. Ele pode estar presente na escola, participando e não estar aprendendo. Inclusão significa o aluno estar na escola, participando, aprendendo e desenvolvendo suas potencialidades. O professor precisa identificar e sobrepujar as barreiras que impedem os alunos de adquirir conhecimentos.

II - Políticas Públicas De Inclusão

Políticas públicas têm sido adotadas no intuito de garantir que todas as pessoas com deficiência possam usufruir, sem preconceitos ou exclusões, de uma vida familiar e social comum, como qualquer cidadão tem direito. É possível enumerar as que foram adotadas nos últimos anos tanto no nível municipal, como estadual e federal:

- A contratação de profissionais especializados para atuação nos segmentos de educação especial e educação inclusiva;
- A reserva de assentos preferenciais em meios de transporte público e atendimentos preferenciais em instituições tais como bancos e estabelecimentos públicos;
- A implantação de semáforos com sonorização para indivíduos portadores de deficiência visual e de telefones especiais para indivíduos portadores de deficiência auditiva e disponibilização de cadeiras de rodas em estabelecimentos públicos.
- O treinamento de cães- guia por meio de projetos especiais da polícia militar;
- A concessão de escolha prioritária de imóveis em conjuntos habitacionais para indivíduos portadores de deficiência;
- A concessão de linhas de crédito para a aquisição da casa própria e para a compra de veículos adaptados;

- A criação de Centros de Equoterapia;
- O desenvolvimento e implementação de programas de prevenção e de programas de treinamento específico para profissionais relacionados ao segmento educacional.

III - Evitando O Preconceito

A igreja não pode tornar-se omissa diante dessa realidade, afinal a questão da inclusão social também é um problema nosso. O professor deve integrar todos os alunos, independentemente de cor, raça, sexo, idade ou religião. Incluir sem preconceito todas as pessoas portadoras de necessidades especiais. Devemos tratar a todos de igual modo. A Bíblia nos mostra que *"... Deus não faz acepção de pessoas."* (At 10.34)

Há duas coisas que precisam ser evitadas, quando tratamos da questão da inclusão:

1) A ignorância

Não podemos continuar com uma visão estereotipada acerca das portadoras de necessidades especiais, tratando-as como "deficientes", "gente diferente", "doentes", "inadaptados", "defeituosos" etc., mas encará-las como pessoas capazes, apesar de apresentarem limitações que dependem do nosso auxílio.

2) O preconceito

O preconceito leva as pessoas a encararem os portadores de necessidades especiais como pessoas esteticamente indesejáveis. O contato e a convivência com eles geram constrangimento, sendo considerados como sujeitos incapacitados para desempenharem papéis sociais autônomos na comunidade - ou seja - eternos dependentes.

IV - A EBD e a Inclusão

A Escola Bíblica Dominical deve cumprir o seu papel no processo de inclusão social. Atitudes simples farão uma grande diferença para as pessoas portadoras de necessidades especiais. Vejamos alguns exemplos:

1) Cursos De Capacitação

A EBD deve investir na preparação de professores e líderes, habilitando-os para lidar com pessoas portadoras de necessidades especiais. Existem cursos específicos de especialização e capacitação para professores que trabalham nessa área como o curso de Libras (linguagem de sinais).

2) Sala De Recursos

É uma sala de apoio com materiais e equipamentos especiais, na qual o professor especializado auxilia os alunos nos aspectos específicos em que precisam de ajuda para se manterem com os demais alunos, sem prejuízo no processo de aprendizagem. Por exemplo, para os deficientes visuais, providencia-se um professor que saiba Braille; para crianças com problemas de aprendizagem,utilizam-se brinquedos pedagógicos que estimulam a aprendizagem e assim, sucessivamente.

3) Adaptação Do Ambiente

A adaptação do ambiente para receber a pessoa portadora de necessidades especiais é necessária. Há uma exigência dos órgãos públicos para que os ambientes que agregam diversas pessoas se adaptem para receber esse tipo de clientela. As igrejas precisam começar a pensar sobre essa questão, construindo rampas de acesso, banheiros adaptados etc.

V - O Modelo Bíblico De Inclusão

Jesus nos deu uma grande lição de inclusão. Vemos claramente isto nas expressões usadas por ele:

- *"Sai depressa pelas ruas e bairros da cidade, e traze aqui os pobres, aleijados, e mancos e cegos... sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha.* (Lc 14.21,23)
- *"... o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora."* (Jo 6.37)
- *"Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais; porque dos tais é o Reino de Deus."* (Mc 10.14)

Como cristãos, temos o dever de incluir, seguindo o exemplo de Cristo. Que atitude teríamos diante de algumas situações específicas vivenciadas por ele? Veja como ele tratou os excluídos:

- **A mulher adúltera** - a mulher adúltera, pela lei, deveria ser apedrejada, porém Jesus a perdoou. E você, o que faria?

  "Então, erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém senão a mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu te condeno; vai-te, e não peques mais" (Jo 8.10,11)

- **Zaqueu** – Zaqueu era um cobrador de impostos, corrupto, odiado pelos judeus, porém Jesus o aceitou. E você, o que faria?

  "Disse-lhe Jesus: Hoje veio a salvação a esta casa, porquanto também este é filho de Abraão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido" (Lc 19.9,10)

- **O Cego Bartimeu** – Bartimeu, um pobre cego que esmolava, pediu a ajuda de Cristo. Cristo não só o ouviu como ainda restaurou a sua visão. E você o que faria?

  Parou, pois, Jesus e disse: Chamai-o. E chamaram o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, ele te chama.

Nisto, lançando de si a sua capa, de um salto se levantou e foi ter com Jesus. Perguntou-lhe Jesus: Que queres que te faça? Respondeu-lhe o cego: Mestre, que eu veja. Disse-lhe Jesus: Vai, a tua fé te salvou. E imediatamente recuperou a vista, e foi seguindo pelo caminho (Mc 10.49-52)

Há muitos outros exemplos bíblicos que nos mostram como Jesus tratava as pessoas. Creio que estes são suficientes para compreendermos que Ele foi um mestre por excelência. Portanto sigamos o seu o exemplo.

VI - O Processo De Inclusão

O professor deve ser atencioso, evitando o preconceito, tratando os alunos de igual modo, discutindo permanentemente suas atitudes com os seus colegas, verificando se sua ação é movida ou não por preconceito. É fundamental manter um processo de crítica e autocrítica em conjunto com os demais professores, pois dificilmente se admite sozinho um preconceito.

Uma forma importante de tratar bem o aluno é chamá-lo sempre pelo nome. É constrangedor, quando o aluno percebe que o professor, depois de algum tempo de convivência, ainda não aprendeu o seu nome.

O relacionamento com os alunos deve ser carregado de afetividade manifesta. Um sorriso, um aperto de mão, um abraço e um beijo são ingredientes indispensáveis para o cultivo de um bom relacionamento.

A Psicologia no Ministério do Aconselhamento

O ministério pastoral, sem sombra de dúvidas, é magnífico e desafiador. O apóstolo Paulo escreveu a Timóteo dizendo: *"Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja"* (I Tm 3.1). O escritor da carta aos Hebreus completa: *"E ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Arão"* (Hb 5.4).

Quando frequentamos um Seminário teológico, procuramos nos preparar de todas as formas para um bom desempenho na obra. Lemos e pesquisamos os melhores livros no intuito de adquirirmos experiência para o trabalho. Sentimos-nos motivados, empolgados, cheios de sonhos e planos para o futuro. Na Igreja apresentamos aos outros, "soluções fáceis" como: ore e jejue mais, leia mais a Bíblia, tenha mais fé, e todos os seus problemas serão solucionados.

Porém, existem situações inesperadas para as quais o Seminário não nos preparou. Situações inusitadas, que não conseguimos compreendê-las. Conflitos pessoais e problemas relacionados ao rebanho.

Inexplicavelmente, de uma hora para outra, entramos em crise. A motivação, a empolgação, os sonhos e os planos acabam por dar lugar ao desânimo, à frustração e às dúvidas.

Você já imaginou o que significa viver momentos em que tudo parece ocorrer maravilhosamente bem e num outro tudo dar errado? Momentos em que somos dez e em outro nos tornamos zero? É aí que percebemos que os problemas não são tão fáceis de serem solucionados como imaginávamos ou sugeríamos aos outros.

O pastor não é um "super-homem". Como qualquer ser humano pode enfrentar momentos de crises em sua vida. Lamentavelmente muitos pastores sentem necessidade de passar a

imagem de fortaleza para o rebanho, esquecem que a nossa força vem do Senhor. Vejamos o que nos ensinou o apóstolo Paulo: *"Tudo posso Naquele que me fortalece"* (Fl 4.13).

Quando o obreiro mostra-se ao rebanho como alguém "Super" torna-se uma pessoa inacessível. O rebanho se sente aquém desse padrão de espiritualidade ou cria uma pseudo-santidade na tentativa de chegar a esse padrão.

O pior é quando esses obreiros cobram dos outros esse nível de espiritualidade, sobrepujando o rebanho ou pondo sobre as ovelhas um fardo que eles mesmos não conseguem carregar. Aplicam disciplinas severas que tem apenas a função de punir e castigar a ovelha e não de ajudá-la na sua restauração.

O pastor é um homem igual a qualquer outro. Apenas foi escolhido por Deus para apascentar o rebanho do Senhor. O apóstolo Tiago nos dá o exemplo do profeta Elias, um homem igual a qualquer outro, porém, capaz de realizar feitos extraordinários: *"Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e, orando, pediu que não chovesse, e, por três anos e seis meses, não choveu sobre a terra"* (Tg 5.17).

O obreiro, no entanto, tem o dever de ser um exemplo para o rebanho em todos os aspectos. O apóstolo Paulo nos admoesta dizendo: *"Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem"* (I Tm 4.16).

I - Obreiro Também Entra Em Conflito?

Às vezes, determinadas circunstâncias da vida atingem a nossa fé e nos leva a um enorme dilema, a ponto de perguntarmos: "se Deus existe, então por que ele permite que tal coisa aconteça?" Nesse momento parece haver uma discrepância entre aquilo que a pessoa crê e o que ela está vivenciando. O pensamento sobre a inescrutável justiça Divina de pronto cria uma tensão à luz dessa experiência negativa e automaticamente exige uma explicação.

Quando sucessivas coisas desagradáveis acontecem conosco, nos sentimos desamparados. Oramos e o Senhor parece ficar em silêncio. Na verdade Deus envia uma resposta, mas, não conseguimos entende-la. Pensamos, então, que o Senhor nos desamparou e aí entramos em conflitos.

A Bíblia mostra que alguns homens de Deus viveram momentos de conflitos, dúvidas, e por isso questionaram seu Senhor e a sua justiça. Contudo, superaram esses momentos cruciais ao compreenderem os propósitos de Deus.

Gideão é um exemplo claro de alguém que estava saturado da vida que vinha levando. Ele demonstra sua desilusão e descrença total na providência de Deus, ao ouvir do anjo do Senhor a expressão: *"o Senhor é contigo, varão valoroso"* (Jz 6.12). Gideão prontamente responde:

> *"Se o Senhor é conosco, por que tudo isto nos sobreveio? E que é feito de todas as suas maravilhas que os nossos pais nos contaram: não nos fez o Senhor subir do Egito?" Porém agora o Senhor nos desamparou e nos deu nas mãos dos midianitas"* (Jz. 6.13). Mas o anjo do Senhor o encoraja e diz: *"vai nesta tua força, e livrarás a Israel da mão dos midianitas; porventura não te enviei eu?"*(Jz 6.14).

Por vezes esperamos soluções milagrosas e, quando isto não acontece, nos decepcionamos. Porém, as soluções estão em nossas mãos. Basta crer e agir. Veja a solução apresentada por Deus a Moisés, quando este clama ao Senhor diante do Mar Vermelho:

> *"Então disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem. E tu, levanta a tua vara, e estende a tua mão sobre o mar, e fende-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar seco"* (Ex 14.15-16).

O salmista Asafe também viveu momentos conflitantes. Ao ver a prosperidade dos ímpios, questionou se valia à pena ser justo. Você já imaginou o que significa para um obreiro questionar a justiça de Deus? Parece paradoxal, não e? Mas, não se assuste, porque até mesmo você poderá viver momentos de dúvidas.

O salmista Asafe, quando observou a prosperidade dos ímpios, duvidou da justiça de Deus. A sua fé foi abalada *"... os meus pés quase se desviaram... ao ver a prosperidade dos ímpios"*, (Sl 73.2-3). Asafe pensou ser em vão manter-se puro:

> *"Eis que estes são ímpios; e, todavia, estão sempre em segurança, e se lhes aumentam as riquezas. Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração e lavado as minhas mãos na inocência"* (Sl 73. 12-13).

O salmista buscou ao Senhor e conseguiu entender como seria o final dos ímpios.

> *"Quando pensei em compreender isto, fiquei sobremodo perturbado; até que entrei no santuário de Deus; então entendi eu o fim deles"* Sl. 73.16-17.

O profeta Habacuque também viveu momentos de conflitos em sua vida. Ele expressava a sua perplexidade sobre o ministério da maldade não castigada no mundo. Questionava a Deus por não executar imediatamente o juízo.

O profeta Habacuque viveu essa experiência ao não entender porque Deus permitia que a crescente iniquidade de Judá prosseguisse impunemente. O profeta procurava uma explicação para isso e francamente expressava suas dúvidas. Depois de um diálogo com Deus, ele compreende o plano divino, e louva ao Senhor com um lindo salmo (v.17-19)

Habacuque, quando via os homens flagrantemente violando a Lei de Deus, relutava em sua fé e questionava: por que Deus às vezes não executa o juízo sobre o ímpio? O profeta falava como se fosse a consciencia da nação:

> *"Até quando, Senhor, clamarei eu...? Por que razão me fazes ver a iniquidade? (...) a lei se afrouxa, e a sentença nunca sai"* (Hc 1.2-4).

Deus mostra a Habacuque que, embora algumas vezes, pareça ser indiferente, no entanto, está agindo e, no tempo certo castigará, a nação de Judá.

Ele enviará os caudeus, que viriam de forma súbita como vara do seu juízo (Hc 1.5-11). Ninguém fica impune diante de Deus.

Ao ouvir a resposta de Deus, o profeta fica ainda mais perplexo. O primeiro problema estava resolvido. Porém, Habacuque levanta outra questão: Por que Deus às vezes usa o ímpio para fazer juízo? Como um Deus justo, cujos olhos são extremamente puros, aprovará que o seu povo seja castigado por uma nação que é ainda mais perversa? (Hc 1.12; 2.1).

Deus responde essa questão mostrando que está cônscio dos pecados dos babilônicos e que também não ficarão impunes, mas sofrerão um terrível juízo. Judá está sendo castigada por ser culpada das mesmas ofensas.

Habacuque aprendeu preciosas lições. A sua profecia, que iniciou com perguntas, dúvidas e questionamentos, termina com certeza e afirmações de fé. *"Mas o justo pela sua fé viverá"* (Hc 2.4. Deus assegura ao profeta que a fé paciente termina vencedora. Viver pela fé significa desfrutar do favor de Deus e das suas bençãos.

II - Compreendendo Os Propósitos De Deus

Deus conhece o passado, o presente e o futuro. Ele sabe o que é melhor para cada um de nós. *"Todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto"* (Rm 8.28).

Deus prevê sem intervir. Talvez você esteja indagando: "Sendo Deus conhecedor de todas as coisas, não poderia ter evitado que isso acontecesse?" Deus é onisciente. Seu conhecimento é perfeito. Ele conhece sim, todas as coisas. Mas na sua presciência, ele algumas vezes prevê, mas sem intervir. Muitas coisas que acontecem são de responsabilidade do próprio homem. Deus lhe deu livre arbítrio. Outras correm circunstancialmente. Devemos nos lembrar que os pensamentos de Deus e os seus caminhos são superiores aos nossos.

"Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor" (Is 55.8).

Procure compreender os desígnios de Deus e verá que ele nunca lhe abandonou e estará pronto para socorrer-lhe nesse momento crucial.

ENFRENTANDO CRISES NO MINISTÉRIO

O fato de uma pessoa ser um obreiro, não lhe tira a possibilidade de entrar numa crise. Talvez você, nesse momento, esteja perguntando: afinal, por que entramos em crise? Caro obreiro, crise não é sinônimo de pecado, falta de comunhão com Deus, opressão diabólica, maldição ou algo semelhante. Qualquer pessoa, de qualquer idade, cor, nível intelectual, ou credo pode entrar numa crise, inclusive você. Existem pelo menos, três tipos de crises que o ser humano pode enfrentar:

I - CRISE DE DESENVOLVIMENTO

A crise de desenvolvimento ocorre durante o processo evolutivo do ser humano. Durante algumas fases da vida um conjunto de modificações internas e ambientais se combinam e formam um período de crise.

As fases mais comuns são: na adolescência, período em que ocorre uma dificuldade de auto-aceitação proveniente das transformações psicofísicas que acontecem nesse período da vida; na meia idade, quando o indivíduo passa dos quarenta anos e se sente aquém daquilo que ele gostaria de ter alcançado durante os anos anteriores da sua vida; na velhice, quando a pessoa deixa de encarar a vida em termos do tempo em que nasceu, passando a se preocupar com o tempo que lhe resta para viver. Este, provavelmente, é o estágio mais doloroso da vida do ser humano.

Com o envelhecer, a pessoa enfrenta diversos problemas como doenças, viuvez, mudanças no comportamento sexual, solidão etc., o que muitas vezes resulta em crise. Veja o exemplo de Jacó, na sua velhice, quando declara a Faraó a sua idade:

> *"Os dias dos anos das minhas peregrinações são cento e trinta anos; poucos e maus foram os dias dos anos da minha vida, e não chegaram aos dias dos anos da vida dos meus pais nos dias das suas peregrinações"* (Gn 47.9).

II - Crise Circunstancial

A crise circunstancial ocorre numa situação de impacto na vida do ser humano. Por exemplo: a) uma perda significativa – morte de um parente próximo ou amigo, a perda do emprego etc. b) uma desilusão – rompimento de namoro, separação, divórcio, infidelidade conjugal, doença etc. c) um fracasso – queda espiritual, frustração, insucesso etc. Veja como o rei Davi reagiu com a morte do seu filho Absalão:

> *"Então o rei se perturbou, e subiu a sala que estava por cima da porta, e chorou; e andando, dizia assim: Meu filho Absalão! Meu filho, meu filho, Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!"* (2Sm 18.23).

III - Crise Existencial

A crise existencial está diretamente relacionada com a existência do indivíduo. Possivelmente é a pior crise que o ser humano pode enfrentar.

O agente casual das crises de desenvolvimento e circunstancial está na soma das modificações internas e ambientais do indivíduo, que se combinam e o conduz a uma crise. Porém, a crise existencial é algo puramente espiritual, que está relacionado basicamente com a criatura e o seu criador.

Uma crise existencial geralmente inicia-se com a perda do significado da vida. De repente, todas as coisas que eram significativas para o indivíduo como família, trabalho, lazer, igreja,

amigos etc., perdem o valor; e uma insatisfação profunda passa a predominar na sua vida.

A apatia é um dos sintomas que vem logo em seguida. Subitamente o indivíduo é tomado por uma terrível insensibilidade e indiferença a tudo e a todos. Em geral, a pessoa deixa de cuidar de sua aparência pessoal e relaxa no uso de roupas, calçados, penteados, banhos etc.

Uma sensação de vazio se apodera da mente e coração do indivíduo. A pessoa passa a ser assaltada por um sentimento de tristeza profunda seguido, muitas vezes, de fortes crises de choro. A grande tendência nesse momento é o indivíduo se isolar preferindo, na maioria das vezes, trancar-se num quarto e ficar deitado a maior parte do tempo.

Outro sentimento dominante é a autocomiseração ou a autopiedade. O indivíduo, em geral, sente dó de si mesmo. Acha que está sendo injustiçado e que não merece passar por tudo isto.

A pessoa que está em crise passa a ser dominada pela ira, tornando-se até agressiva. Esta agressividade é direcionada, principalmente, às pessoas mais próximas como familiares e amigos. Também emerge um sentimento de revolta contra Deus e a igreja. Um forte sentimento de culpa passa a afligir a pessoa, principalmente nos poucos momentos de sanidade, ou melhor, de consciência do seu problema.

Como resultado da culpa surge um desejo profundo de morrer. Culpa é sinônimo de punição; logo, "se sou culpado mereço ser punido, mereço a morte". O indivíduo pensa na morte todos os momentos, dando espaço a idéias suicidas. Algumas vezes essas idéias são disfarçadas em expressões como: "Gostaria que Deus me levasse!", "gostaria de sumir!", "não aguento mais esta vida!" Em outras ocasiões são declaradas, passando de idéias para tentativas.

Quando a pessoa chega nesse estágio entra em depressão. A depressão é acompanhada de um sentimento profundo de tristeza sem causa aparente. Um sentimento que toma conta da pessoa, extrapolando os limites da sua consciência. Em geral vem

acompanhada de alguns sintomas como: Anedonia – perda da sensação de prazer, de sentir; anorexia – perda do apetite; bulimia – apetite insaciável; insônia – perda do sono e hipersônia – sonolência permanente.

A depressão é uma doença comprovada cientificamente, provocada por uma alteração neurológica devido à escassez e ou excesso de uma substância química cerebral chamada de Serotonina. Essa doença é caracterizada pelo humor deprimido, pensamento retardado e retardo psicomotor, além de um sentimento profundo de tristeza, desânimo, agitação e perplexidade.

Apesar de a depressão ser considerada pela psiquiatria como uma psicose de origem desconhecida, existem fatores que contribuem para a sua manifestação, dentre eles os traumas da infância, a incapacidade de resolver determinadas situações, sentimentos de culpa, ira ou quando o indivíduo entra em crise.

O profeta Elias é um exemplo de alguém que viveu momentos de glórias no seu ministério, no entanto, de uma forma inexplicável enfrentou uma terrível crise existencial passando de herói a vítima.

IV - O Exemplo De Elias – De Herói A Vítima

Ele teve um profícuo ministério, abençoado e confirmado por Deus. Quem não desejaria ter um ministério tão brilhante assim? Elias possuía autoridade de Deus a ponto de dizer ao rei Acabe:

> *"Vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, que nestes anos nem orvalho nem chuva haverá, senão segundo a minha palavra"* (1Rs 17.1).

Elias tinha uma estreita comunhão com Deus e vivia sob a sua plena dependência. Veja a providência de Deus para a sua vida:

> *"Vai-te daqui, e vira-te para o oriente e esconde-te junto ao ribeiro de Querite, que está diante do Jordão. E há de ser que beberás do ribeiro; e eu tenho ordenado aos corvos que ali te sustentem. E sucedeu que, passados dias, o ribeiro se secou, porque não tinha havido chuva na terra. Então veio*

a ele a palavra do Senhor dizendo: Levanta-te e vai a Zerafate, que é de Sidom, e habita ali; eis que eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente" (1Rs 17.3-9).

Elias era um homem ousado veja como ele desafiou os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal:

"Dêem-se-nos, pois, dois bezerros; e eles escolham para si um dos bezerros, e o dividam em pedaços, e o ponham sobre a lenha, porém não lhe metam fogo; e eu prepararei o outro bezerro, e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. Então invocai o nome do Senhor; e há de ser que o deus que responder por fogo esse será Deus".

Elias possuía fé e confiança em Deus. Ele orou ao Senhor pedindo chuva. E quando viu uma nuvem do tamanho de uma mão pediu a Acabe que fosse para casa imediatamente, pois iria chover. Também orou e o filho de uma viúva ressuscitou.

Diante de coisas tão extraordinárias, daria para duvidarmos que um homem assim pudesse entrar em crise. Veja, no entanto, o que lhe aconteceu após tomar conhecimento que Jezabel, mulher de Acabe queria matá-lo:

"E ele se foi ao deserto, caminho de um dia, e veio, e se assentou debaixo de um zimbro; e pediu em seu ânimo a morte, e disse: Já basta ó Senhor; toma agora a minha vida, pois não sou melhor que meus pais" (1Rs 19.4).

Elias, agora, é assaltado por uma perda de significado da vida, e deseja morrer. Repentinamente, inexplicavelmente, o grande herói se transforma em vítima. Apesar disto Deus não o desampara, envia um anjo que por duas vezes desperta-o para alimentá-lo e diz:

"Levanta-te e come, porque mui cumprido te será o caminho" (1Rs 19.7).

Elias caminha quarenta dias até o Monte Horebe e entra numa caverna. Em geral a pessoa em crise se esquiva dos problemas e entra num casulo buscando se esconder.

Elias esperava que o Senhor viesse até ele. Repentinamente, surgiu um grande e forte vento que fendia o monte e quebrava as

pedras. Mas, para a decepção do profeta, o Senhor não estava no vento. Em seguida um terremoto e um fogo, porém o Senhor também não estava ali. Elias sente-se desamparado. Deus estava a todo o momento com ele. Mas ele não conseguia perceber. Quando estamos em crise sentimos uma sensação terrível de abandono.

O senhor finalmente aparece e com uma voz mansa e delicada pergunta:

"Que fazes aqui Elias?" (v. 13).

Deus deseja saber por que o profeta se escondera numa caverna. Elias, automaticamente, responde:

> *"Eu tenho sido em extremo zeloso pelo Senhor Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram o teu concerto, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas a espada; e só eu fiquei, e buscam a minha vida para ma tirarem"* (v.14).

Elias sente-se só. É acometido de um sentimento de autocomiseração ou autopiedade. Acha que está sendo injustiçado e que não merece passar por tudo isto. Deus lhe mostra que ele não este só. Existem, pelo menos, sete mil joelhos que não se dobraram a Baal. O profeta precisava continuar o seu ministério: *"Vai, volta pelo teu caminho... e vem"* (v.15). Voltar ao ponto de origem, de onde tudo começou é imprescindível para uma restauração total.

O profeta, recuperado, faz o seu caminho de volta, enfrenta Acabe e Jezabel (1Rs 21.17-29), ordena que desça fogo do céu e consuma cem soldados do rei Acazias, unge a Hazael rei sobre a Síria, Jeú, rei sobre Israel e Elizeu profeta em seu lugar. (1Rs 19.15-21).

Se você está vivendo um momento de crise, procure perceber o que está fazendo-o entrar nessa situação. Pare de se esquivar. Os problemas precisam ser encarados para que se tenha uma solução. Saia do casulo e verá que Deus deseja falar com você.

Procure encontrar equilíbrio emocional e espiritual para desempenhar bem o ministério que Deus lhe deu, e cuidar do rebanho que o Senhor o confiou.

ATIVIDADES – LIÇÃO IV

- **Marque "C" para Certo e "E" para Errado:**

1) ❑ Uma das finalidades básicas da educação é favorecer o desenvolvimento da personalidade do educando. C97

2) ❑ Congruencia é a capacidade de perceber e aceitar os sentimentos do outro (sem condená-lo), colocando-se no lugar deste. E97

3) ❑ A mente do adolescente é um poderoso instrumento que, muitas vezes, se torna para ele uma fonte de alegria, através da excitação< da curiosidade, da sensação da descoberta, da sensação de triunfo decorrente de ter solucionado um quebra-cabeça ou de ter resolvido um problema desafiante. C101

4) ❑ A prática educativa envolvendo pessoas da terceira idade deve considerar, também, o contexto de vida do idoso e seu desenvolvimento pessoal e social. C104

5) ❑ A Escola Bíblica Dominical deve cumprir o seu papel no processo de inclusão social. Atitudes simples farão uma grande diferença para as pessoas portadoras de necessidades especiais. C109

6) ❑ O professor deve ser atencioso, evitando o preconceito, tratando os alunos de igual modo, discutindo permanentemente suas atitudes com os seus colegas, verificando se sua ação é movida ou não por preconceito. C111

Lição V

A Psicologia no Ministério do Aconselhamento

A PSICOLOGIA NO MINISTÉRIO DO ACONSELHAMENTO

(Continuação)

O CUIDADO COM A OVELHA FERIDA

O obreiro recebeu a missão de presidir e admoestar o rebanho de Jesus o sumo pastor (1Ts 5.12,17; Hb. 13.7,17), e ajudar as ovelhas machucadas, desviadas ou até mesmo as rebeldes a se reabilitarem.

O gabinete pastoral deve funcionar como um lugar de restauração – uma espécie de "clinica da alma" – que trata dos problemas emocionais e espirituais oriundos de um padrão pecaminoso, que gera culpa, autocomiseração, ira e descontrole emocional.

Problemas espirituais não se resolvem com psicoterapias ou com o uso de ansiolíticos ou antidepressivos, mas, com a palavra de Deus, que *"penetra até a divisão da alma e do espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração"*. (Hb. 4.12b).

Ninguém melhor do que o pastor se habilita para tão importante função. Por esta razão o apóstolo Paulo enfatiza: *"Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra de* Deus" (II Tm. 2.15).

O pastor precisa ter sabedoria, equilíbrio emocional e estabilidade espiritual para não deixar que os seus conflitos pessoais interfiram no modo de como trata os problemas das ovelhas.

I - Problemas Espirituais E A Disciplina

Os problemas espirituais surgidos entre os membros não podem continuar sem solução; quando isto acontece à congregação é afetada, surgem murmurações causando dissabor e divergências, ferindo a todos e desonrando o nome de Cristo. A disciplina é algo indispensável, nesses casos, para a saúde espiritual da igreja.

Disciplinar é algo mais do que afastar da comunhão e das atividades da igreja a pessoa faltosa. Isto é necessário, porém, a disciplina não produz efeito se for realizada apenas como uma forma de castigo ou punição.

O pastor não deve se posicionar como um juiz legalista do povo de Deus, e nem usar a Bíblia apenas como código legal para excluir ou penalizar o membro.

A disciplina deve ser procedida com amor, ética e sabedoria, e ter uma tríplice finalidade: preservar e honrar o nome de Cristo, assegurar a pureza da igreja, restaurar e reconciliar o ofensor.

A resolução do problema é iniciada no gabinete pastoral. O obreiro precisa descobrir a razão do problema; o que está implícito na atitude daquele que caiu; e o que o levou a agir dessa forma.

Se a disciplina tiver uma conotação de castigo ou punição, poderá não ajudar na restauração do que cometeu o erro.

II - Habilidades Do Obreiro Para Lidar Com A Disciplina

Para que tenha êxito no tratamento da disciplina, além das qualificações espirituais, indispensáveis ao ministério pastoral, o obreiro precisa de determinadas habilidades técnicas, como:

1) Empatia

Ser empático é ter a capacidade de perceber e aceitar os sentimentos do outro (sem condená-lo), colocando-se no lugar deste.

Algumas pessoas sentem medo de se aproximar do pastor e confessar seus pecados. Por isso, passam anos da sua vida subjugados pela culpa, vergonha e dor. Temem pela maneira como seus problemas serão tratados. Uma má condução do processo da disciplina, poderá levar à destruição e afastamento da pessoa por completo da igreja.

Faz-se necessário compreender o verdadeiro sentido da disciplina, colocando-se no lugar do outro e refletindo sobre a maneira de tratar seus problemas. Adams (conselheiro cristão), fazendo uma comparação entre apoio e empatia, terce o seguinte comentário: *"Uma coisa é postar-se ao lado de alguém (apoio) enquanto esse alguém sofre e se debate assegurando-lhe que estamos interessados; mas é algo inteiramente diferente enrolar as mangas da camisa e pôr-se a lutar a seu lado".*

Isso só é possível quando conseguimos enxergar a disciplina como um meio de restaurar a vida daquele que caiu.

2) Saber ouvir

O obreiro precisa ser um bom ouvinte. Ouvir primeiro antes de tirar suas conclusões, tendo o cuidado para não deixar que sua ansiedade e curiosidade atrapalhem o processo de disciplina, levando assim o crente a se sentir num tribunal sendo submetida a um interrogatório. A atitude de "detetive" cria mais dificuldades do que soluções.

Cabe ao obreiro tratar cordialmente a pessoa com problemas, amando-a e respeitando-a, independentemente dos seus atos. Assim tratou Jesus a mulher adúltera, a Zaqueu, a mulher samaritana e outros. Devemos compreender que é muito difícil para a pessoa falar sobre os seus problemas.

3) Congruencia

A congruencia é uma habilidade que deve ser cultivada. Ser congruente é ser verdadeiro e coerente. Cabe ao pastor explicar francamente a situação da pessoa com problemas e a forma como

será aplicada a correção. Também tornar clara a razão da disciplina e os seus propósitos.

A correção deve ser construtiva e executada com paciência. Uma disciplina mal aplicada não passa de uma administração arbitrária de autoridade. Mas o reconhecimento e a aplicação correta pode ajudar o crente a vencer as dificuldades pessoais.

4) Agir com justiça

A disciplina deve ser despersonalizada. É o ato que o indivíduo comete que deve ser condenado e não a pessoa.

A culpa leva o indivíduo à perda da paz interior, ao medo de ser castigado, à baixa auto-estima, a solidão ao complexo de inferioridade e ao sentimento de rejeição. Se não formos sensíveis a ponto de compreendermos isto, contribuiremos para a derrota da pessoa.

A atitude de Jesus para com a mulher adúltera foi de amor e compaixão. Jesus, obviamente, não aprovava suas atitudes pecaminosas, pois ela era objetivamente culpada, porém não a condenou, antes lhe disse: *"Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado"* (Jo 8.11).

Quando Deus perdoa não se lembra mais daquilo que fizemos, *"O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na benignidade. Tornará a apiedar-se de nós; subjugará as nossas iniquidades e lançará os nossos pecados nas profundezas do mar* (Mq 7.18,19).

Deus se compadece daqueles que são sinceros, *"como um pai tem compaixão dos seus filhos assim o Senhor tem compaixão dos que o temem"* (Sl 103.13)

5) Ser paciente

Ser paciente na aplicação da disciplina também é uma habilidade indispensável. O ministro de Deus não pode agir precipitadamente. A disciplina deve ser exercida e aplicada no

espírito de mansidão. Também não deve agir apenas para dar satisfação aos outros, mas, ter o cuidado de não ofender o pecador, a ponto de ele sair da igreja junto com seu pecado. Antes, corrigi-lo de tal maneira, que este venha a ser restaurado à comunhão com o Senhor e a Igreja. Por isso, antes de aplicar a disciplina precisa conhecer o problema com profundidade, ser absolutamente imparcial e conservar a integridade moral da pessoa.

O obreiro deve agir como o pastor da parábola da ovelha perdida que deixa as noventa e nove no aprisco e vai buscar aquela ovelhinha "rebelde" que se afastou do rebanho e se perdeu. Ao encontrá-la coloca-a alegremente nos ombros, cuida das suas feridas e se alegra com os amigos e vizinhos porque encontrou a ovelha que se havia perdido.

O Gabinete Pastoral E O Processo De Restauração

Quem vai ao gabinete pastoral precisa e deve sair de lá abençoado. O pastor ouve confissões e palavras de arrependimento de pessoas que tropeçaram e caíram ou mesmo daqueles cujos hábitos de vida contradizem os princípios bíblicos. É preciso um esforço da parte do obreiro para separar o pecado do respectivo pecador, destruir o mal e salvar o crente que caiu, para que ele retorne a comunhão com o Senhor.

A disciplina cristã deve ter sempre o objetivo de contribuir para a restauração espiritual do que tenha errado. O apóstolo Paulo nos admoesta dizendo:

> *"Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais, deverão* ***restaurá-lo*** *com mansidão: Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado. Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de CRISTO"* (Gl 6.1-2).

Há muita esperança quando alguém procura o pastor para confessar seus pecados. O ministro de Deus representa um Pai, que

tem autoridade para levar a palavra de Cristo, sob a direção do Espírito Santo, com o propósito de curar as feridas daquele que caiu e ajudá-lo a se reabilitar.

Vejamos alguns passos imprescindíveis para que ocorra o processo de restauração:

I - Levar A Pessoa À Tomada De Consciência Dos Seus Pecados

A disciplina tem a função de levar a pessoa a refletir sobre a sua verdadeira situação e a tomar consciência que sua permanecia no pecado resultará em perdição. Ela precisa dar-se conta de que precisa mudar de vida pelo arrependimento.

É difícil para algumas pessoas reconhecerem os seus pecados. Às vezes o crente faltoso não menciona determinados fatos, ou mesmo os apresenta da maneira que lhe é favorável. O obreiro precisa ser enfático, e mostrar a responsabilidade da pessoa em relação aos seus erros, levando-a a tomar consciência que para sermos perdoados e restaurados, dependemos de pelo menos três atitudes básicas: o arrependimento, a confissão dos pecados e o abandono do erro.

Quando não conseguimos nos desvencilhar das nossas atitudes pecaminosas do passado, ou quando não aceitamos o perdão divino estamos fadados ao fracasso e a derrota espiritual. *"O que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas os que a confessa e deixa alcançará misericórdia"* (Pv 28.13)

O obreiro precisa ser hábil na obtenção de informações para a elucidação do problema. O profeta Natã ao abordar Davi sobre os seus pecados, antes de acusá-lo levou-o a se conscientizar do terrível mal que fizera (2Sm 12. 1-15). Vejamos a reação de Davi após as palavras do profeta: *"Vive o Senhor que digno de morte é o homem que fez isto"* (v.5).

A tomada de consciência leva a pessoa ao arrependimento. Arrepender-se, significa reconhecimento dos erros e mudança de

atitude. O salmista Davi foi um exemplo disto, "Pequei contra o Senhor. E disse Natã: também o Senhor traspassou o teu pecado; não morrerás. (ver Salmo 51)

II - Ajudar Na Mudança De Caráter

Algumas pessoas não conseguem libertar-se de determinados hábitos e atitudes pecaminosas, mesmo depois de confessá-los. Isto ocorre, quando o indivíduo tem problemas na formação do caráter.

Uma pessoa dominada por algum problema, principalmente, quando se trata de um trauma da infância, tende a transferi-lo para outras áreas da sua vida, como a sexualidade, a vida afetiva, emocional e espiritual. Em geral cria-se um estilo de vida ou padrões de vida firmados por hábitos pecaminosos que precisam ser vencidos.

A situação se torna mais grave quando não existe consistência na tentativa de adquirir mudanças permanentes, ou quando a pessoa tenta mudar, mas fracassa. Nestes casos se faz necessário uma reestruturação total de vida, uma mudança de caráter. Mudar, às vezes é difícil. Porém, quando a pessoa é orientada a agir de acordo com a vontade de Deus, a mudança passa a ser possível.

O pecado precisa ser tratado como tal. Encobrir ou "dar um jeitinho" não ajuda a pessoa a adquirir um caráter cristão. Ë necessário que se quebre os elos da cadeia pecaminosa. A mudança é um processo que consiste em dois fatores: despojamento e revestimento.

O apóstolo Paulo nos admoesta a nos despojarmos do velho homem (antigo estilo de vida) e nos revestirmos do novo homem (estilo cristão de viver) (Ef 4.22,23). Despojar-se significa abandonar os hábitos pecaminosos. Revestir-se significa adquirir hábitos cristãos. Não adianta apenas deixar de fazer coisas erradas. Precisamos aprender a fazer coisas certas. Paulo diz: "aquele que roubava, não roube mais (despojamento), antes trabalhe" (revestimento) (Ef 4.28).

O cristão precisa por em prática o novo padrão de vida. Os padrões de comportamento não evoluem automaticamente; necessitam ser postos em pratica.

A ajuda pastoral nesse processo é imprescindível porque a pessoa não conseguirá fazer isto sozinha. A libertação do poder da carne depende da ação do Espírito Santo. *"Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte: Mas, se pelo Espírito mortificardes os efeitos do corpo, certamente vivereis".*. (Rm 8.13)

Portanto, cabe ao obreiro ajudar o crente, através da Palavra de Deus a cooperar com o Espírito Santo e trabalhar em conjunto com Ele para alcançar um novo caráter. *"... se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo."* (II Co 5.17).

III - Acompanhar No Processo De Reabilitação

Durante o período da disciplina o crente necessita de acompanhamento. Sua reabilitação depende de alguns cuidados especiais. Uma ovelha ferida requer atenção dobrada.

Às vezes estigmatizamos ou deixamos de lado aquele que caiu. Não visitamos ou telefonamos para sabermos do seu estado, gerando no crente "enfermo" um sentimento de rejeição e revolta.

Assim como alguém que se machuca precisa de algumas sessões de fisioterapia para se reabilitar, do mesmo modo, aquele que pecou, precisará de um acompanhamento pastoral.

Nossa missão, enquanto ministros do senhor é levar o crente "fraco" a compreender o poder do Espírito Santo. Ajudá-lo a resistir à tentação e fugir das paixões da carne. Ensiná-lo a ter auto-controle e cultivar o fruto do Espírito, para adquirir um caráter cristão.

É imprescindível preservar a integridade moral daquele que caiu. Tendo o cuidado para não o expor publicamente. Uma pessoa que se sentir traída poderá se decepcionar profundamente. Os

prejuízos poderão ser incontáveis para a vida dessa pessoa e para o ministério do obreiro.

Precisamos como ministros de Deus ocupar a nossa posição outorgada por Deus proclamando as boas-novas aos perdidos, edificando vidas e restaurando aqueles que fracassaram.

IV - Encontrando O Equilíbrio

Quando alguém entra em crise na igreja, geralmente o pastor procura ajudá-la. O obreiro é um conselheiro nato, que escuta e ajuda os membros da sua igreja na solução dos seus problemas. Em casa serve como coluna para a família, apoiando e escutando a esposa e os filhos. Mas, nos momentos de crise, quem o escutará?

O medo de não ser aceito ou compreendido pelos colegas leva muitos a se calarem e guardarem consigo a sua dor e os seus conflitos. Os resultados podem ser drásticos para a sua saúde física e psíquica. O pastor Elianai Cabral abordando sobre: "Como vencer o esgotamento espiritual no ministério (artigo publicado na Revista Obreiro CPAD), faz a seguinte declaração:

> *Inevitavelmente, existem muitos pastores deprimidos que temem buscar ajuda porque não querem que suas Igrejas tenham a imagem de pastores fracos, sujeitos a erros, carentes emocionalmente. Então, escondem suas fragilidades, abafam seus gemidos interiores, por traz de máscaras de que tudo está bem e certinho; de que seus problemas estomacais, suas sinusites e enxaquecas são meras dificuldades orgânicas, e não emocionais. Quantos de nós sofrem a depressão e não conseguem dormir, tem alterações arteriais contínuas, não conseguem alimentar direito. Alguns de nós tem uma história de vida que nunca foi contada a ninguém, mas que desenvolveu ao longo da vida um estado de baixa-estima, de impotência, de medo, de ira, de ressentimento, de sentimento de culpa. E todas essas coisas negativas, se não forem tratadas, escravizam e acorrentam as suas vítimas.*

Não seria a hora das igrejas estabelecerem um núcleo de aconselhamento para pastores?

Recorrer a um conselheiro, ou a um pastor mais velho, experiente, pode ser uma maneira de se resolver muitos problemas. João batista nos momentos de solidão, na prisão, entrou em conflito. Tinha dúvidas se Jesus realmente era o Cristo. Veja que o próprio João havia testificado acerca de Jesus dizendo: *"Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba e repousar sobre ele. E eu vi, e tenho testificado que este é o Filho de Deus"* (Jo 1.32-34). Agora, ele já não tinha tanta certeza do que havia pregado.

Mas, João não guardou isso consigo. Buscou resolver os seus conflitos. Imediatamente chamou dois dos seus discípulos e enviou-os a Jesus. João precisava de uma resposta. Jesus respondeu:

> *"Ide, e anunciai a João o que tendes visto e ouvido; que os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho"* (Lc 7.22). João ouviu tudo o que já sabia, precisava, apenas, que alguém lhe confirmasse isso.

Precisamos entender que como homem possuímos limitações. O pastor não é um super-homem. Vivemos momentos de êxito e fracassos; prazer e dor; conquistas e perdas; alegrias e tristezas; abundância e escassez. Paulo mostra como aprendeu a lidar com essas situações:

> *"Aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância; em todas as coisas estou instruído tanto a ter fartura, como a ter fome; tanto a ter abundância, como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece"* (Fl 4.11-13).

Busque ajuda quando se fizer necessário. Descubra a razão dos seus problemas e tente solucionar todos os seus conflitos. O apóstolo João escreveu dizendo: *"Amado, desejo que te vá bem, em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como vai bem a tua alma"* (3Jo 2).

Procure compreender a si mesmo e assim será capaz de compreender o outro. Resolva primeiro os seus conflitos interiores para não subir ao púlpito cheio de tensões e medos. Ou carregado de uma visão estereotipada, preconceituosa, impondo ao rebanho aquilo que no fundo não consegue viver ou fazer.

Devemos descer do pedestal e reconhecermos, o fato de que somos frágeis e, como obreiros, estamos sujeitos a quebrar como vasos de barros. Assim aconteceu ao homem, segundo o coração de Deus, Davi (Sl 89.20). Ele reconheceu sua fragilidade e buscou a misericórdia de Deus:

> *"Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que a teus olhos parece mal (...) Esconde a tua face dos meus pecados, e apaga todas as minhas iniquidades. Cria em mim, ò Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto. Não me lances fora da tua presença, e não retires de mim o teu Espírito Santo"* (Sl 51.4,9-11).

O líder não é um solitário. É um indivíduo interdependente. Não tem apenas uma causa, mas também um grupo – Um grupo de pessoas em quem ele está investindo. A prova de uma liderança não está efetivamente no que o líder faz, mas naquilo que os outros fazem como resultado de suas ações. Assim como diz o ditado "tal pastor tal rebanho".

Suas ovelhas não têm apenas mente, mas também coração e vontade. Alcançá-las plenamente, significa levá-las ao equilíbrio total entre o pensar o sentir e o agir. Uma das grandes virtudes de um líder é a capacidade de levar o rebanho a esse equilíbrio (Lucas 2.52). Mas como isso será possível se o próprio obreiro não tiver alcançado esse equilíbrio?

A vida do obreiro refletirá precisamente no comportamento do rebanho. Pastor é aquele que mostra o caminho, planeja, dar informações, conduz, guia, dirige o curso das ovelhas acompanhando-as, avaliando-as, recompensando-as, entre outras.

Definir normas não constitui a essência do ministério pastoral. Todo obreiro precisa ser um bom líder. Ordenar, gerir

chefiar, embora sejam atribuições importantes da sua função, não são sinônimos de liderança. Liderança é a arte de influenciar pessoas. É a capacidade de ajudar o grupo a atingir os seus objetivos ou a satisfazer as suas necessidades. É fazer com que as pessoas ajam de forma efetiva. O verdadeiro líder é aquele que tem capacidade para motivar ou inspirar os outros a segui-lo.

O pastor precisa ter controle sobre todas as áreas da sua vida. O bom obreiro possui uma vida exemplar, dinâmica e disciplinada. Sua vida deve ser submetida ao controle soberano do Espírito Santo (Gl 5.22). Como líder deve ser um exemplo consistente. Nenhuma outra forma de ensino é tão eficaz como essa. (Fl. 3.17). O líder deve considerar os seus problemas como fatores potenciais para o crescimento. A adversidade pode significar avanço. (Fl. 3.13,14).

Portanto, dedique algum tempo para meditar, para pensar. Busque no Senhor orientação consistente. (Pv 3.5,6; Rm 14.5). Reconheça que Deus é a sua fortaleza. Se você se considerar pequeno e incapaz para realizar a sua tarefa, irá tornar-se precisamente isso. (Nm 13.33). Mas, se confiar no Senhor verá que ele está do seu lado para lhe ajudar e fortalecer.

PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO NA IGREJA

O Programa de Orientação é um serviço destinado ao atendimento aos membros da Igreja realizado pelo pastor e/ou pessoas designadas especificamente para este fim. O Programa envolve diversas atividades como, aconselhamento, palestras, cursos, etc.

I - A NECESSIDADE DE UM PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO

Poucos líderes já se deram conta da necessidade do estabelecimento de um Programa de Orientação em suas Igrejas. Há muitas questões que precisam ser tratadas abertamente com os membros da Igreja que estão relacionados a diversas áreas de suas vidas. Às vezes enxergamos apenas os problemas de ordem

espiritual ignorando outros aspectos importantes como: a vida sexual, emocional, familiar, financeira, saúde, etc. Parece que esses assuntos só são valorizados quando ocorrem problemas nessas áreas, exigindo do líder uma tomada de posição. Estas nem sempre têm o intuito de restaurar a pessoa envolvida no problema, mas de puni-la pelos seus atos, principalmente quando se trata de problemas na área sexual.

Quando um problema não é bem tratado as pessoas envolvidas podem sofrer drásticas consequencias. A maioria dessas pessoas não consegue se erguer e carregarão para o resto de suas vidas um estigma de alguém que fracassou e não tem mais o direito de ser restaurada.

Já vimos que Deus quando escolhe alguém para o ministério pastoral confia a essa pessoa o ofício de presidir e admoestar o rebanho de Jesus, o Sumo pastor (1Ts 5.12,17; Hb 13, 17). Cabe a você líder a obrigação de ajudar as ovelhas machucadas, desviadas a se reabilitarem.

O bom líder é capaz de prever o problema antes que este aconteça. Isso retrata a responsabilidade que pesa sobre o pastor para com os que lhe foram entregue para cuidar.

O ministro deve sempre estar disposto a assumir a tarefa plena para a qual Deus o chamou. Uma pessoa dotada de chamado divino tem a incumbência especial de proclamar as boas novas aos perdidos, ministrar a Palavra de Deus aos que foram regenerados pelo Espírito Santo e hoje fazem parte da família de Deus, como também desenvolver uma dinâmica, integrada e globalizante com os membros da Igreja, a fim de promover neles estabilidade social, emocional e espiritual.

O programa de orientação, quando implementado na Igreja, tem um efeito preventivo e ajudará a conter determinados problemas. O apóstolo Paulo considera o aconselhamento como algo vital no ministério e mostra que devemos apresentar todo homem perfeito em Cristo (Cl 1.28).

II - Formas De Orientação

Há diversas maneiras de se desenvolver um programa de orientação na Igreja. Apresentamos apenas algumas sugestões que podem lhe ajudar a criar este serviço na sua Igreja.

1) Aconselhamento

Uma das atividades fundamentais desenvolvidas por meio do Serviço de Orientação é o aconselhamento. Este pode ser realizado de diversas maneiras: aconselhamento individual, para casais, familiar ou coletivo. O líder e/ou a equipe de apoio precisa de uma preparação específica para realizar este tipo de trabalho.

2) Palestras

Outra forma de proceder a orientação é através de palestras, seminários ou simpósios sobre temas específicos como: namoro, relacionamento conjugal, a disciplina no lar, saúde, cidadania, etc. É importante estabelecer sempre um painel para perguntas, sendo encaminhadas para aconselhamento as pessoas que desejam respostas sobre sua vida particular ou familiar.

3) Cursos

O Serviço de orientação deve alcançar os jovens da Igreja promovendo cursos de preparação para o casamento, com direito a consulta a especialistas na área da saúde. A Igreja pode estabelecer esse curso como pré-requisito antes do casamento. Há outros cursos que podem ser desenvolvidos com casais, líderes, professores da EBD, etc.

4) Acampamentos

Uma maneira eficaz de realizar o Serviço de orientação é por meio da realização de acampamentos ou retiros, abrindo espaço nestes para debates sobre temas específicos. Se possível convidar pessoas especializadas como psicólogos (cristãos), médicos,

professores, administradores de empresa que possam orientar os adolescentes, jovens, casais, líderes, etc. sobre a sexualidade, a vida conjugal, a vida emocional, a carreira profissional, entre outros. Cada tema deve ser discutido de acordo com a necessidade do grupo e a faixa etária.

III - Aspectos Básicos Da Orientação

Há alguns aspectos que são imprescindíveis para que o Programa de Orientação funcione bem:

1) Finalidade

O programa de orientação deve ter como finalidade ouvir e responder às necessidades da Igreja e ministério local tratando abertamente dos problemas da Igreja, oferecendo ajuda e apoio emocional e espiritual para todos aqueles que buscarem este serviço.

2) Importância

A orientação tem como base dá um suporte aos membros da Igreja visando ajudá-los em todos os seus problemas, mas principalmente atuar na prevenção desses problemas. Os membros, geralmente, procuram o atendimento pastoral depois que os problemas acontecem. Precisamos implementar uma cultura de prevenção, convocando os membros a buscarem orientação com o intuito de evitar o surgimento de problemas.

Uma pessoa, por exemplo, que é obrigada a se abster sexualmente por uma determinada circunstância precisa do apoio e orientação ministerial. Se a Igreja estabelece um Programa de Orientação voltado para a prevenção, despertará o interesse dessas pessoas para buscarem apoio. Muitas vezes uma orientação ou uma palavra de advertência pode livrar uma pessoa da queda. Pastores, evangelistas e missionários itinerantes também devem ser estimulados a procurar um serviço de orientação e apoio.

3) O local de atendimento

Quando o Serviço de Orientação for destinado ao aconselhamento é necessário a escolha de um local adequado para esta finalidade. O local onde será realizado o atendimento deve ser reservado para evitar que a pessoa se sinta constrangida para falar dos seus problemas. Porém deve-se evitar locais totalmente isolados para que isso não gere desconfiança, principalmente quando se precisa atender alguém do sexo oposto.

4) Agenda

A agenda de atividades do Programa de Orientação deve ser divulgada na Igreja incluindo os dias que foram reservados especificamente para o aconselhamento. O obreiro precisa estabelecer alguns dias da semana para a orientação e aconselhamento.

5) A equipe de apoio

Havendo uma grande demanda o pastor poderá ampliar o atendimento escolhendo obreiros auxiliares, capacitados para o aconselhamento, para fazerem parte do programa de atendimento. As ovelhas não podem ficar sem assistência por falta de espaço na agenda do pastor.

A equipe de apoio deve estar em sintonia com o pastor para que não ocorram choques na maneira como os problemas são tratados. Essa equipe deve ser formada, preferencialmente de pessoas que fazem parte da liderança da Igreja.

Quem trabalha com o aconselhamento precisa possuir as seguintes virtudes: bom caráter, competência, vida espiritual saudável, bons antecedentes, conhecimento teológico e, sobretudo, conhecimento sobre a personalidade humana.

6) A Condução

É importante definir de modo preciso àquilo que deve ser trabalhado na orientação principalmente quando esta é voltada

especificamente para as questões da sexualidade ou problemas conjugais. As atividades devem ser planejadas de acordo com as necessidades da Igreja.

Quando se trata do aconselhamento o obreiro, ao conduzir a sessão, precisa primeiro ouvir a pessoa que busca orientação para saber qual é a sua real necessidade. Não é tão eficaz apresentar soluções sem a exposição clara do problema. Após essa descrição cabe ao obreiro conduzir a orientação de acordo com as necessidades do aconselhando.

7) As respostas

É imprescindível que a pessoa que busca orientação receba as respostas que procura e um suporte espiritual para saber lidar com suas dificuldades. Um aspecto importante que deve ser considerado nos atendimentos é a apresentação de respostas de uma forma prática com alternativas que ajudem o aconselhando a se manter firme diante dos seus problemas.

O líder precisa considerar os aspectos emocionais do aconselhando. Lembre-se que nem todos os problemas estão relacionados à vida espiritual. Problemas psicológicos precisam ser tratados como tal. Cuidado com a espiritualização e demonização das coisas.

8) O encaminhamento

Os problemas mais graves devem ser encaminhados diretamente para o pastor da Igreja. É imprescindível que haja uma triagem. Essa triagem poderá ser feita no primeiro atendimento. Problemas psicológicos como: depressão, fobias, transtornos obsessivos, que não estiverem ao alcance do líder ou equipe de orientação, devem ser encaminhados a um especialista.

O LÍDER E O MINISTÉRIO DO ACONSELHAMENTO

A sociedade atual vive um momento de crise multidimensional, cujas facetas afetam vários aspectos da vida

como: a saúde e a qualidade de vida, as relações sociais, a economia, a tecnologia e a política.

Esta é uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais, que leva multidões, incluindo crentes, a serem tomadas de preocupações, cuidados, ansiedade, dúvidas e temores.

A busca de respostas, a luta pela sobrevivência, o caos social, torna essa gente escrava da agonia e do desespero. Isto gera uma necessidade proeminente de ajuda. Não é por acaso que a cada dia vem crescendo o número de pessoas que frequentam consultórios de psiquiatras e psicólogos, participam das chamadas sessões de "cura interior", realizadas, muitas vezes, por pessoas neófitas, que aplicam técnicas de regressão, levando os indivíduos a entrarem em contato com traumas de sua infância. Uma prática bastante perigosa para quem não tem conhecimento científico acerca da personalidade e do comportamento humano, pois há o risco de uma desintegração da personalidade do outro, e em muitos casos sem caminhos de retorno. Além do que não se pode brincar com sentimentos e emoções alheios.

Frente a essa realidade, como ministros do evangelho, escolhidos por Deus para uma tão sublime missão de apascentar o rebanho do Senhor Jesus – o supremo pastor – como deixar as ovelhas de Cristo a mercê de seus próprios problemas, que deixam às vezes, o manancial de águas vivas, e cavam para si cisternas rotas, que não retêm água? (Jr. 2.13).

I - Exercendo O Ministério Do Aconselhamento

Ninguém melhor do que o pastor para atuar como um conselheiro. O senhor Jesus lhes deu autoridade para presidir e admoestar o seu rebanho. (1Ts 5.12,13; Hb. 13.7,17). Por essa razão, se faz necessário o ministro ocupar parte do seu tempo no trabalho do aconselhamento.

Aconselhamento é algo mais do que encorajamento. Aconselhar é infundir esperanças no aconselhando, levando-o a

encontrar as respostas de Deus para os seus problemas. É, sobretudo a implementação de um padrão de mudanças na vida do aconselhando.

O Aconselhamento – uma função legítima do pastor. A igreja é o centro do propósito divino. Sua existência deve-se a soberana vontade de Deus. Não existe nesse mundo uma organização semelhante à igreja, visto que ela não é apenas uma organização social, mas um organismo vivo, espiritual, que tem como função espiritual ser, na pessoa de Cristo, o centro do propósito redentor em benefício do mundo. Dentre as suas responsabilidades, compete à igreja evangelizar o mundo, alcançando as famílias, promovendo edificação e proporcionando estabilidade social, emocional e espiritual.

O ministro evangélico precisa ocupar a sua posição designada por Deus para ministrar a Palavra, não apenas na pregação, mas também no aconselhamento, ajudando as ovelhas feridas, machucadas, cansadas ou desviadas a se reabilitarem.

É fundamental a criação de um Departamento de Aconselhamento na Igreja. Uma Clínica Pastoral que possa assistir as pessoas, individualmente, ou famílias que enfrentam problemas.

O Ministério do Aconselhamento também pode ser desempenhado por outras pessoas designadas, de preferência, pelo pastor da Igreja. Pessoas que possuem um mínimo de conhecimento sobre a personalidade humana. Pessoas bem ajustadas, de uma personalidade equilibrada. Pessoas, sobretudo espirituais e de bom testemunho.

II - Problemas Tratados No Aconselhamento

A cada dia cresce o número de pessoas em nossas igrejas com problemas emocionais, que vivem a mercê de antidepressivos, ansiolíticos, dentre outros. Muitos desses problemas estão relacionados à área espiritual. Nestes casos, dificilmente a Psicologia ou a Psiquiatria resolverá esta situação. Às vezes

conseguem amenizar o estado da pessoa, sob o preço de torná-la dependente de remédios controlados ou de psicoterapias; ou pelo contrário levará a pessoa a uma mudança repentina de caráter, tornando-a egoísta, e fazendo-a abdicar dos valores morais e espirituais, necessários para seu ajustamento pessoal. Como resultado, algumas dessas pessoas abandonam seus lares, se divorciam, tornam-se promíscuas, buscam uma falsa liberdade, afastam-se da igreja, etc..

Existe diferença entre os distúrbios emocionais e problemas espirituais. Os problemas emocionais são causados por traumas vivenciados principalmente na infância que precisam ser tratados. Os problemas espirituais são oriundos de um padrão pecaminoso que contribui para o desencadeamento de uma crise. Em geral inicia-se com aspectos como: culpa, autocomiseração, ira, descontrole emocional, etc..

Não devemos confundir a natureza pecaminosa que herdamos, que deu origem às doenças de uma forma geral (Rm. 3.23), com pecados cometidos no dia a dia. Qualquer pessoa que viveu alguma situação traumática poderá Ter problemas emocionais, independentemente da sua condição espiritual.

Problemas espirituais não se resolvem com psicoterapias ou com uso de psicotrópicos, mas com a Palavra de Deus, que "penetra até a divisão da alma e do espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração" (Hb. 4.12b). Eis a necessidade de conselheiros cristãos – pessoas qualificadas, com formação específica, que manejem bem a palavra de Deus e tenham um amplo conhecimento da personalidade humana.

III - Conduzindo Uma Sessão De Aconselhamento

Há três elementos chaves que devem fazer parte de uma sessão de aconselhamento: Cristo, o conselheiro e o aconselhado.

É imprescindível que Jesus Cristo esteja presente numa sessão de aconselhamento. De acordo com o profeta Isaías, Ele é o

Maravilhoso Conselheiro, (Is. 9.6). Cristo é o Conselheiro dos conselheiros.

As escrituras devem ser usadas como um manual exclusivo numa sessão de aconselhamento. Só ela é capaz de resolver os problemas humanos na sua totalidade.

Existem pressupostos de proeminentes escolas de Psicologia e Filosofia que procuram entender o comportamento humano, no entanto cometem um grande erro ao ignorar e desprezar a parte essencial do homem que é o seu espírito. Para essas escolas, o homem é um ser tridimensional que consiste nos fatores biológicos, psicológicos e sociais. Seu comportamento é determinado por fatores hereditários, somáticos e socioculturais. Todo processo de desenvolvimento e ajustamento humano é voltado para esses aspectos.

Como muitos problemas humanos estão relacionados com a parte espiritual, ou seja, são desenvolvidos mediante um padrão pecaminoso do indivíduo; neste caso específico, a psicologia torna-se ineficiente.

O conselheiro deve deixar o Espírito Santo guiar a sessão de aconselhamento. É o Espírito Santo que nos guia a "toda a verdade" (Jo. 16.13). Ele é o verdadeiro agente de mudanças.

Quando o Espírito Santo atua é inevitável à existência de mudanças. Uma personalidade mórbida poderá ser transformada, à medida que o Fruto do Espírito é cultivado. Cultivar o Fruto do Espírito é permitir que o Caráter Divino, seja implantando no nosso caráter.

Não será necessário frisar que a oração é imprescindível, antes, durante e após uma sessão de aconselhamento. O conselheiro deve interceder a Deus pelo aconselhando e por si mesmo para que seja um instrumento de Deus, usado para ajudar na solução dos problemas. O apóstolo Paulo ao referir-se a oração, pede em seu favor para que a palavra lhe seja dada com confiança. (Ef. 6.18,19).

É importante que no começo ou no final de uma sessão de aconselhamento, o conselheiro faça uma oração.

ASPECTOS TÉCNICOS DO ACONSELHAMENTO

Para exercer o ministério do aconselhamento o obreiro precisa possuir algumas habilidades específicas que podem ser desenvolvidas. Também deverá usar alguns instrumentos que facilitarão o seu trabalho. Vejamos alguns desses instrumentos e habilidades necessárias:

I - A ENTREVISTA – O FUNDAMENTO DO ACONSELHAMENTO

Dentre os instrumentos que devem ser usados num aconselhamento, a entrevista é um dos mais importantes.

A entrevista é uma forma técnica de indução, cuja finalidade é levar o aconselhando a expressar seus problemas. O conselheiro é apenas um facilitador que ajudará o aconselhando a tomar consciência dos seus problemas e encontrar possíveis soluções.

Através da entrevista o conselheiro deverá alcançar pelo menos três objetivos básicos:

1) Objetivo de Interação

Durante a entrevista é importante que se desenvolva uma relação de confiança mútua entre conselheiro e aconselhando. Essa relação ajudará o aconselhando a não se sentir constrangido ao se expor ao conselheiro e sentir-se motivado para continuar o aconselhamento.

2) Objetivo de coleta de dados

Outro objetivo básico é a obtenção de informações. O conselheiro precisa ter bastante cuidado para não deixar que a ansiedade de querer saber detalhes do problema, que apenas satisfarão sua curiosidade, atrapalhe ou prejudique os aspectos

interacionais, para que o aconselhando não venha se sentir perante um tribunal, sendo submetido a um interrogatório. A coleta de dados deve ser sistemática obedecendo ao seguinte critério:

a) Dados pessoais (nome, endereço, estado civil etc.);

b) Dados biográficos (vida familiar, experiências particulares, vida social, experiência cristã, etc.);

c) Dados históricos dos problemas (como se iniciou, como se desenvolveu ate apresentar-se na forma atual, o que ocorreu imediatamente antes e depois do problema, se já buscou algum tipo de ajuda, quando, com quem, por que etc.).

3) Objetivo de intervenção

A intervenção deverá acontecer de uma forma sistemática. O conselheiro precisa Ter o cuidado para não interromper desnecessariamente o entrevistado. Intervir apenas quando precisar de dados que ajudem na compreensão geral do problema, ou quando perceber que o aconselhando precisa de um feedback, ou uma resposta que lhe ajude no seu processo de mudanças.

II - Como Fazer Uma Entrevista De Forma Sistemática?

Quando uma entrevista não é realizada de uma forma sistematizada, o conselheiro se depara com um emaranhado de informações gerais e específicas que serão difíceis de serem analisadas.

Uma entrevista bem estruturada é dividida em pelo menos três etapas básicas: Introdução, Desenvolvimento e encerramento.

1) Introdução

Inicialmente o conselheiro deve cumprimentar o aconselhando, se apresentar, dizendo o seu nome e função. Se o aconselhando estiver ansioso, utilizar algum procedimento para descontraí-lo diminuindo sua ansiedade, em seguida levantar os seus dados pessoais.

2) Desenvolvimento

Esta é a etapa principal e mais detalhada da entrevista. A partir desse momento o problema passa a ser conhecido através de dados que permitem uma análise geral e preliminar dos mesmos.

No início o conselheiro deve limitar-se a ouvir a queixa do aconselhando, estimulando-o a falar abertamente sobre os seus problemas.

O conselheiro precisa Ter muito cuidado para não induzir o aconselhando a qualquer resposta, sem lhe pedir detalhes. Isto o levaria fatalmente a se desviar do real motivo pelo qual buscou o aconselhamento.

Após a exposição ampla do aconselhando sobre os seus problemas, o conselheiro deverá usar estratégias mais diretivas, no intuito de obter dados mais específicos e precisos. Por exemplo: pedir esclarecimentos, complementação, exemplos, etc., desde que o conteúdo a ser especificado tenha a ver com o conteúdo abordado anteriormente pelo aconselhando.

Esse modelo deve ser utilizado para cada nova questão abordada durante a entrevista, sempre se partindo de aspectos gerais para os particulares.

Quando utilizamos este modelo de entrevista, com certeza, estaremos contribuindo para o desenvolvimento de um clima de confiança entre conselheiro e aconselhando, bem como garantindo que as informações obtidas sejam válidas, uma vez que evita a indução de respostas pelo conselheiro.

Essa fase deve ser concluída com a formulação de uma sumarização dos dados obtidos até aquele momento.

3) Encerramento

Às vezes encerrar uma sessão de aconselhamento se constitui numa difícil tarefa, principalmente quando percebemos que o aconselhando está bastante fragilizado. No entanto, o conselheiro precisa estabelecer um limite de tempo para cada sessão. O ideal é

que esse tempo não ultrapasse 50 minutos, a não ser em situações consideradas extremas.

O conselheiro precisa dar pistas ao aconselhando que o tempo está se acabando, procurando evitar a introdução de assuntos novos que gerem perturbação emocional.

Antes de concluir a sessão é imprescindível que o conselheiro deixe claro qual será o encaminhamento dali em diante, traçando possíveis direções que ajudem o aconselhando a se orientar.

III - Habilidades Para Aconselhar

Partindo-se do princípio que o conselheiro se trata de uma pessoa chamada por Deus para o ministério pastoral, dispensa-se comentários sobre determinadas qualidades, como: espiritualidade, sinceridade, honestidade, equilíbrio emocional, bom caráter, etc.. Já apresentamos no capítulo III algumas habilidades indispensáveis também no aconselhamento. Portanto, apresentaremos apenas algumas habilidades técnicas que não foram mencionadas ainda, porém necessárias para o aconselhamento:

1) Expressão não verbal

A forma de se expressar do conselheiro pode influenciar diretamente no comportamento do aconselhando positivamente ou negativamente, por isso se faz necessário a prática dos seguintes cuidados:

- Use uma voz moderada, suave e firme.
- Fale calmamente, sem pressa.
- Tenha uma expressão facial alegre, animada.
- Olhe direta e seguramente nos olhos do aconselhando.
- Demonstre confiança no que está falando.
- Tenha uma postura corporal adequada dirigida ao aconselhando.

- Use ocasionalmente a expressão "hum-hum", ou balance a cabeça, demonstrando que está interessado no que o aconselhando está falando.
- Dê um sorriso ocasional. Serve para "quebrar o gelo" durante a sessão

2) Saber escutar

Saber escutar é uma arte que não se adquire sem adestramento especial e quer se torna necessária em toda a comunicação interpessoal, mas em particular no aconselhamento. O conselheiro precisa ouvir primeiro o aconselhando, antes de tirar suas próprias conclusões. Portanto, procure seguir o conselho bíblico: "... seja pronto para ouvir, tardio para falar..." (Tg. 1.19).

3) Fazendo perguntas

O conselheiro precisa saber o momento certo para fazer perguntas. As perguntas devem relacionar-se aos objetivos da entrevista, caso contrário parecerão bisbilhotices. Após cada pergunta, deve esperar calmamente a resposta do aconselhando, sem interrompê-lo. A quantidade de perguntas deve ser controlada, para não tornar-se num "bombardeio".

As perguntas podem ser abertas ou fechadas. Uma pergunta aberta trará um volume maior de informações, além de levar o aconselhando a dar respostas mais genuínas, sem sugestões do conselheiro. Um exemplo de perguntas abertas seria: "com isso aconteceu?" – "Como você reagiu diante disso?" – Como você vem se sentindo em relação a isso?".

As perguntas devem ser claras e objetivas, de preferência na linguagem do aconselhando, de forma que este possa ou saiba responde-las.

4) Pedidos de esclarecimentos e complementação

Refere-se à busca de informações adicionais que foram esquecidas ou omitidas pelo aconselhando, que visam

complementar o que fora dito. Por exemplo: "Me fale mais sobre isso". "Cite algum exemplo disso".

5) Operacionalização da informação

Trata-se de uma descrição do problema de forma objetiva e clara para ambos, conselheiro e aconselhando. O conselheiro ajuda o aconselhando a fazer com suas próprias palavras uma descrição inequívoca do problema que está relatando.

6) Parafrasear

Trata-se da reprodução literal de frases ditas pelo aconselhando, que leve a pensar sobre o assunto. O conselheiro deve selecionar as frases que mereçam ser acentuadas e repeti-las de forma lenta, seguido de um momento de silêncio.

7) Reflexão de sentimentos

Refere-se a uma descrição dos sentimentos do aconselhando. O conselheiro precisa Ter habilidades para identificar esses sentimentos, levando o aconselhando a percebê-lo. Veja o exemplo: "Percebo que você está expressando raiva nesse momento."

IV - Instrumentos Usados No Aconselhamento

1) Inventário

Trata-se de uma ficha de coleta de dados. O inventário deve conter informações sobre: dados pessoais, saúde, antecedentes pessoais, família, personalidade, etc..

2) DPP – Descobrindo Padrões Problemáticos

É um instrumento usado para investigar semanalmente determinados comportamentos como: maus hábitos, tensões, encontros interpessoais, fracassos no assumir responsabilidades, mau humor, etc..

3) Tarefas caseiras

Trata-se de atividades sugeridas pelo conselheiro para ser desempenhadas em casa visando ajudar na solução de determinados problemas. Veja os exemplos:

a) Faça uma lista de tudo o que você gostaria de ser e de ter

b) Leia diariamente os textos bíblicos...

c) Nesta semana procure a pessoa que lhe ofendeu e se reconcilie com ela, etc..

Algumas tarefas podem ser desempenhadas durante a sessão de aconselhamento. O conselheiro precisa ser criativo, diversificando essas tarefas.

4) Registro semanal de aconselhamento

Também chamado de bloco de notas. Serve para registrar o fluxo de uma sessão, anotar e avaliar as tarefas caseiras.

V - A Questão Da Ética No Aconselhamento

A ética tem uma função legisladora do comportamento dos homens e da sociedade, oferecendo orientação e a defesa de princípios que atinjam todas essas pessoas. A ética se refere, portanto, à maneira de vida ou de conduta do indivíduo.

Não podemos dissociar aconselhamento de ética. A personalidade do conselheiro; sua maturidade pessoal e profissional, seu autoconhecimento, tornam-se variáveis importantes no processo do aconselhamento.

Estes e outros aspectos relacionados à ética poderiam ser tratados aqui, no entanto, por contenção de espaço, gostaríamos de destacar apenas a questão do sigilo.

Guardar sigilo do conteúdo falado numa sessão de aconselhamento é um pré-requisito básico para quem deseja trabalhar nesse ministério. Se o conselheiro não é capaz de guardar

sigilo daquilo que ouve numa sessão de aconselhamento, não é digno de ser conselheiro.

Por mais simples que seja o assunto tratado, não deve ser compartilhado com mais ninguém. Nem com a esposa, por exemplo, nem com o melhor amigo. Muito menos ser usado como exemplo numa pregação, no púlpito. Uma pessoa que se sentir traída poderá se decepcionar profundamente. Os prejuízos poderão ser incontáveis, tanto para a vida dessa pessoa quanto para o ministério do conselheiro. A Bíblia é explícita ao afirmar: "O irmão ofendido é mais difícil de conquistar do que uma cidade forte..." (Pv 18.19).

O ministro deve sempre estar disposto a assumir a tarefa plena para a qual Deus o chamou, Uma pessoa dotada de um chamado divino, tem a incumbência de proclamar as boas-novas aos perdidos, ministrar a palavra de Deus aos que foram regenerados pelo Espírito Santo e hoje fazem parte da família de Deus, bem como, atuar na área do aconselhamento a fim de promover a essas pessoas a estabilidade social, emocional e espiritual. Portanto, ocupemos a nossa posição outorgada por Deus.

ATIVIDADES – LIÇÃO V

- **Marque "C" para Certo e "E" para Errado:**

1) ❑ O obreiro recebeu a missão de presidir e admoestar o rebanho de Jesus o sumo pastor (1Ts 5.12,17; Hb. 13.7,17), e ajudar as ovelhas machucadas, desviadas ou até mesmo as rebeldes a se reabilitarem.C 127

2) ❑ O gabinete pastoral deve funcionar como um lugar de restauração – uma espécie de "clinica da alma" – que trata dos problemas emocionais e espirituais oriundos de um padrão pecaminoso, que gera culpa, autocomiseração, ira e descontrole emocional. C127

3) ❑ Disciplinar é algo mais do que afastar da comunhão e das atividades da igreja a pessoa faltosa. Isto é necessário, porém, a disciplina não produz efeito se for realizada apenas como uma forma de castigo ou punição. C128

4) ❑ Ser empático é ter a capacidade de perceber e aceitar os sentimentos do outro (sem condená-lo), colocando-se no lugar deste. C128

5) ❑ A disciplina tem a função de levar a pessoa a refletir sobre a sua verdadeira situação e a tomar consciência que sua permanecia no pecado resultará em perdição. C132

6) ❑ Aconselhamento é algo mais do que encorajamento. Aconselhar é infundir esperanças no aconselhando, levando-o a encontrar as respostas de Deus para os seus problemas. C145

Referência Bibliográfica

ABERASTURY, Arminda. Adolescência, 4. Ed. Porto Alegre. Artes Médicas. 1986.

_____ Arminda e KNOBEL, Maurício. Adolescência Normal. Ed. Porto Alegre. Artes Médicas. 1984.

ADAMS, Jay E. Manual do Conselheiro Cristão, São Paulo, Ed. Fiel. 1982.

ALLPORT, Gordon. W. São Paulo: Ed. Herder. 1961,721 p.

_____, Gordon. W. Personalidade: Padrões e desenvolvimento. São Paulo: EPU, 1974.

ATIENCIA, Jorge e MULHOLLAND, Kenneth. Família: Teologia e Alternativas Clínicas, São Paulo, Ed. CPPC, 1984.

BECKER, Daniel. O Que é Adolescência? São Paulo, Brasiliense, 1989.

BERGAMINI, Cecília W. Psicologia aplicada à Administração de Empresas: psicologia do comportamento organizacional. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

CAMPOS, Dinah de Sousa Martins. Psicologia da Adolescência. Petrópolis, Vozes. 1977.

CARVALHO Antonio Vieira de. Manual de Administração – planejando e Administrando as Atividades da Igreja. Ed. Hagnus.

CHIAVENATO, I. Introdução à teoria geral da administração. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999.

_____, I. Gerenciando Pessoas. 2. ed. São Paulo : Makron Books, 1994.

COLLINS, GARY R. Aconselhamento Cristão. Edições Vida Nova, 1984.

Davidoff, L. L. (1983). Introdução à psicologia. São Paulo: McGraw-Hill.

DOUGLAS, Stephen B. O Ministério de Administração. 1. Ed. São Paulo, Candeia, 1999.

ERB, Alta Mae. Criar Filhos não é Brincadeira. Betânia, 1986.

ESTANQUEIRO, A. Saber lidar com as pessoas. Ed. Lisboa: Editorial Presença, 1992.



O ensino teológico além das fronteiras.

Rua Antônio José de Oliveira, 1180 – São Carlos
Caixa Postal 241 - 86800-490 - Apucarana - PR
Fone/Fax: (43) 3426-0003 / Celular: (44) 9131-6417
E-mail: contato@cetadeb.com.br
Site: www.cetadeb.com.br